



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
BACHARELADO EM TURISMO

## **OLHOS D'ÁGUA/GO ENTRE TEMPOS**

MONICA FAZZOLINO PINTO

Orientadora Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Gomes Brasileiro

BRASÍLIA – 2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
BACHARELADO EM TURISMO

## **OLHOS D'ÁGUA/GO ENTRE TEMPOS**

MONICA FAZZOLINO PINTO

Orientadora Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Gomes Brasileiro

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da  
Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau  
de Bacharel em Turismo

BRASÍLIA – 2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

FF287o Fazzolino P., Monica  
OLHOS D'ÁGUA/GO ENTRE TEMPOS / Monica Fazzolino P. ;  
orientador Iara Lúcia Gomes Brasileiro. -- Brasília, 2018.  
128 p.

Monografia (Graduação - Bacharelado em Turismo ) --  
Universidade de Brasília, 2018.

1. Memória de Olhos D'Água/GO. 2. Sinleir Fazzolino . 3.  
Escola Experimental (1978 -1984). 4. Integração Escola e  
Comunidade . 5. Turismo de Base Comunitária. I. Brasileiro,  
Iara Lúcia Gomes , orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Centro de Excelência em Turismo  
Curso de Bacharelado em Turismo

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Turismo

## **OLHOS D'ÁGUA/GO ENTRE TEMPOS**

MONICA FAZZOLINO PINTO

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Gomes Brasileiro (Orientadora)

---

Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva (Avaliador Externo)

---

Prof. Me. Antonio Fávero Sobrinho (Avaliador Interno)

Brasília, 05 de Dezembro de 2018

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha mãe Sinclei Fazzolino por tudo que ela representou e pode desenvolver em vida. Também a todos que, com a mesma intenção de Sinclei, pensam na ecologia humana e agem, sem apego, eticamente pelo bem da coletividade.

## **AGRADECIMENTOS**

O Curso de Bacharelado em Turismo propiciou-me encontrar as ferramentas necessárias e ofereceu oportunidades de adquirir habilidade na procura dos fios de ligação entre: as experiências vividas durante a minha participação nos Projetos de Integração Escola – Comunidade no período de 1978 – 1984 e posteriormente em Olhos D'Água/GO e as referências teóricas. A visão prospectiva relacionada à localidade turística foi consequência dos anos de pesquisa e preparo pelos excelentes professores do CET - Centro de Excelência em Turismo da UnB – Universidade de Brasília.

Agradeço aos meus filhos, Alice, Rafael e Elisa todo apoio nessa caminhada, à amiga Ana Maria Modesto, meus irmãos Denise, Sonia e Eric e a comunidade de Olhos D'Água que me inspiraram.

À Professora Iara Brasileiro, sobretudo, e de maneira muito especial, meus sinceros agradecimentos por todo seu apoio, motivação e confiança transmitida. Soma-se a estes, o esforço da professora para que eu seguisse com objetividade, essencial e preciosa, no processo de construção deste Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Turismo.

Os anos de estudo e reflexões despertaram em mim a vontade de contribuir com a possibilidade do desenvolvimento de um turismo de base comunitária de modo sustentável/sistêmico na localidade de Olhos D'Água, GO.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** - Escola Reunida de Santo Antônio do Olho D'Água/GO (1948)

**Figura 2** - Escola Reunida de Olho D'Água/GO (1948)

**Figura 3** Oficina de Fanfarra de Percussão - Escola Experimental de Olhos D'Água/GO, (1983)

**Figura 4** - Oficina de Bonecas - Olhos D'Água/GO (1981)

**Figura 5** - Oficina da Casa da Memória e do Fazer - Projeto Contação de Histórias e Causos - Olhos D'Água/GO (1983)

**Figura 6** - Sede da APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água/GO (1983)

**Figura 7** - Oficina de Cestaria e Trançados – Olhos D'Água/GO (1980)

**Figura 8** - Oficina de Teatro - Olhos D'Água/GO, (1980)

**Figura 9** - Jornal da Escola Experimental - Olhos D'Água/GO (1982/1984)

**Figura 10** - Oficina de Dança: Dança dos Tapuias - Olhos D'Água/GO (1982)

**Figura 11** - Traição em Olhos D'Água/GO (1982)

**Figura 12** - Alunos e Professores da Escola Experimental de Olhos D'Água/GO (1982)

**Figura 13** - 13ª Feira do Troca de Olhos D'Água (Dez./1980)

**Figura 14** - 90ª Feira do Troca de Olhos D'Água - “Arte em Barro” (2018)

**Figura 15** - 90ª Feira do Troca de Olhos D'Água - “Bonecos” (2018)

**Figura 16** - 90ª Feira do Troca - “Brechós” (2018)

**Figura 17** - 90ª Feira do Troca - “Tendas” (2018)

**Figura 18** - 90ª Feira do Troca de Olhos D'Água/GO “Interior do Brasil”

**Figura 19** - 90ª Feira do Troca de Olhos D'Água/GO “Orquestra de Violeiros” (2018)

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**A. Costa** – Antônio Costa

**ACORDE** - Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos D'Água

**ADODA** - Associação Desportista de Olhos D'Água

**APCAB** - Associação Portuguesa de Cultura Afro-Brasileira.

**APMA** - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água

**CEPLAR** - Campanha de Educação Popular

**CNBB** - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

**COARIDE** - Conselho Administrativo da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno

**CODEPLAN** - Companhia de Planejamento do Distrito Federal

**CPCs** - Centros Populares de Cultura

**DEMEC** - Departamento Municipal de Educação e Cultura

**DF** - Distrito Federal

**DNIT** - Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes

**EDS** - Educação para o Desenvolvimento Sustentável

**EE** - Escola Experimental

**EMBRAFILME** - Empresa Brasileira de Filmes S.A.

**EMBRATUR** - Instituto Brasileiro do Turismo

**ENTBL** - Encontros de Turismo de Base Local

**GO** - Goiás

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



**FEDF** - Fundação Educacional do Distrito Federal

**FUNARTE** - Fundação Nacional das Artes

**LP** - Long Play (disco de vinil)

**MCP** - Movimento de Cultura Popular

**MEB** - Movimento de Educação de Base

**MEC** - Ministério da Educação e Cultura

**MPB** - Música Popular Brasileira

**MS** - Mato Grosso do Sul

**MTUR** - Ministério do Turismo

**NACO** - Núcleo de Artes do Centro-Oeste

**ODS** - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

**PNT** - Plano Nacional de Turismo

**PNMT** - Programa Nacional de Municipalização do Turismo

**PRONASEC/Rural** - Programa Nacional de Ações Sócio-Educativas e Culturais para o Meio Rural

**SEBRAE** - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

**SEC** - Secretaria de Educação e Cultura

**SEPLAN** - Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento

**SUDECO** - Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste, instituição vinculada ao Ministério da Integração

**RIDE/DF** - Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno

**TBC** - Turismo de Base Comunitária

**TBL** - Turismo de Base Local

**TV** - Televisão

**TROCARTE** - Nome de evento no NACO – Núcleo de Arte do Centro-Oeste.

**UNE** - União Nacional dos Estudantes

**UNESCO** - (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*)  
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

**ONUBR** - Organização das Nações Unidas no Brasil

**UTPMP** - Um Teto Para Meu País

**UNV** - Programa de Voluntários das Nações Unidas

**W** - West (Oeste) - Ponto Cardeal

**WWOOF** - World Wide Opportunities on Organic Farm

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

<b>1 - CAPÍTULO I - MÉTODOS E SENTIDOS</b> .....	19
<b>2 - CAPÍTULO II - TEMPOS DE OLHOS D'ÁGUA: PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO E PRESENTE</b> .....	27
2.1 - História e Desenvolvimento de Santo Antônio do Olho D'Água- GO.....	27
2.2 - Breve Análise dos Aspectos Socioeconômicos da Localidade no Contexto de uma Região entre Velhos e Novos Personagens .....	33
<b>3 - CAPÍTULO III - OLHOS D'ÁGUA DE UM TEMPO PRETÉRITO</b> .....	38
3.1 - Breves Referências no Tempo.....	39
3.2 - ESCOLA EXPERIMENTAL, APMA - ASSOCIAÇÃO DE PAIS, MESTRES E AMIGOS DE OLHOS D'ÁGUA E PROJETOS DE INTEGRAÇÃO ESCOLA - COMUNIDADE.....	46
<b>4 - CAPÍTULO IV - TEMPOS TURÍSTICOS EM OLHOS D'ÁGUA</b> .....	76
4.1 Movimentos Culturais Pós-1984 .....	77
4.2 - Algumas Transformações no Contexto Regional .....	80
4.3 - A Feira do Troca e Desenvolvimento do Turismo em Olhos D'Água-GO .....	86
4.4 - Situações-Problemas .....	96
<b>5 - CAPÍTULO V - TEMPO DE TECER</b> .....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	114
<b>ANEXOS</b> .....	125
<b>APÊNDICES</b> .....	128

## INTRODUÇÃO

O estímulo para concretização deste trabalho teve origem no curso de Bacharelado em Turismo do Centro de Excelência em Turismo – CET/UnB, o qual me proporcionou os meios de analisar questões sobre o desenvolvimento, incremento e efeitos do turismo em Olhos D'Água/GO. Essas análises tornaram-se importantes ao garantir a intenção primeira em preservar a memória de um Tempo Pretérito do lugar.

Por vezes, elementos da própria história do lugar indicam algumas direções ou ideias que podem contribuir com a hospitalidade e sustentabilidade local. Dessa forma, as análises no decorrer deste trabalho trazem reflexões sobre o passado não muito distante, os anos de 1978 a 1984, Tempo Pretérito, quando Sinclei Fazzolino<sup>1</sup> e importantes colaboradores desenvolveram trabalhos nas áreas da educação, cultura e meio ambiente com ampla participação da comunidade de Olhos D'Água.

A proposta diferenciada de educação para o desenvolvimento integral do aluno teve na Escola Experimental<sup>2</sup>, idealizada por Sinclei, seu espaço central de ação. A ampliação do campo de atuação para além dos muros e bancos escolares, integrada à cultura local contribuiu com a preservação da tradição por meio de oficinas e de práticas tradicionais objetivando, também, o autossustento da comunidade.

O esforço realizado no passado, em preservar e transmitir os conhecimentos da tradição por meio dos Projetos de Integração Escola - Comunidade não devem se perder no esquecimento. Recuperar a memória das experiências realizadas no período de 1978 a 1984 em Olhos D'Água poderá incentivar a continuidade das práticas tradicionais na

---

<sup>1</sup> Sinclei Fazzolino idealizadora e Diretora da Escola Experimental e Coordenadora dos Projetos de Integração Escola - Comunidade (1978 -1984)

<sup>2</sup> Escola Experimental criada em fevereiro de 1979 na localidade de Olhos D'Água/GO

localidade com vista à sustentabilidade<sup>3</sup> tanto do turismo como de outras atividades e assim também, contribuir para uma cidade hospitaleira para todos.

Neste ano de 2018, completam-se trinta e quatro anos do término dos trabalhos da Escola Experimental e (APMA) - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água envolvidos nos Projetos de Integração Escola - Comunidade desenvolvidos (1978 - 1984). Restam deles apenas registro em relatórios dos projetos da época em acervo pessoal e, ainda, um pouco na memória da comunidade mais antiga da localidade.

O levantamento bibliográfico prévio realizado para o presente estudo revelou que pesquisas de diversos trabalhos acadêmicos sobre Olhos D'Água/GO não apresentam o registro das experiências desenvolvidas no período citado. Também, os jovens da localidade, em sua maioria, desconhecem tanto os mencionados projetos, quanto a influência que exerceram e têm exercido nas práticas atuais, onde oficinas de artesanato, práticas e eventos regionais ainda se fazem presentes.

Considero que a história do desenvolvimento de Olhos D'Água deve ser analisada como patrimônio e a intenção deste trabalho é no sentido de preservar essa memória, fundamental para o próprio reconhecimento e afirmação da identidade e desenvolvimento do sentimento coletivo de pertencimento.

A partir de reflexões de experiências passadas e presentes, no que diz respeito às configurações atuais e à sustentabilidade do lugar, podemos ponderar sobre caminhos a serem trilhados e tomar os devidos cuidados quanto ao processo de planejamento de uma localidade turística que se quer sustentável e hospitaleira.

O Distrito de Olhos D'Água, do município de Alexânia, Goiás pertence à Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE/DF). A localidade está a 18 km da sede do município, Alexânia, distante, por sua vez, 80 km de Brasília com principal acesso pela Rodovia Federal Radial BR 060, Eixo de desenvolvimento, Brasília - Anápolis - Goiânia.

---

<sup>3</sup> Sustentabilidade: Social, cultural, educacional, ambiental, político e institucional

A proximidade e a facilidade de acesso com esses centros fez com que Olhos D'Água recebesse de forma contínua cada vez mais visitantes durante o evento Feira do Troca realizada duas vezes por ano, desde 1974: primeiro fim de semana de junho e de dezembro. A tradição tornou a cidade parte da rota turística do Estado de Goiás e hoje a visitação não acontece apenas no evento.

Na Feira do Troca é possível, como o nome sugere, trocar peças tradicionais da região, como cestos, bonecas, colchas, tapetes, cerâmica, tecelagem, de materiais comuns na região: fibras, palha, bucha, barro etc.; além de antiguidades, plantas, hortifrutigranjeiros, entre outros, por roupas, cobertores e outras utilidades. Os visitantes também assistem a diversas atrações culturais locais e regionais.

O movimento turístico foi crescendo lentamente e, talvez, por isso, a localidade não sofreu grandes impactos negativos ao longo dos anos. A partir de 2011, aproximadamente, começa um gradativo aumento de moradores fixos e de segunda residência, de visitantes e turistas, seguido da abertura de novos empreendimentos, principalmente de pessoas vindas de Brasília, entre outras modificações que afetam a dinâmica local.

Também, é importante ressaltar algumas mudanças na composição do atrativo turístico que chamam a atenção, onde novas práticas parecem estar descaracterizando a Feira do Troca que sempre teve a intenção de valorizar as tradições e contribuir para o autossustento, principalmente da comunidade artesã e de agricultores.

Apesar das mudanças ou novas configurações que afetam a localidade de forma positiva e negativa, ainda percebemos práticas tradicionais realizadas pela comunidade. Assim, uma questão que se apresenta é:

É possível manter a tradição das oficinas artesanais, das festividades tradicionais, dos saberes e fazeres da comunidade mesmo com a tendência de maior impacto dessas novas configurações reforçadas continuamente sem planejamento estratégico e sistêmico?

Percebe-se a necessidade de um planejamento estratégico do turismo e de outras áreas e atividades locais e regionais de forma sistêmica visando evitar ou amenizar as diversas situações problemáticas que já preocupam a comunidade.

Os processos históricos, sociais, políticos, econômicos, culturais, ambientais e educacionais de Olhos D'Água aliados às experiências coletivas locais podem contribuir para um planejamento sistêmico e sustentável.

Ao longo do presente trabalho encontrar-se-á um algo a mais que vale a pena conhecer e que poderá proporcionar visão ampliada e prospectiva de horizontes possíveis.

Diante do exposto, o Objetivo Geral do presente trabalho é refletir sobre as ações desenvolvidas em Olhos D'Água/GO entre 1978 - 1984, como possível recurso para o planejamento do turismo local sustentável.

Nesse sentido os Objetivos Específicos auxiliam oferecendo o suporte necessário ao trabalho “Olhos D'Água/GO Entre Tempos”:

- Conhecer o passado histórico de Olhos D'Água/GO e os atuais aspectos socioeconômicos culturais e ambientais.
- Recuperar os registros e a memória do período de 1978 a 1984 em Olhos D'Água/GO: Escola Experimental, APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água e Projetos de Integração Escola - Comunidade.
- Refletir sobre o desenvolvimento do turismo local ao longo do tempo e a influência nas configurações atuais.

A presente pesquisa histórica exploratória, de abordagem qualitativa, possui caráter, narrativo, dialógico e descritivo. O estudo de campo pretendeu reconstruir o passado histórico sobre a memória coletiva do período entre 1978 a 1984 referentes à Escola Experimental, a APMA e aos projetos desenvolvidos em Olhos D'Água. Considerou-se, também, a percepção coletiva no que diz respeito ao turismo local combinada às análises bibliográficas e documentais no que se refere à fundação e ao desenvolvimento do lugar. A composição apresenta sentido no tempo presente e espera oferecer contribuição futura.

Este trabalho estruturou-se a partir de referenciais temporais do Tempo Pretérito e do Tempo Presente e são estes que conduzem a presente pesquisa “Olhos D'Água/GO Entre Tempos”. A escolha dos tempos verbais refere-se aos tempos vividos desta

pesquisadora na localidade de Olhos D'Água. São, portanto, o Tempo Pretérito e o Tempo Presente, fios mestres de todo o trabalho exploratório que possibilitaram conhecer e fazer conhecer um pouco desses e d'outros tempos.

Outros tempos referem-se à época de fundação e mudanças administrativas ocorridas e o Tempo Pretérito-mais-que-perfeito, atende ao propósito. Desse modo, a solução de relacionar, dentro do possível, os tempos dos acontecimentos aos três tempos verbais foi, então, a melhor forma encontrada para o acompanhamento do leitor.

O “Tempo Presente”, entende-se o que é, e o Tempo Pretérito, trata de um passado mais próximo, contemplando os anos a partir de 1978 até 1984, principalmente. O ano de 1978 marca a minha chegada à comunidade e 1984 refere-se ao ano de término dos Projetos de Integração Escola-Comunidade realizado. A pesquisa tomou como base, também, os depoimentos coletados em entrevistas informais e pesquisas documentais.

Também, ligeiramente, percorro o Tempo Pretérito-Mais-Que-Perfeito, período anterior ao Tempo Pretérito, uma das referências temporais, principalmente, no que se refere às décadas de 1940 a 1970 por meio de pesquisa histórica exploratória envolvendo levantamento bibliográfico e documental, por excelência.

Assim, a pesquisa “OLHOS D'ÁGUA/GO ENTRE TEMPOS” apresenta-se em cinco capítulos referenciados no tempo.

Capítulo I: “MÉTODOS E SENTIDOS”: Esclarece sobre os métodos, técnicas e práticas adotadas na pesquisa como um todo e alguns procedimentos metodológicos específicos.

Capítulo II: “TEMPOS DE OLHOS D'ÁGUA: PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO e PRESENTE” procura atender à composição relacionada aos dois tempos cronológicos explicitados no título em duas partes. Trata sobre a fundação e mudanças administrativas ocorridas e elementos presentes na atualidade.

Capítulo III: “OLHOS D'ÁGUA DE UM TEMPO PRETÉRITO pretende, principalmente, recuperar parte da memória da história educacional e cultural da comunidade local: Escola Experimental, APMA - Associação de Pais, Mestres e



Amigos de Olhos D'Água e Projetos de Integração Escola - Comunidade, referente ao período de 1978 a 1984.

Capítulo IV, “TEMPOS TURÍSTICOS EM OLHOS D'ÁGUA” discorre brevemente sobre os movimentos pós-1984 na localidade; aponta algumas transformações que ocorreram no contexto regional e reflete sobre a evolução do turismo em Olhos D'Água ao longo do tempo.

Capítulo V, “TEMPO DE TECER”, apresenta o Memorial Olhos D'Água, um lugar de memória em construção contínua sobre tempos passados com rico acervo. Arrematam-se os laços de capítulos anteriores, com reflexões e analogias no que diz respeito às semelhanças e afinidades entre os tempos, com vistas à composição futura. Assim, completa-se e termina por hora essa pesquisa. Seguem-se as Considerações Finais, Referências, Apêndice e Anexo.

# 1 - CAPÍTULO I

## MÉTODOS E SENTIDOS

A designação do presente capítulo, “Métodos e Sentidos”, inspirou-se nas considerações de Silva (2009) ao discorrer sobre a trilogia<sup>4</sup> de Jörn Rüsen. As obras reportam-se à teoria e à metodologia utilizada em pesquisas científicas referente à historiografia.

A opção narrativa descritiva atende aos discursos coletivos no decurso dos tempos passados e presentes. Rüsen (2001) recomenda ser necessário, não apenas ver as árvores isoladamente, mas, também, perceber a floresta - assim, a reconstrução de um passado histórico deve ser significativa no presente podendo abrir perspectivas que façam sentido.

O autor esclarece

O passado é, então, como uma floresta para dentro da qual os homens, pela narrativa histórica, lançam seu clamor, a fim de compreenderem, mediante o que delas ecoa, o que lhes é presente sob a forma de experiência do tempo (mais precisamente: o que mexe com eles) e poderem esperar e projetar um futuro com sentido. (RÜSEN, 2001, p. 62)

A respeito da narrativa histórica, Rüsen (2001), ainda explica:

Com isso a expectativa do futuro vincula-se diretamente à experiência do passado: a narrativa histórica rememora o passado sempre com respeito à experiência do tempo presente e, por essa relação com o presente, articula-se diretamente com as expectativas de futuro que se formulam a partir das intenções e das diretrizes do agir humano. Essa íntima interdependência de passado, presente e futuro é concebida como uma representação da continuidade e serve à orientação da vida humana prática atual. (RÜSEN, 2001, p. 64)

---

<sup>4</sup> Trilogia Historiográfica - *Grundzüge einer Historik* - Esboço de uma Teoria da História, composta por três obras: *Historische Vernunft* - Razão Histórica – Teoria da História I: Os Fundamentos da Ciência Histórica (2001); *Rekonstruktion der Vergangenheit* - Reconstrução do Passado – Teoria da História II: Os Princípios da Pesquisa Histórica (2007) e *Lebendige Geschichte* - História Viva: Teoria da História III: Formas e Funções do Conhecimento Histórico (2007).

É importante ressaltar, nas palavras de Rüsen (2001) que “... o pensamento histórico é fundamental para os homens se haverem com suas próprias vidas, na medida em que a compreensão do presente e a projeção do futuro somente seriam possíveis com a recuperação do passado.” (RÜSEN, 2001, p.30)

Textos narrativos foram considerados por muitos historiadores, de cunho literário apenas, e o pensamento de que não apresentariam validade científica é criticado na trilogia de Rüsen que incorporou as narrativas na pesquisa histórica. Silva (2009) explica:

A preocupação em refletir sobre as especificidades narrativas do texto historiográfico não o conduziu a perspectiva de reduzir o discurso histórico a aspectos literários, mas à possibilidade de reabilitar a ideia de narratividade conectada aos procedimentos metódicos da pesquisa. (SILVA, 2009, p.34)

Rüsen (2007) discorre sobre os fatores “forma e função” que não podem deixar de ser considerados ao pensar o processo científico do conhecimento histórico e assim elucida:

Nenhum saber histórico é amorfo. O saber histórico desempenha sempre funções na vida cultural do tempo presente. Forma e função são essenciais ao trabalho do historiador. É mesmo em sua forma e em suas funções que o saber histórico se completa. Somente nelas é que ele toma vida. É com elas que ele responde às carências de orientação que suscitou. São elas que tornam necessários e significativos todos os esforços de reflexão da história como ciência. (RÜSEN, 2007, p.10)

A utilização de narrativas históricas no presente trabalho apresenta caráter dialógico e descritivo e pretende reaver a memória referente ao período entre 1978 a 1984 em Olhos D'Água/GO. O marco representa um Tempo Pretérito, quando a comunidade participou dos processos desenvolvidos na cidade por meio de ações da Escola Experimental, da APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água e dos Projetos de Integração Escola - Comunidade.

A pesquisa procurou captar, também, as percepções coletivas sobre as configurações atuais na localidade, onde morador e visitante fazem uso dos mesmos espaços e neles convivem.

A abordagem qualitativa emprega técnicas da pesquisa exploratória e Gil (2008) esclarece ser este um nível de pesquisa social. Envolvem, entre outros processos, levantamento bibliográfico, documental, entrevistas não padronizadas. O autor ainda considera que esse tipo de pesquisa é preferido quando: “o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (GIL, 2008, p. 28)

Outra técnica de coleta de dados, a observação, pode utilizar-se de meios estruturados ou não estruturados e segundo o grau de participação do observador pode ser participante ou não participante, conforme explica Gil (2008).

A formulação das perguntas para as entrevistas não assumiu um caráter metódico, mas seguiu o contexto da conversação e como explica o citado autor, no presente caso constituíram-se em entrevistas não estruturadas. A forma de observação considerada nesta pesquisa foi a de participante natural. A observação participante ou ativa natural ocorre “quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga.” (GIL, 2008, 103).

Pelos anos em estreita relação social com a comunidade, moradora por mais de 30 anos, além de ter trabalhado como professora por mais de 17 anos no local, considero-me, também pertencente à comunidade de Olhos D’Água/GO. Esse fato, também, facilitou meu acesso às dinâmicas locais e possibilitou compreender um pouco mais sobre os modos de pensar e sentir da população local e suas tradições.

Outra questão que deve ser considerada é ter tido ao longo do tempo, também, contato, de forma direta, com as dinâmicas das cidades grandes por meio da origem, familiares, amigos, estudos, entre outros. Esta circunstância, do mesmo modo, facilitou meu acesso àqueles considerados “os de fora”, turistas e moradores de segunda residência que representam gostos, formas de pensar e agir muitas vezes diferentes, mas às vezes semelhantes aos dos locais.

Faz-se necessário esclarecer alguns pontos quanto à técnica empregada de observação participante natural desta pesquisadora para não deixar qualquer dúvida a respeito da veracidade e distanciamento necessários do objeto de estudo, exigência em pesquisas que apresentam rigor científico.

Há, de fato, uma estreita relação da pesquisadora com a comunidade de Olhos D'Água, como moradora integrada nas relações sociais. No entanto, o tempo das ações com os Projetos de Integração Escola - Comunidade (1979 – 1984) em Olhos D'Água já percorreu uma distância cronológica de 34 anos desde o término dos projetos. De tal modo, o caráter de envolvimento emocional pôde ser controlado pela própria distância temporal do objeto de estudo, tornando razoável supor que o caráter subjetivo dos depoimentos dos participantes não tenha afetado o registro das ações desenvolvidas, aqui rememoradas.

Percorro um passado histórico narrando de forma descritiva alguns fatos e acontecimentos do lugar, a comunidade, ações desenvolvidas no tempo, e contemplo as percepções atuais e lembranças dos participantes. Quanto à perspectiva desta pesquisadora, ela coincide e se assemelha às impressões apresentadas nos depoimentos da época, descritos nos relatórios dos Projetos de Integração Escola - Comunidade, já mencionados, e nos depoimentos atuais da memória coletiva, relatados no Tempo Presente. Assim, este registro apresenta validade científica.

A estrutura deste trabalho apresenta especificidades quanto aos procedimentos adotados nos capítulos centrais II, III e IV, diretamente vinculados aos objetivos específicos.

Dessa forma:

O Capítulo II - “Tempos de Olhos D'Água: Pretérito Mais Que Perfeito e Presente” vincula-se ao objetivo específico: “Conhecer o passado histórico de Olhos D'Água/GO e os atuais aspectos socioeconômicos culturais e ambientais”.

A primeira parte: “História e Desenvolvimento de Santo Antônio do Olho D'Água, GO” refere-se ao final da década de 1930 – 1977 e esclarece um pouco sobre a história de fundação de Olhos D'Água e processos político-administrativos, que influenciaram o desenvolvimento local. O limite temporal trata do final da década de

1930 (período inicial da fundação) até 1977 (Antes da chegada de Sinleir a Comunidade em 1978) e quando for possível será utilizado o tempo verbal pretérito-mais-perfeito. .

A segunda parte: “Breve Análise dos Aspectos Socioeconômicos, Culturais e Ambientais da Localidade no Contexto de uma Região entre Velhos e Novos Personagens” faz referencia ao tempo presente, principalmente, a partir de 2011; época em que eu já não era moradora fixa na localidade, mas ainda em permanente contato com a comunidade e as dinâmicas locais.

O procedimento metodológico adotado no Capítulo II é por excelência documental por haver encontrado pouco material bibliográfico. As fontes oficiais utilizadas nesta parte da pesquisa foram Leis e Decretos expedidos pela Casa Civil do Estado de Goiás; os *sites* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), das Prefeituras e Câmaras Municipais de Alexânia e Corumbá. Também, houve contribuição do Memorial Olhos D’Água por meio do seu acervo exposto, do Portal de Olhos D’Água, entre outros.

Certamente, novos estudos complementares devem ser realizados referentes ao período anterior e sobre a própria fundação de Olhos D’Água, no entanto, a pesquisa não pretende aprofundar-se no assunto.

O Capítulo III: “Olhos D’Água de um Tempo Pretérito: Escola Experimental, APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D’Água e Projetos de Integração Escola - Comunidade” vincula-se ao segundo objetivo específico: “Recuperar os registros e a memória do período de 1978 a 1984 em Olhos D’Água/GO: Escola Experimental, APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D’Água e Projetos de Integração Escola - Comunidade.” O capítulo divide-se da seguinte forma:

- “Breves Referências no Tempo”
- “Escola Experimental, APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D’Água e Projetos de Integração Escola – Comunidade (1978 – 1984)”

Os estudos de campo foram realizados em diversos períodos inter-relacionados e referem-se às pesquisas documentais:

- Relatórios dos Projetos de Integração Escola-Comunidade (1982, 1983, 1984); Plano de Funcionamento da Escola Experimental e documentos diversos da APMA, entre outros. (Acervo Pessoal)
- Estudos de campo em 2005 e referentes ao trabalho de autoria própria, em Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Gestão Educacional, na Universidade Estadual de Goiás (FAZZOLINO, 2005) anterior, portanto, à presente pesquisa e que contribuíram na articulação entre os registros.
- Estudos de campo em 2015 a 2017 em diversas disciplinas do Curso de Bacharelado em Turismo, CET/UnB.
- Estudo de campo em 2018 na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, que constituem, por hora, a pesquisa final.

Além destes, a técnica de observação como participante natural da pesquisadora foi fundamental e baseada na longa trajetória vivenciada em contínuo processo de relação entre os tempos junto à comunidade de Olhos D'Água/GO.

A pesquisa documental realizada neste capítulo concentrou-se em acervo pessoal descrito acima, depoimentos realizados em entrevistas informais e não estruturadas nos diversos períodos citados. Entre os depoentes estão instrutor de oficinas; professores da Escola Experimental e da Escola Padre Antônio Marcigalha, pais, alunos, monitores e comunidade em geral da época mencionada.

Gil (2008) explica vantagens do uso de fontes documentais por possibilitarem o conhecimento do passado: “os dados documentais, por terem sido elaborados no período que se pretende estudar, são capazes de oferecer um conhecimento mais objetivo da realidade.” (GIL, 2008, p.153).

O Capítulo IV “Tempos Turísticos em Olhos D'Água”, penúltimo desta pesquisa, vincula-se ao último objetivo específico: “Refletir sobre o desenvolvimento do turismo local ao longo do tempo e a influência nas configurações atuais.” e apresenta as seguintes partes:

- Movimentos Culturais Pós-1984
- Algumas Transformações no Contexto Regional
- A Feira do Troca e Desenvolvimento do Turismo em Olhos D'Água/GO.
- Situações-Problemas

As imagens fotográficas apresentadas neste trabalho possibilitam ao leitor alguns referenciais comparativos de tempos distintos, principalmente no Capítulo IV que, entre outras reflexões, discute sobre as mudanças na configuração da Feira do Troca ao longo do tempo e os efeitos produzidos para o morador e o visitante.

Esse capítulo apresenta um breve relato dos movimentos culturais do passado, Pós-1984 até 2010 e do presente, a partir de 2011, que incrementaram o movimento turístico da localidade. Trata, também de transformações no município de Alexânia/GO com a Rodovia Radial BR 060, Eixo de Desenvolvimento Brasília – Anápolis - Goiânia e recupera um pouco das mudanças ocorridas ao longo do tempo desde a primeira versão da Feira do Troca em dezembro de 1974 até a 90ª versão da Feira realizada em junho de 2018.

O Capítulo IV, também, reflete sobre os efeitos decorrentes do incremento do turismo e o aumento de moradores fixos e de segunda residência sem um planejamento sistêmico entre os diversos campos relacionados com a atividade turística. Complementa-se à reflexão, o Quadro 2 “Síntese de Situações-Problemas e Propostas” (Apêndice 2), que procurou sintetizar as percepções e propostas sugeridas por moradores antigos e novos, turistas e visitantes. Estas foram coletadas por meio de entrevistas informais e não estruturadas, assim como pelos registros referentes, na página da Prefeitura de Alexânia/GO e em reuniões realizadas na localidade.

O trabalho desenvolvido em campo possibilitou um conhecimento mais aprofundado da percepção de moradores visitantes e turistas sobre questões que afetam a sustentabilidade e a hospitalidade de todos que convivem no lugar.

O método dialógico indutivo transparece no Capítulo V “TEMPO DE TECER” e desenha-se da seguinte forma: apresentam-se alguns tipos de práticas desenvolvidas consideradas como turismo sustentável, algumas recomendações do Ministério do Turismo e de estudiosos sobre turismo com experiência no planejamento sustentável em pequenas comunidades e a ideia de cidade educativa e hospitaleira.



A partir daí retomo as experiências relatadas do Capítulo III referentes à Escola Experimental, à APMA e aos Projetos de Integração Escola-Comunidade de Olhos D'Água (1978 – 1984) articulando com as questões discutidas no Capítulo IV sobre as configurações atuais.

O termo configurações atuais diz respeito às novas dinâmicas que se desenvolvem no lugar. Comparando as configurações atuais com às do passado percebe-se mudanças positivas e negativas e à necessidade de planejamento sistêmico, com vista a contribuir para a sustentabilidade de Olhos D'Água.

Partirmos, então à viagem nas águas de histórias passadas e presentes, carregadas de significado que nos permitirão pensar no futuro.

## **2 - CAPÍTULO II**

### **TEMPOS DE OLHOS D'ÁGUA: PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO E PRESENTE**

Este capítulo percorre caminhos da história de Santo Antônio do Olho D'Água, conhecido como Olhos D'Água; referindo-se ao curso de água que brota da terra, chamado de mina ou olho d'água. O nome do santo, padroeiro da localidade, faz referência àquele representado pela igreja católica que recebeu a doação de terras e a devoção esperando receber uma graça divina em troca.

Na história desse lugar apresentam-se breves lembranças sobre a origem do povoamento e esclarecimentos sobre mudanças político-administrativos ao longo do tempo, final da década de 1930 até final de 1977. No final, faz-se uma breve análise dos aspectos socioeconômicos atuais da localidade no contexto da região.

#### **2.1 - HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DE SANTO ANTÔNIO DO OLHO D'ÁGUA/GO**

Para chegar à história de criação de Santo Antônio do Olho D'Água é preciso lembrar tempos mais antigos. O Tempo verbal Pretérito-mais-que-perfeito, não muito utilizado atualmente, me pareceu adequado para contar sobre essa parte da história desse lugar do interior de Goiás.

Meia Ponte, atual Pirenópolis, importante região de garimpo e intensa rota comercial da Província de Goiás, do período colonial, nos séculos XVIII e XIX fora a

região-mãe que abrigara os povoamentos de Corumbá de Goiás e por consequência, Olhos D'Água.

A Vila de Corumbá, atual Corumbá de Goiás pertencera a Meia Ponte (Pirenópolis) até 1849, conforme registros: “No século XIX, em 1849, a povoação foi elevada à condição de vila e desmembrada de Pirenópolis (antiga Meia Ponte) e, em 1902 tornou-se município.” (IPHAN, 2018).

Dos povoamentos de Corumbá de Goiás surge Santo Antônio do Olho D'Água. A mina d'água que existira no lugarejo explica o nome Olho D'Água, paragem que servira aos tropeiros e boiadeiros para pouso, abastecimento da tropa e alimentação de seus animais durante o garimpo e andanças comerciais pelos caminhos de Goiás.

A respeito do nome, Santo Antônio de Olho D'Água dera-se por uma promessa ao santo no final da década de 1930. Esta fora realizada por uma moradora das redondezas. No entanto, no presente, há dúvidas sobre o nome exato daquela que fizera o voto, Maria Alves Magalhães, Maria Sebastiana Magalhães ou Francisca dos Anjos.<sup>5</sup>

Igualmente, existem controvérsias a respeito do motivo do voto. Hoje, alguns afirmam que a promessa de construir uma capela homenageando Santo Antônio teria sido feita para garantir que a escravidão não mais voltasse como era espalhado por burburinho. Outros se referem à promessa pelo receio de que o comunismo, nazismo e/ou fascismo se instalassem no país e uns afirmam que tenha sido, tão somente, pela simples fé de pessoas que eram devotas do santo.

De qualquer forma, o Padre Luiz Maria Zephirino, Delegado Paroquial, unira os fazendeiros e moradores da região para contribuir com a construção de uma capela para Santo Antônio visando atender aos devotos. Os fazendeiros locais, Geminiano Ferreira de Queiroz e João Parente doaram partes de suas terras, ao todo 15 alqueires, em nome

---

<sup>5</sup>Maria Alves Magalhães: Nome citado em Notas do pesquisador historiador Silva (1997, p.132; Francisca dos Anjos: Nome citado em Boi D'Água, (Acervo Pessoal), onde a história do lugarejo é contada para apresentação teatral (Associação Bumba Meu Boi D'Água, 2003) Maria Sebastiana Magalhães: Nome citado em “Olhos D'Água: A História de sua Origem” por Enedina Fernandes de Queiroz (Memorial Olhos D'Água, 2018).

do santo à igreja católica. O feito também contribuíra para a criação de um município independente de Corumbá que explico adiante.

Construída a capela, com toda a pompa, deu-se a primeira missa rezada em 13 de julho de 1941. A partir de então, muitas outras procissões, missas, batizados e festas em homenagem ao santo realizaram-se no povoado de Santo Antonio de Olho D'Água.

Essa história é muito semelhante à criação de outros povoados e cidades brasileiras. Tudo acontecia em torno de uma capela...

O pesquisador Silva (1997) em Notas no Livro “Construção de Brasília: Modernidade e Periferia” de sua autoria, apresenta a Ata da Inauguração da Capela de Santo Antônio de Olho D'Água transcrito do Jornal Corumbaense Goiano, números 4 e 5 de 15-07-1941.

A Ata narra desde o voto ou promessa feita para a construção da capela, a escolha do local; a benção da capela e da imagem de Santo Antônio no dia 13 de julho de 1941. A quantia arrecadada com as esmolas e os leilões contribuíram com os gastos em materiais para a nova escola, conforme explica abaixo:

[...] chegaram a um conto tresentos [*sic*] e trinta e cinco mil réis – saldando algumas despesas orçadas em quinhentos mil réis – empregando também para gastos de materiais para a nova escola. (SILVA, 1997, p. 133)

Nesse mesmo dia foram realizados: “oitenta e quatro crismas pelo Delegado Parochial – 14 casamentos e trinta e dois paptizados” (SILVA, 1997, p.132) e estavam presentes 2.500 romeiros. A quantidade de romeiros, batizados e casamentos constantes da Ata de Inauguração da Capela comprovam que a localidade já teria sido um povoado movimentado de Corumbá de Goiás. A escola mencionada na Ata teria sido a primeira na localidade, criada com o nome de Escola Reunida, inaugurada em 28/01/1948.

Assim, subordinado a Corumbá de Goiás, Santo Antônio de Olho D'Água esteve na condição de povoado até tornar-se Distrito de Corumbá/GO, que se apresenta em

Leis<sup>6</sup>: Lei Municipal Nº 170, de 26-12-1953 descrito no Artigo 2º do documento da Prefeitura Municipal de Corumbá de Goiás - Lei Nº 215, de 01-09-1958.

No mesmo documento citado acima, no Artigo 1º delibera sobre a constituição de Olho D'Água em município autônomo (Prefeitura Municipal de Corumbá de Goiás, na Lei Municipal 215 de 01-09-1958) e, assim esclarece:

Art. 1º - O município de Corumbá de Goiás aquiesce ao desmembramento de seu território do atual distrito de Santo Antônio de Olho d'Água, para se constituir em município autônomo.

Art. 2º - Os limites do município a se criar: serão os mesmos do atual distrito de Santo Antônio de Olho d'Água; criado pela Lei nº 170 de 26 de dezembro de 1953. (Prefeitura Municipal de Corumbá - Lei Nº 215 de 01 de Setembro de 1958)

A Lei Estadual nº 2.115, de 14-11-1958 da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, apresenta o município autônomo, com o nome Município de Olhos D'Água<sup>7</sup>, desmembrado de Corumbá de Goiás, instalado, de fato em 01-01-1959.

Assim, o então povoado constituído em distrito sede se movimentava com comércio variado, Prefeitura<sup>8</sup>, Câmara Municipal e outros que colaboraram para o incremento do pequeno município.

A data de inauguração da nova capital do Brasil aproximava-se e ao mesmo tempo o plano de integração do centro do país por meio de estradas acontecia. A construção da BR 060, eixo de ligação entre Brasília (DF) e Bela Vista (MS) passando

---

<sup>6</sup>Prefeitura Municipal de Corumbá de Goiás: Lei 215 de 01 de Setembro de 1958 e Estado de Goiás: Lei nº 2115, de 14-11-1958.

<sup>7</sup> Na Lei Estadual nº 2.115, de 14-11-1958 da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás o nome da localidade aparece no plural, Olhos D'Água, como conhecemos atualmente. Apesar disso, alguns documentos apresentam o nome Olho D'Água, no singular e outros acentuam Ôlho D'Água.

<sup>8</sup> Prefeitos do Município autônomo de Olhos D'Água: Foram nomeados João Alves Magalhães Divino e em mandato-tampão, José Leal de Fontes. O primeiro prefeito eleito em 1960, Alex Abdallah toma posse em 31-01-1961. Ao final do mesmo ano 14-11-1961 pela Lei Estadual Nº 4.919, a sede administrativa é transferida para o novo município, Alexânia. O nome faz homenagem ao fundador e último prefeito mencionado.

pelo novo Município de Alexânia, (ainda não criado), contribuiu para a migração e instalação de trabalhadores oriundos, principalmente de outras regiões de Goiás e Minas Gerais.

Conforme registro da Câmara Municipal de Alexânia, em 1960, fora realizada a primeira eleição no município, e empossado o prefeito, Alex Abdallah, em janeiro de 1961. No mesmo ano, novas *agitações*: “Por força da Lei Municipal nº 4, de 21-06-1961, a sede municipal foi transferida para o povoado de Alexânia, mantida, porém, a denominação de Olhos D’Água<sup>9</sup>.” (Secretaria da Casa Civil de GO – D.O. de 4/12/63 ).

Desse modo, com aprovação de dois terços de votos da Câmara Municipal decidiu-se pela transferência da sede do município para as proximidades da Rodovia Federal Radial BR 060 em terrenos do então prefeito Alex Abdallah e do professor Nelson Santos. Ali, já em formação, os pequenos povoados de Alexânia e Nova Flórida em terrenos doados e/ou vendidos a preços baixos para instalação do novo município, Alexânia.

Com o nome da nova cidade em homenagem ao fundador e idealizador, senhor. Alex Abdallah, a Lei Estadual esclarece a todos a respeito da mudança de nome do Município; “Art. 1º: O atual município de Olhos D’Água passa a denominar-se Alexânia.” (Lei Estadual nº 4.919, de 14-11-1963)

A Prefeitura de Alexânia em sua página sobre a história do município, explica: “transfere a sede municipal do distrito de Ôlho D’Água para os povoados de Alexânia e Nova Flórida.” Oficialmente, e de fato, Alexânia tornara-se a sede do município com publicação da Lei em D.O 4/12/1963. Assim, Olhos D’Água, anexado a Alexânia, voltara à condição de povoado.

“Reza a lenda”, que políticos locais junto com o primeiro prefeito eleito, Alex Abdallah, resolveram, na calada da noite ou do dia, transferir a sede do município para a nova cidade. A nova situação causou espanto em muitos moradores.

---

<sup>9</sup> O nome Olhos D’Água no plural aparece em diversos documentos oficiais da Secretaria do Estado da Casa Civil do Estado de Goiás: Lei 2.115, de 14 de novembro de 1958; Criação de Municípios; Lei 4.919, de 14 de novembro de 1963 – D.O. de 04/12/63.

Sem explicações, a comunidade se viu de uma hora para outra sem as instituições administrativas e de apoio, como prefeitura, secretarias, correio, energia elétrica – devido à transferência do gerador – e sem o comércio variado, entre outras comodidades que movimentavam o lugar.

A “busca pelo progresso” falara mais alto no ato de transferência da sede do município próximo ao eixo de ligação entre a Capital Federal e a Capital do Estado de Goiás. Tempos interrompidos afastaram o que existia de mundo antigo e gritos de tempos modernos sobressaíram. Momento de desconstrução doloroso para a comunidade que permaneceu e resistiu. No final de 1977, a promessa de que a energia elétrica seria reinstalada no ano seguinte trouxe esperança à comunidade.

É nesse ponto que saímos do Tempo Pretérito-mais-que-perfeito e começamos o Tempo Pretérito a ser tratado no próximo Capítulo III. Com o passar dos anos, conforme a Lei Municipal nº 132, de 30-06-1989, Olhos D’Água, novamente foi elevada à categoria de distrito, e assim permanece até a atualidade.

No final de 1978, o discurso de inauguração da luz pelo então prefeito, Aurelino de Oliveira Filho em caminhão aberto, na Praça Santo Antônio anunciava novos tempos. Mesmo após retorno da energia elétrica, em fins de 1978, até meados da década de 1990 não foram oferecidos: telefone residencial, sinal de operadora de celular, *internet*, coleta de lixo ou transporte público.

Ainda hoje apenas uma operadora de celular disponibiliza sinal em alguns pontos e não existe transporte público de Olhos D’Água para Alexânia, entre outras dificuldades que no decorrer do trabalho explico melhor.

## 2.2 - BREVE ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DA LOCALIDADE NO CONTEXTO DE UMA REGIÃO ENTRE VELHOS E NOVOS PERSONAGENS

Olhos D'Água completou 77 anos em 13 de julho de 2018, e encanta pelo ambiente bucólico, a tranquilidade geral e pela existência de práticas tradicionais da cultura local. Esse sossego atraiu novos moradores e fez mudar as dinâmicas locais.

Para aproximar o leitor da localidade vamos aos dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e às informações da Prefeitura Municipal de Alexânia, onde se insere o Distrito de Olhos D'Água.

De acordo com o último censo realizado em 2010, o número de habitantes do município é de 23.814 e há estimativa de 27.288 pessoas em 2018 (IBGE, Cidades@, 2018). Não foram encontrados dados oficiais referentes ao número de habitantes de Olhos D'Água, especificamente. Conforme a estimativa, de professores locais e outros moradores, calcula-se que a localidade seja constituída de uma população aproximada de 2.000 pessoas, no máximo, no ano corrente de 2018.

A economia do município, segundo a Prefeitura de Alexânia, pauta-se principalmente, na agricultura e pecuária com produção de grãos, soja, arroz, milho, feijão e hortifrutigranjeiros, assim como de rebanho bovino e suíno, comércio variado, funcionalismo público e diversas fábricas que movimentam a região.

O Distrito de Olhos D'Água encontra-se no Paralelo 16º com o Meridiano 48º, na proximidade do marco referente à linha imaginária de Tordesilhas<sup>10</sup> (W 48º) e situa-se a uma distância de 18 km da sede do município, Alexânia. No Livro “História da

---

<sup>10</sup> O Tratado de Tordesilhas de 1494 serviria de referência para divisão das terras descobertas no século XV. No tratado a referência a linha direta de Norte-Sul (Pólos Ártico e Antártico) faz-se a partir das Ilhas do Cabo Verde a 370 léguas. No Brasil, Portugal ficaria a cargo das terras do lado leste da linha de Tordesilhas e Espanha com o lado oeste. No entanto, diversas questões controversas surgiram: “Quanto à interpretação, a expressão ilhas do Cabo Verde faz referência ao coletivo e não especifica nenhuma em particular.” (PIMENTEL CINTRA, 2012, p. 422). Outro problema que o autor apresenta refere-se ao valor da légua diferente entre os dois países, Portugal e Espanha. Por essas e outras questões conflituosas em 1750 um novo acordo, o Tratado de Madri passou a vigorar. De qualquer forma considera-se que a linha imaginária de Tordesilhas passa por Olhos D'Água/GO e localidades próximas, conforme Bismarque Villa Real (Portal Olhos D'Água em Tratado de Tordesilhas).



Terra e do Homem no Planalto Central – Eco-história do Distrito Federal: do Indígena ao Colonizador” (2000) Betran e Fleury explicam sobre a linha de Tordesilhas no Planalto:

Pelo meridiano de 48°35’25 da linha de Tordesilhas, ficam o Distrito Federal e boa parte do Planalto para o Reino de Portugal, mas com fronteira próxima, dividindo em dois o município de Cocalzinho de Goiás. Em linha reta do Congresso Nacional em Brasília, até a fronteira “espanhola” não vão mais do que 72 quilômetros e 800 metros a Oeste, como nos mostram, com precisão os mapas do Serviço Cartográfico do Exército. Na rodovia federal de Brasília – Goiânia, o meridiano das Tordesilhas situa-se por sobre a grande ponte do rio Corumbá.” (BERTRAN & FLEURY, 2000 p.156)

Bismarque Villa Real<sup>11</sup> esclarece por quais municípios ou localidades a linha imaginária cruza. No Portal de Olhos D’Água aparece em citação:

Esta linha imaginária cruza os municípios de Cocalzinho, no quilômetro 47 das BR 070, Corumbá na confluência do córrego Falcão com o Rio Areias, Alexânia nas imediações da ponte do Rio Corumbá na BR 060 e cruzando a Praça Santo Antônio de Olhos D’Água. Corta ainda o município de Abadiânia em sua porção leste. (Bismarque Villa Real In: Portal Olhos D’Água, 2018)

A comunidade aguarda a colocação de um marco representativo do local onde passaria a linha imaginária de Tordesilhas mencionada pela Prefeitura de Alexânia, o que, também, poderá ser um atrativo turístico.

Na localidade de Olhos D’Água, especificamente, estão presentes diversos atores sociais: agricultores familiares, fazendeiros, trabalhadores da construção civil, funcionários públicos, profissionais liberais, artesãos, pluriativos (agrícolas e não agrícolas), aposentados, artistas, empreendedores, novos moradores residentes ou com segunda residência, visitantes e turistas da própria região e de Brasília, entre outros.

As dinâmicas econômicas giram em torno, principalmente, das práticas agrícolas de subsistência em pequenas propriedades; no trabalho de agricultores e pecuaristas em fazendas de médio e grande porte; construção civil; artesanato tradicional (tecelagem, cerâmica, tapetes, chapéus, trabalhos com fibras: palhas e buchas, bonecas de panos) produção de hortifrutigranjeiros e na pluriatividade das famílias que exercem diversos

---

<sup>11</sup>Referência encontrada apenas no *site* Portal Olhos D’Água. (Atualmente, *site* não encontrado)

serviços (jardinagem, consertos em geral, costuras, culinária, atividades do lar etc.) demandados por moradores ou pessoas que mantêm segunda residência na localidade.

Por meio da observação natural desta pesquisadora percebi uma significativa melhoria nas condições socioeconômicas da população local, por volta de 2011, quando serviços e produtos oferecidos pela comunidade passaram a ser constantemente solicitados pela chegada de novos moradores e turistas.

Silva e Del Grossi (2000) em “O Novo Rural Brasileiro”, referente ao processo de novas configurações percebidas no espaço rural, esclarecem a respeito de atividades pluriativas (agrícolas e não agrícolas) realizadas por parte das famílias rurais. Essa tendência nos espaços periurbanos é percebida desde a década de 1970 na Europa e nos Estados Unidos.

No Brasil, segundo os pesquisadores, a característica aparece a partir da década de 1980 com a formação de novas dinâmicas de organização territorial e desenvolvimento socioeconômico nas localidades rurais impulsionados pelas transformações mundiais em curso e pela urbanização em constante expansão.

Transformam-se os espaços rurais tradicionais pela proximidade com as cidades maiores e pelo acesso facilitado. Surgem novas ofertas de empregos e serviços para novas demandas nas áreas rurais cada vez mais valorizadas. Essas novas configurações podem ser percebidas no distrito de Olhos D' Água, localidade periurbana, onde o acesso a diversos serviços é facilitado devido à proximidade com a sede município de Alexânia, com a capital do país, Brasília, e também, da capital do Estado de Goiás, Goiânia.

Wanderley (2000) esclarece serem esses territórios rurais, mais bem servidos de bens, equipamentos e serviços coletivos. O espaço periurbano “não evolui para o urbano” como esclarece Bruno Jean (1997) citado pela pesquisadora; também não é subúrbio ou periferia das cidades urbanas. (Bruno Jean *apud* WANDERLEY, 2000, p.33)

Del Grossi e Silva explicam sobre o novo paradigma demográfico, pós-industrial, no meio rural que abrange “velhos e novos personagens” (DEL GROSSI e SILVA, 2000. p. 171). Entre eles, os não tão novos personagens seriam os neorurais,

novos moradores do espaço rural de origem urbana e os “velhos” que se referem aos agricultores pluriativos, moradores nascidos ou mais antigos da localidade. A respeito dos espaços periurbanos, Wanderley (2000) lembra o quanto esses lugares impulsionam o movimento dos essencialmente urbanos em direção a essas localidades rurais.

Da mesma forma acontece em Olhos D’Água, localizada a menos de 100 km da capital federal, Brasília, que atrai muitos brasilienses que ali passam a residir e algumas vezes tornam-se pequenos empreendedores locais. Outros apenas mantêm uma segunda residência para lazer e descanso nos fins de semanas/férias. Também, há aqueles visitantes de um dia.

Para maior descanso, alguns turistas prolongam o tempo de estada por alguns dias e normalmente ficam na casa de amigos ou em pousadas. Além desses, ainda, há os que passam a residir na localidade com suas famílias por encontrarem formas mais acessíveis de conseguir a casa própria e facilidades para se manterem com melhor qualidade de vida, próximo à natureza. Também, há os que escolheram o lugar para simplesmente mudarem o estilo de vida e usufruir da tranquilidade.

O meio ambiente natural de Olhos D’Água apresenta parcela de vegetação preservada tipicamente do cerrado em alguns lugares da mata ciliar do Ribeirão Galinhas que margeia a cidade e do Rio do Ouro, que atravessa fazendas nos arredores, assim como em certas áreas de campos. Nesses lugares, apresentam-se fauna e flora parcialmente preservadas com a presença de plantas nativas, como pau-terra, babaçu, gueroba, buriti, lobeira, pequi, araticum, jatobá, cagaita, cajuzinho do cerrado, araçá, assa-peixe, ipês, entre outros.

Animais silvestres são vistos com frequência, como tatu-peba, seriema, arara, tucanos, beija-flores, lagarto teiú, inambu, gambá, mini coelho do cerrado, morcegos, jiboias, às vezes o porco-espinho e a curicaca, além de grande variedade de insetos polinizadores, abelhas, mariposas, borboletas, vespas, cupins.

Os quintais e ruas da localidade são repletos de fruteiras, árvores exóticas paisagísticas, algumas plantas arbustivas, trepadeiras e rasteiras de espécie nativa, como o assa-peixe, ora-pro-nóbis, canela de velho, entre outras. Os rios, ainda, permanecem livres de esgoto doméstico e outros, e as nascentes desses cursos de água estão

preservados pela maioria dos fazendeiros e chacareiros conscientes. No entanto, alguns espaços que margeiam os rios encontram-se desmatados.

A vegetação nativa da região do cerrado é extremamente útil para a comunidade, o que têm despertado o sentido de preservar para poder aproveitar. A palha de algumas plantas é utilizada para cobertura de ranchos e paióis, confecção de vassoura, chapéus, tapetes artesanais, e os frutos, folhas e cascas de algumas plantas nativas são muito aproveitados na culinária, no tratamento medicinal e para confecção de peças artesanais. Também, há o costume de cultivar algumas dessas espécies nativas nos quintais e chácaras do centro urbano de Olhos D'Água.

O Plano Diretor do Município de Alexânia instituído pela Lei Complementar nº 892/2006 de 11-10-2006 afirma preocupação com a sustentabilidade no Artigo 1º que esclarece:

O Plano Diretor de Alexânia baseia-se nos princípios do desenvolvimento sustentável, o qual passa a ser assumido como paradigma pela municipalidade que promoverá, de modo integrado e sistêmico, abrangendo toda dinâmica da vida social e comunitária do Município e de seus habitantes, em todas as suas dimensões, no meio rural e urbano, na sede do Município, no Distrito de Olhos d'Água e nos demais distritos que por ventura venham a ser criados no Município, com a finalidade de obter melhor qualidade de vida e o incremento do bem estar da comunidade, para as gerações atuais e futuras. (Plano Diretor de Alexânia, 2006)

Décadas antes de instituir o Plano Diretor de Alexânia, a Escola Experimental, juntamente com a APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água e por meio dos Projetos de Integração Escola - Comunidade; preocupada com a preservação do meio ambiente natural e histórico-cultural, realizou ações para despertar essa consciência junto à comunidade.

No próximo capítulo o leitor poderá conhecer trabalhos desenvolvidos naquele Tempo Pretérito.

### **3 - CAPÍTULO III**

## **OLHOS D'ÁGUA DE UM TEMPO PRETÉRITO**

Este capítulo apresenta “Breves Referências no Tempo” para lembrar o contexto brasileiro fazendo um passeio por alguns movimentos sociais, culturais e educacionais que ocorreram no Brasil e no mundo.

Sigo aproximando a lente do tempo para o leitor perceber o contexto da educação formal na localidade de Olhos D'Água, até 1978, ano de chegada de Sinclei Fazzolino à comunidade, e aproveito, também, para relatar um pouco das experiências profissionais dessa educadora.

Por fim, explico os diversos segmentos ou instituições criados na localidade de Olhos D'Água no período entre 1978 a 1984 e suas ações, (APMA – Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água; Biblioteca Mário de Andrade; Casa da Memória e do Fazer; Cinemateca Glauber Rocha; Centro Cívico Castro Alves; ADODA – Associação Desportista de Olhos D'Água; Jornal da Escola Experimental e as Oficinas Artesãs e Agrícolas).

Na intenção de facilitar o entendimento do leitor, designei um dos projetos realizados em Olhos D'Água, “Projeto de Integração Escola - Comunidade”, para representar todos os projetos desenvolvidos na localidade entre 1979 a 1984.

Uma viagem ao Tempo Pretérito é o centro das atenções deste capítulo.

### 3.1 - BREVES REFERÊNCIAS NO TEMPO

O florescimento cultural no Brasil nas décadas anteriores e, particularmente, na década de 1960 revelou-se de forma diferenciada na literatura, no teatro, no cinema, nas artes plásticas e na música popular.

Nesse tempo foram produzidas importantes obras de arte: do Cinema Novo, do Teatro de Arena, do Teatro de Oficina, dos espetáculos de opinião, dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPCs da UNE), da Bossa Nova, da Música Popular Brasileira (MPB) e da ampliação dos conceitos de arte.

As artes manifestavam os movimentos da contracultura e contestavam o consumismo, a violência e os modelos prontos. Mostrava-se resistência ao regime autoritário e reivindicação por reformas de base voltadas às questões agrárias, econômicas, educacionais e políticas. Também, estavam presentes, o entusiasmo, os manifestos e ideais por um mundo melhor e novas formas de comunicar ideias e informar por meio das artes.

Movimentos populares na América Latina e no Brasil multiplicaram-se, principalmente nas décadas de 1960 a 1980 em busca de direitos do cidadão e da coletividade. Exigiram-se abertura política, liberdade e justiça; criticou-se o modelo capitalista de desenvolvimento em que camadas mais empobrecidas da população eram excluídas; protestou-se contra as desigualdades sociais e políticas, entre outras reivindicações contra a exploração e exclusão.

Detenho-me, aqui, em alguns movimentos educacionais e culturais que se desenvolveram ao longo do tempo em todo o mundo e no Brasil, e sobre ideias que ganharam força. A intenção do apanhado geral das ideias difundidas por uma nova educação e forma de trabalhar com a cultura popular nas comunidades é mostrar como a educação ao longo do tempo preocupou estudiosos de diversos campos do saber.

Desde o final do século XIX a Escola Nova, Ativa ou Progressiva ganhou força na Europa e nos EUA. No Brasil ficou mais conhecida na primeira metade do século XX. A concepção de ensino da Escola Nova foi do suíço Adolphe Ferrière, seguido

do filósofo John Dewey e apoiado e divulgado no Brasil pelo educador Anísio Teixeira, entre outros.

Na época, o método contrário ao tradicional foi considerado revolucionário, pois defendia a liberdade de pensamento, a criatividade e a ideia de igualdade e democracia no interior das escolas.

No Brasil, por volta de 1930 e 1940 aconteceram inúmeras campanhas e mobilizações de “luta pela escola pública, erradicação do analfabetismo, experiências em educação com classes de operários” (BRANDÃO, 1984; p. 34).

O autor explica sobre as “sucessivas propostas de educação para sujeitos, comunidades e nações”, (BRANDÃO, 1984, p. 35), onde a UNESCO - *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, como estratégia de desenvolvimento, apresentou propostas para reformulação da educação.

Brandão (1984) esclarece que para acompanhar as mudanças e orientações da UNESCO, o governo brasileiro fez diversos planos e programas nacionais de educação que aqui e ali pretenderam o desenvolvimento do cidadão e da comunidade ou seria apenas a sua organização e forma de controle social com o discurso de modernização?

De qualquer forma inúmeras ações no campo educacional e cultural se fizeram presentes em comunidades rurais e urbanas e contribuições positivas e negativas, certamente, tiveram seus momentos.

Brandão alerta: “Educação e desenvolvimento ocultam tramas de poder” (BRANDÃO, 1984; p. 37) e ameaçam governos autoritários. Neste contexto surgem no Brasil diversos movimentos entre 1960 e 1964, anos pré-golpe militar, quando foram controlados ou interrompidos, mas não extintos de fato. Sementes de alguns movimentos que foram benéficos em algum sentido naquele tempo proliferaram existindo de forma anônima.

Entre as ações iniciadas no Brasil para as mudanças da educação em 1960 e 1961 cito o Movimento de Educação de Base (MEB), criado em 1961, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) com apoio do Governo Federal.

Wanderley (1984) considera que o MEB desenvolveu um programa de educação de base de sucesso com escolas radiofônicas nas localidades rurais para alfabetizar com equipes locais que atuavam junto à comunidade na conscientização e organização social.

A expressão organização social é mencionada por Brandão (1984) como forma de controle social ao tratar do que boa parte dos movimentos institucionalizados, ditos de base, realizaram para as camadas populares e não com elas ou a partir delas. De qualquer modo, algumas das ações do MEB foram de grande importância na educação de adultos, na mobilização das comunidades e na sindicalização do agricultor em alguns municípios rurais do Brasil.

O MCP (Movimento de Cultura Popular) iniciou em 1960 em Recife com o apoio de Paulo Freire que utilizava os centros e círculos de cultura para alfabetizar adultos por meio de debates a partir da palavra geradora. O método de alfabetização de Paulo Freire foi utilizado no ano de 1963 no CPC (Centro Popular de Culturas) fundado pela UNE (União Nacional dos Estudantes) e atores do Teatro de Arena, em 1961. Esse movimento levou o teatro às camadas populares provocando debates e reflexões sociais e políticas.

Na Paraíba a CEPLAR (Campanha de Educação Popular) trabalhou com o método Paulo Freire de alfabetização por meio dos círculos de cultura e o teatro popular como forma de educar para a conscientização social e política das camadas mais desfavorecidas da sociedade de 1961 a 1964, com apoio do governo estadual.

Brandão (1984) considera educação popular:

[...] como um trabalho coletivo e organizado do próprio povo, a que o educador é chamado a participar para contribuir, com o aporte de seu conhecimento “a serviço” de um trabalho político que atua especificamente no domínio do conhecimento popular. (BRANDÃO, 1984, p. 51).

A Educação Popular e depois, a Educação Permanente “surgem como projetos de ressignificação política, social e pedagógica de toda a educação” (BRANDÃO, 1984,



p. 44). Quanto à proposta de retotalização da educação, o autor esclarece que para ser permanente precisa ser:

[...] permanentemente universalizante, aberta, absolutamente democrática, e precisa se constituir como um domínio o saber que, muito mais amplo do que a escola e o sistema escolar, acaba sendo o da própria cultura pensada como educação. [...] o movimento de educação permanente pretende abarcar todos os níveis da educação, todas as suas dimensões e, conseqüentemente, todos os modos e espaços de trocas de saber. (BRANDÃO, 1984, p. 45).

Cunha e Werthein (2005) apresentam em “Fundamentos da Nova Escola”, a preocupação da UNESCO com a educação permanente na elaboração do Relatório Faure coordenado por Edgar Faure, intitulado “*Apprendre à Être*” (1972) e a versão em português “Aprender a Ser” (1974).

O Relatório serviu de orientação para elaboração dos principais documentos da UNESCO que se seguiram: Relatório Jacques Delors (1993); Declaração de Hamburgo - Agenda para o Futuro: Educação de Adultos (1997) e Declaração Mundial sobre Educação Superior para o Século XXI: Visão e Ação (1998), entre outros.

Cunha e Werthein (2005) alertam sobre o pleno desempenho da educação que deve ser fator de coesão e não de exclusão, portanto a “[...] ideia de democratização de conhecimentos defendida pela UNESCO está vinculada à emancipação das pessoas e ao autodesenvolvimento sustentável dos diferentes povos e culturas em todo o mundo.” (CUNHA; WERTHEIN, 2005, p. 12)

O Relatório Faure (1972) apresenta o postulado da educação para todos ao longo da vida e a necessária responsabilidade da coletividade no empenho pela construção de uma educação ampla e solidária; o respeito à diversidade e o entendimento de que o indivíduo e as comunidades devem ser sujeitos do seu próprio desenvolvimento.

Da mesma forma, o Relatório levanta a questão da consciência de que as instituições de ensino não são os únicos responsáveis pela educação, assim como lembra

que a imposição de métodos e programas foi fator limitante e excludente ao longo dos tempos.

[...] a educação tem lugar em todas as idades e na multiplicidade das situações e das circunstâncias da existência. Retoma a verdadeira natureza que é ser global e permanente, e ultrapasse os limites das instituições, dos programas e dos métodos que lhe impuseram ao longo dos séculos. (CUNHA; WERTHEIN, 2005, p. 15).

Cunha e Werthein, (2005) apresentam proposta do Relatório Faure sobre a ideia de cidades educativas; onde “a instituição escolar não será mais o único local de aprendizagem, mas toda a sociedade.” (CUNHA; WERTHEIN, 2005, p. 15) e complementam com os argumentos de Edouard Lizop:

Em vez de se delegar os poderes a uma estrutura única e verticalmente hierarquizada (...) são todos os grupos, associações, sindicatos, coletividades locais, corpos intermediários, que devem encarregar-se, pela sua parte, de uma responsabilidade educativa. (Edouard Lizop *apud* CUNHA; WERTHEIN, 2005, p. 15).

Sobre o empoderamento, os autores corroboram com Cuellar (1997) e transcrevem seu entendimento sobre um dos principais papéis da educação:

[...] dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de fato, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e as comunidades. (CUELLAR (1997) *apud* CUNHA; WERTHEIN, 2005; p. 21).

A UNESCO, em prol de uma nova educação, fez recomendações e incentivou as transformações necessárias, e estas foram consideradas em muitos lugares do mundo. Olhos D'Água/GO, no contexto da Escola Experimental entre 1978 a 1984 com uma educação diferenciada foi um desses lugares.

Antes, porém devo explicar o contexto da educação formal de Olhos D'Água de um tempo anterior à APMA – Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água, da Escola Experimental e dos Projetos de Integração Escola e Comunidade, assunto central deste capítulo.

As duas imagens abaixo (Figuras 1 e 2) mostram alunos da Escola Reunida no lugarejo de Santo Antônio do Olho D'Água em Goiás quando este ainda pertencia ao município de Corumbá de Goiás, como explicado no Capítulo II. As antigas fotografias foram doadas pela Professora Custódia do Nascimento.

Figura 1- Escola Reunida de Santo Antônio do Olho D'Água/GO (1948)



---

Fonte: Custódia do Nascimento (2005)

A Figura 1 mostra alunos da Escola Reunida (1ª Fase do 1º Grau) inaugurada em 28/01/1948. De acordo com a professora Custódia do Nascimento, funcionava de forma multisseriada; alunos de séries e idades variadas atendidos por um único professor em

uma única sala de aula. Até pouco tempo atrás e ainda hoje em diversas localidades muitas escolas funcionam da mesma forma.

Figura 2 - Escola Reunida de Olho D'Água/GO (1948)



Fonte: Custódia do Nascimento (2005)

A Figura 2, acima mostra alguns alunos da Escola Reunida com professora e um pequeno quadro negro, onde se lê: Equipe 1: Estudo da Realidade Local: Educação, Saúde e provavelmente, Alimentação (o final da palavra não aparece).

Os registros e depoimentos coletados ao longo da realização da pesquisa apontam alguns dados sobre o desenvolvimento educacional na localidade. A primeira Escola de Santo Antônio do Olho D'Água foi a Escola Reunida, criado 28/01/1948<sup>12</sup>. A mesma professora, Custódia do Nascimento, já falecida e conhecida na localidade explicou que começou a lecionar na mencionada escola em 1960.

No decorrer do tempo, com as mudanças político-administrativas já explicadas no Capítulo anterior, a Escola Reunida deixa de existir. Sem informações mais precisas

---

<sup>12</sup> Informação fornecida por Custódia do Nascimento em entrevista realizada por Monica Fazzolino P. em abril de 2005.

temos relatos da mesma professora sobre o ano de 1972, contando sobre a Escola Estadual Padre Antônio Marcigalha ( 1ª a 4ª séries / 1º grau), então, a única escola da localidade:

A metodologia de ensino era o tradicional com carteiras enfileiradas, memorização mecânica, quadro e giz, silêncio e obediência. Para alfabetizar utilizava-se o método silábico. Não tinha essa liberdade que era na Escola Experimental. Menino não tinha vez! (Depoimento: Prof.ª Custódia do Nascimento, 2005).

Na escola Padre Antônio Marcigalha havia 120 alunos em 1978 e o quadro administrativo de professores estava composto: pelas três irmãs Joaquina de Paiva; Custódia do Nascimento e Maria da Conceição de Paiva Batista; por Maria Auxiliadora Peres, Isabel Rocha e a diretora Rita de Cássia Paiva Campos. Até, então, não era oferecido o nível escolar de 5ª a 8ª séries em Olhos D'Água, GO.

No ano de 1979 a Escola Experimental foi criada por Sinclei Fazzolino na localidade e passou a atender crianças e jovens de 5ª a 8ª séries (2ª fase do 1º grau). É sobre essa importante história de Olhos D'Água que o leitor terá a oportunidade de conhecer em seguida.

### **3.2 - ESCOLA EXPERIMENTAL; APMA - ASSOCIAÇÃO DE PAIS, MESTRES E AMIGOS DE OLHOS D'ÁGUA E PROJETOS DE INTEGRAÇÃO ESCOLA - COMUNIDADE**

Com uma proposta diferenciada, a educadora Sinclei Fazzolino cria a Escola Experimental (5ª a 8ª série, 2ª fase/1º grau) em Olhos D'Água, Município de Alexânia, GO no dia em 27 de fevereiro de 1979 juntamente com a comunidade e professores

locais. Os trabalhos tiveram início com a turma de 5ª série, composta de 18 alunos na Chácara Meu Universo, residência da educadora.

A chegada da educadora à comunidade acontece no início de 1978 quando adquire terreno do Senhor Geminiano Ferreira de Queiroz, um dos doadores de terras para a fundação de Olhos D'Água explicado no Capítulo II, primeira parte: "Histórias e Desenvolvimento de Santo Antônio do Olho D'Água/GO".

Sinclei passou a conhecer e participar das relações sociais comunitárias e percebeu as demandas relacionadas com a educação e a necessidade de preservar e estimular a cultura dos fazeres e saberes tradicionais da localidade.

Apresento em seguida, breve histórico das extensas experiências profissionais de Sinclei Fazzolino nascida em 17 de fevereiro de 1940.

Cito a coleção de nove livros didáticos (Cartilha a 8ª série – 1974; 1975), de sua autoria e contribuição de outros autores, livros de Comunicação e Expressão "Meu Universo" que trabalham as diversas formas de comunicação e expressão (música, teatro, cinema, dança, artes plásticas, escultura, entre outros).

A prática de relaxamento e textos reflexivos de conscientização ambiental, comunitária, ética, solidariedade, entre outros temas, completam o que se tornou a base filosófica e didática dos trabalhos realizados em Olhos D'Água.

Antes, porém, ela escreve "*English*", uma coleção de quatro livros didáticos de Inglês (Nível Básico ao Pré-Avançado) em 1973 elaborado com textos mitológicos adaptados pelo Professor de Literatura Inglesa da Universidade de Brasília, Stephen Lee Schwartz.

Sinclei trabalhou nas áreas de psicopedagogia e arte-educação, alfabetização de crianças e adultos e na reabilitação de menores. Licenciou-se em Música e Educação Musical no Brasil em 1960. Nos Estados Unidos concluindo Bacharelado em Artes Liberais estuda Psicologia Educacional além de História da Arte, Artes Plásticas e Estrutura da Língua Portuguesa. Também, leciona educação artística para crianças excepcionais e desenvolve pesquisa sobre Desenvolvimento Estrutural da Língua Portuguesa.

De volta ao Brasil em 1971 Sinclei estuda Psicologia Experimental e Medicina Psicossomática, entre outros. Enquanto isso ela leciona em diversas Faculdades de Santos e São Paulo (capital e interior), Língua e Literatura Inglesa, Psicologia Educacional e História da Arte.

A mente humana desperta nela um novo interesse que se vincula a uma forma alternativa de educação que tem na arte sua sustentação. A rica experiência nos campos da música (formada em piano); nos diversos campos da arte (pintura, cerâmica e xilogravura); trabalhos na área de cultura popular com música e arte e a experiência com crianças e jovens, principalmente, a levaram a fundar e coordenar um Centro de Arte-Terapia em São Paulo, capital, no ano de 1974.

No ano de 1976, já em Brasília trabalha no Ministério da Educação como Assessora da Direção de Ensino Especial da FEDF - Fundação Educacional do Distrito Federal até a vontade de sair do sistema de cidade grande falar mais alto. Assim, Sinclei escolhe Olhos D'Água em Goiás para viver. Somando às suas experiências profissionais relatadas ela cria a Escola Experimental e dedica-se aos trabalhos desenvolvidos com a comunidade de Olhos D'Água, especialmente entre os anos de 1978 a 1984.

Depois desse período, ainda contribui com encaminhamento para aprovação de Projeto para construção do DEMEC – Departamento Municipal de Educação e Cultura em Alexânia/GO, enquanto trabalha no Ministério da Educação e Cultura como Consultora de Projetos Educacionais e Culturais do País de 1985 a 1988, ano de seu falecimento.

Retomo a história de onde interrompi. Sinclei junto com os professores locais e moradores criaram a APMA (Associação de Pais e Mestres e Amigos de Olhos D'Água), entidade mantenedora da Escola Experimental, registrada em 26 de maio de 1979 com sede localizada na Praça Santo Antônio de Olhos D'Água, nº 64.

Professores, jornalistas e autônomos de Brasília que foram residir na localidade, Ana Maria Modesto, Wagner Pacheco Barja, Alan Kardec Pimentel, Gorette Azevedo Barja, entre outros, fizeram parte do quadro de professores, da APMA e assumiram coordenações de algumas áreas criadas durante a realização dos Projetos de Integração Escola – Comunidade.

O envolvimento, esforço, dedicação, experiência e ideais no coração e mente de muitos participantes possibilitaram o sucesso e a efetivação dos projetos. A maioria das professoras locais, já mencionadas, já exercia a função há mais de 20 anos. Elas lecionaram nas duas escolas: Escola Estadual Padre Antônio Marcigalha, já existente referente à 1ª fase do 1º grau e algumas delas lecionaram, também, na Escola Experimental da 2ª fase do 1º grau, mantida pela APMA.

No começo, de acordo com depoimentos de professores, a adaptação ao ensino mais livre fora da sala de aula, com pais e anciãos da comunidade como participantes diretos do processo de ensino-aprendizagem e o aluno considerado sujeito central, apresentou certo estranhamento.

No entanto, a forma de integração da Escola Experimental (Anexo 1 Parte: [1](#) e [2](#)) com a comunidade associada aos movimentos da cultura tradicional de Olhos D'Água e o dinamismo no desenvolvimento dos projetos colaborou e facilitou o processo. Lentamente, ao perceberem os efeitos benéficos obtidos, as professoras locais tomaram iniciativas que foram de grande sucesso dentro e fora sala de aula com a comunidade durante o período de 1978 a 1984.

Para que a Escola Experimental estivesse em local mais central do lugarejo, no ano de 1980 foram alugadas, primeiro uma e depois outra casa dos moradores Vicente Pereira da Silva e João Rodrigues Chaveiro, mais conhecido como João Rufino, famoso benzedor da região na época.

Depois, a Escola Experimental passou a funcionar no prédio reformado com recursos federais, Joaquina Maria de Jesus, (Grupo Velho) com dois alqueires de terra, inaugurado em 22/02/1981.

A Resolução Nº 094, de 25 de Junho de 1981 do Conselho Estadual de Educação, homologado em 04-08-1981, autoriza o funcionamento da Escola Experimental e aprova as grades curriculares, conforme documento (Anexo - [2](#)). O terreno doado pelo Estado de Goiás com antigo prédio deteriorado passou por grande reforma antes do funcionamento da Escola Experimental (Anexos 3 - Parte [1](#) e [2](#) e [3](#) - Transcrição).



Na sequência foram construídos campo de futebol e quadra esportiva de arena (com pequena arquibancada de cimento em volta da quadra), cercada e iluminada, além das salas de oficinas (de madeira, entalhe e xilogravura).

A grande área para as práticas agrícolas, dois alqueires, coordenadas por Antônio Veríssimo Davi, o Tomazão, entre outras práticas, completavam a escola ideal na perspectiva de muitos educadores e educandos. Nesta área mencionada, alunos, professores e comunidade agiram em união com inúmeras ações referentes à educação formal e não formal: da sala de aula às práticas do campo com o plantio de árvores nativas e frutíferas e recuperação de áreas degradadas; criação de galinhas; práticas cívicas e esportivas e algumas das oficinas permanentes criadas.

Eis algumas das oficinas da área da Escola Experimental: oficina de Madeira e Marcenaria, coordenada pelo Sr. Antônio Costa e depois por Sr. João; Altair Correa com a Oficina de Entalhe, e Xilogravura com Sincler. Diversos monitores, entre eles Vilmar, Aduino, Sirlene, Maria e muitos outros alunos participaram ativamente dessas oficinas.

Também funcionou no espaço da Escola Experimental, a ADODA – Associação Desportista de Olhos D'Água que formou times de futebol composto de alunos, como Adelino, Nelson e monitores, como Osmar e Aleci, e outras pessoas da comunidade.

A ADODA esteve sob a coordenação do morador eleito posteriormente a vereador e depois Prefeito de Alexânia, Iraci Antônio David. Ministrando as aulas de educação física e a frente da ADODA, Iraci formou diversos times locais para competirem no campo de futebol da Escola Experimental e treinarem para jogos e campeonatos em outras localidades nos arredores e fazendas: Alexânia, Abadiânia, Cocalzinho, Corumbá, entre outros.

Mais um segmento criado, o Centro Cívico Castro Alves, coordenado por Custódia do Nascimento, que realizava atividades cívicas na Escola Experimental apresentando-se em dias de festividade cívica na Praça Santo Antônio e em Alexânia.

As atividades musicais foram trabalhadas em bandinhas rítmicas e Oficina de Instrumentos de Percussão. Também, coordenado pelo Senhor Zé Véio foi criado um grupo para tocar flautas feitos de taquara (um tipo de bambu).

As músicas de roda e os versos da tradição faziam lembrar as cantigas de outrora. O ritmo era trabalhado na Oficina de Fanfarra de Percussão e os alunos ensaiavam na Escola Experimental.

A Figura 3, abaixo mostra um grupo formado, entre outros, que animava os dias de campeonato de futebol e inspirava o patriotismo nas comemorações cívicas.

Figura 3 - Oficina de Fanfarra de Percussão - Escola Experimental (Olhos D'Água/GO, 1983)



Fonte: Sinclei Fazzolino (1983)

A Figura 3 mostra alunos da Oficina de Fanfarra ensaiando para apresentação de 7 de Setembro no pátio da Escola Experimental em Olhos D'Água/GO no ano de 1983.

Sinclei Fazzolino trabalhou por um ideal na coordenação dos Projetos de Integração Escola – Comunidade, na direção da Escola Experimental e na APMA, como Diretora Educacional de 1978 a 1984. A educadora considerou a vocação da comunidade artesã e agrícola de Olhos D'Água/GO, sua história regional do folclore, música, danças, causos, visões de mundo e modos de ser e fazer. Os projetos desenvolvidos valorizaram e reavivaram as práticas tradicionais motivando alunos e comunidade e também o sentido de patriotismo comemorando as datas cívicas do Estado e do país.

A transmissão dos saberes e fazeres tradicionais de Olhos D'Água realizados por pais e anciãos da comunidade para as crianças e jovens das escolas teve como objetivo estimular o resgate da cultura local oferecendo oportunidade da própria comunidade

assumir a função de transmitir conhecimentos antepassados, seu papel por direito. Além da transmissão dos saberes locais, a Escola Experimental e APMA – Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D’Água por meio dos Projetos de Integração Escola - Comunidade a proporcionar espaços livres de criação pensaram, também, na melhoria das condições econômicas da comunidade.

Dessa forma, a APMA por meio dos Projetos de Integração Escola - Comunidade incentivou o incremento da criação das Oficinas e produção. Também, foram incentivadas a criação de hortas caseiras e a horta comunitária na sede da APMA. Algumas alternativas de escoamento da produção e comercialização do artesanato e produtos hortifrutigranjeiros em Alexânia e Brasília foram conseguidas com os esforços da APMA e seus colaboradores.

A APMA também se encarregou da divulgação da Feira do Troca durante o período em que atuou, principalmente, para garantir a visitação no evento duas vezes por ano. A divulgação por cartazes e matérias de jornal de grande circulação em Brasília e Goiânia teve colaboração de jornalistas como Allan Pimentel e artistas plásticos como Zé Nobre, entre outros.

A Oficina de Bonecas, apresentada na Figura 4 abaixo, atraía a meninada que gostava de aprender com as mães as formas de fazer as bonecas e suas vestimentas.

Figura 4 - Oficina de Bonecas - Olhos D’Água/GO (1981)



Fonte: Wagner P. Barja (1981)

A Figura 4 mostra a instrutora da Oficina de Bonecos, Fátima Pereira Dutra “Fatinha”, alunos da Escola Experimental e mãe de aluna com os bonecos de pano confeccionados na oficina durante o Projeto de Integração Escola - Comunidade em Olhos D’Água/GO.

Na época, o lugarejo de Olhos D’Água em Goiás tornou-se uma grande escola de saberes e fazeres envolvendo a comunidade como um todo. O sentimento de pertencimento revelou-se nos espaços abertos das Oficinas das casas de artesãos; na área de dois alqueires de terras da Escola Experimental; nas casas de anciãos que contavam as histórias do passado mais remoto em entrevistas para os alunos orientados pelos professores; na horta comunitária e na Praça Santo Antônio, entre outros lugares que compuseram o quadro de uma Cidade Educativa.

A ideia de Cidade Educativa da UNESCO apresentada no Relatório Faure (1972) em Fundamentos da Nova Educação (Cunha e Werthein, 2005) explicado no início do capítulo estava presente nas experiências de sucesso desenvolvidas com os Projetos de Integração Escola e Comunidade no período de 1979 a 1984 em Olhos D’Água, GO.

A ideia de Cidade Educadora transpassa os muros escolares e trabalha para além de suas funções tradicionais de instituição escola. A Declaração de Barcelona (1990), na Carta das Cidades Educadoras esclarece:

“A cidade educadora é um sistema complexo em constante evolução e pode exprimir-se de diferentes formas, mas dará sempre prioridade absoluta ao investimento cultural e à formação permanente da sua população.” (Carta das Cidades Educadoras, 1990)

Uma publicação de guia de orientações e sugestões da UNESCO “Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - Objetivos de Aprendizagem” (2017) apresenta a nova Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável com 17 objetivos com o propósito de “garantir uma vida sustentável, pacífica, próspera e equitativa na Terra para todos, agora e no futuro” (UNESCO, 2017, p. 6).

O documento aborda os desafios globais, os esforços conjuntos e responsabilidades de todos: governos, setor privado, sociedade civil e todos em todo o mundo. Enfatiza, também, ser a Educação para o Desenvolvimento Sustentável - EDS fator fundamental na busca pela concretização dos objetivos e metas da Agenda 2030. A respeito da educação de qualidade aponta:

A relevância da educação inclusiva e equitativa e de qualidade e oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos (aprendizagem formal, não formal e informal, incluindo a utilização de informação e comunicação - TIC) e em todos os níveis para melhorar as vidas das pessoas e promover o desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2017, p. 19)

No documento a UNESCO recomenda “Praticar uma pedagogia transformadora orientada para ação que envolva os educandos em processos de reflexão e ação participativos, sistêmicos, criativos e inovadores, no contexto das comunidades locais e da vida cotidiana dos educandos.” (UNESCO, 2017, p. 52).

Tratando sobre Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS, no tópico “Cidades e Comunidades Sustentáveis” em exemplos de abordagens e métodos de aprendizagem para o ODS, o documento sugere:

Convidar gerações mais velhas para falar sobre como o assentamento mudou ao longo do tempo. Perguntar-lhes sobre a sua ligação à biorregião. Usar arte, literatura e história para explorar a área e suas mudanças; Construir uma horta comunitária. (UNESCO, 2017, p. 33)

Interessante notar que a Escola Experimental por meio dos Projetos de Integração Escola-Comunidade em Olhos D'Água/GO já desenvolvia práticas recomendadas em 2017 pela UNESCO, décadas antes, no período de 1978 – 1984 (Fig. 5).

Figura 5 - Oficina da Casa da Memória e do Fazer -

Projeto Contação de Histórias e Causos

Olhos D'Água/GO (1983)



Fonte: Sinleir Fazzolino (1983)

Na Figura 5, o morador Instrutor de Oficina, Sr. José A. Oliveira, (Zé Veio) já falecido, esposo de D. Vilu, a ceramista, cercado de alunos das escolas em frente à sede da APMA, numa manhã de sábado no ano de 1983.

Seu Zé Veio, figura conhecida da localidade, contava as histórias e causos antigos da região no “Projeto Contação de História e Causos” para alunos e comunidade aos sábados pela manhã na Praça Santo Antônio em Olhos D'Água/GO. Esta foi uma das ações da Casa da Memória e do Fazer, coordenado por Wagner Pacheco Barja.

Todo trabalho das Oficinas e entrevistas com os antigos moradores, artesãos, agricultores foram documentados e registrados pela Casa da Memória e do Fazer. Depois, da sistematização dos registros, sob orientação do professor em sala de aula, o

material trabalhado voltava para a Casa da Memória e do Fazer, localizado na Praça Santo Antônio.

Esse trabalho teve em vista valorizar a cultura local, registrar causos e histórias, aspectos da fauna e flora, e geografia do lugar e ser fonte de estudo para qualquer cidadão, podendo ser enriquecida por outras pesquisas, nos anos posteriores.

Os registros também foram utilizados na elaboração de peças teatrais; como tema de matérias do Jornal da Escola Experimental; motivacional para elaboração de textos, discussões e interpretação e expressão oral e escrita, elaboração de história em quadrinhos e ilustração na sala de aula em disciplinas diversas.

O ensino-aprendizagem aconteceu de forma coletiva envolvendo não apenas o corpo discente, mas a escola e a comunidade como um todo que ensinou aprendendo e vice-versa.

Figura 6 - Sede da APMA - Associação de Pais,

Mestres e Amigos de Olhos D'Água/GO (1983)



Fonte: Sinclei Fazzolino (1983)

A Figura 6 mostra a casa sede da APMA – Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água, onde, também, funcionavam a Casa da Memória e do Fazer

e a Biblioteca Mário de Andrade localizados na Praça Santo Antônio nº 64. Os alunos da fotografia estão na Oficina de Tapetes que funcionou na mesma casa e ali estavam separando as tiras de panos para tecer os tapetes nos quadros de madeira que uma das alunas segura na mão.

O Ranchão do João Rufino, o grande benzedor da região, também localizado na Praça Santo Antônio foi espaço de festas e de sala de aula. O 1º ano da Escola Normal, extensão de Alexânia funcionou no Ranchão para alunos de Olhos D'Água formados na Escola Experimental que desejavam dar continuidade aos estudos.

Os trabalhos ali estavam alinhados à filosofia adotada por uma nova educação, já que a Diretora da Escola Normal de Alexânia por um período, também foi Sinclei Fazzolino, diretora da Escola Experimental.

Figura 7 - Oficina de Cestaria e Trançados - Olhos D'Água/GO (1980)



Fonte: Wagner P. Barja (1980)



Na figura 7, o Instrutor da Oficina de Cestaria, Senhor A. Costa (Antonio Costa) que também foi instrutor da Oficina de Madeira está em pé. À direita o Professor Luiz Autoé, filho do prefeito da época, Sr Aurelino de Oliveira e à esquerda, estão o filho e um morador artesão de Olhos D'Água em atividade durante Projeto de Integração Escola - Comunidade em 1980.

Além das oficinas mencionadas, destaco algumas bem representativas: Oficina de Cerâmica com a artesã D. Vilu e Tapetes e Cintos com diversos artesãos. Também, com as artesãs D. Maria, D. Ana e Fatinha, a Oficina de Tecelagem e Tingimento natural do algodão, em que se desenvolviam com alunos e a professora de ciências, pesquisas com plantas que tingem.

Outra Oficina, como de bonecas de pano com D. Regina e outras artesãs que trabalham com bucha e sabugo de milho e, também, a Oficina de Chapéus e Tapetes de palha. A Oficina de Doces com D. Geralda Batata, como era conhecida, entre outras, como a mãe da Juvelina, mantinham suas cozinhas e a cozinha da sede da APMA funcionando permanentemente.

Na rua detrás da APMA - Associação de Pais, Mestre e Amigos de Olhos D'Água está o olho d'água que inspirou o primeiro nome do lugarejo, Santo Antônio do Olho D'Água. A água dessa mina corria pelo quintal da APMA e fornecia o necessário para molhar a horta comunitária de hortaliças e plantas medicinais que ocupava o espaçoso quintal da sede da instituição.

Uma parte das hortaliças destinava-se ao complemento da merenda escolar. Outra parte era dividida entre os pais, alunos, professores da comunidade que se responsabilizavam por dois a três canteiros cada um e cuidavam do cultivo.

Os trabalhos na Oficina da Terra envolviam a horta comunitária na APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água e hortas caseiras em quintais de moradores da localidade. Também, envolvia o plantio de mudas nativas no terreno da Escola Experimental, terrenos dos moradores e espaços vazios de Olhos D'Água.

O plantio de mudas nativas próximo aos rios Galinhas e do Ouro, barragens, nascentes e regos d'água envolviam, também, pesquisa e catalogação das espécies, entre

outras atividades. Participaram alunos e professores das duas escolas, Padre Antônio Marcigalha e Escola Experimental juntamente com a comunidade.

A Oficina de Teatro foi um sucesso na localidade, já que muitos alunos das duas escolas e comunidade participaram (Figura 8).

Figura 8 - Oficina de Teatro - Olhos D'Água/GO, (1980)



Fonte: Wagner P. Barja (1980)

A Figura 8 mostra alunos na apresentação da “Paixão de Cristo” com montagem e direção de Maria Gorette A. Barja realizada na Praça Santo Antônio em Olhos D'Água/GO e apresentada na Feira do Troca em dezembro de 1980. Gogo, como era conhecida, foi coordenadora da Oficina de Teatro e trabalhou com diversos grupos da comunidade.

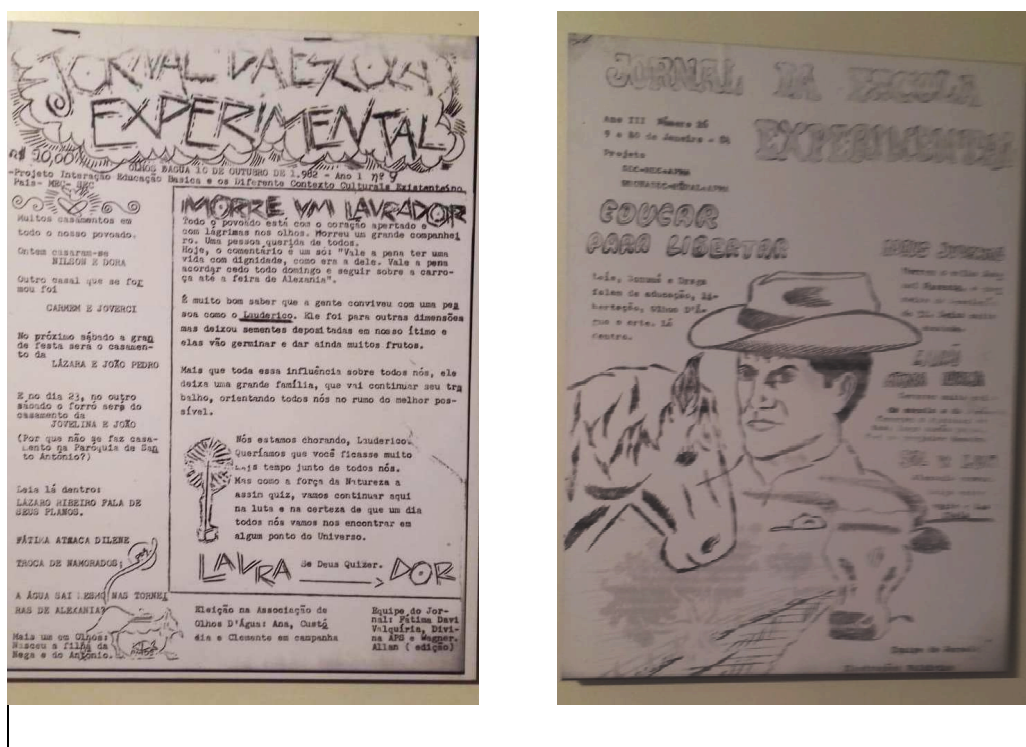
O Grupo Felicidade composto por alunos da Escola Experimental e moradores apresentaram-se em Olhos D'Água, Alexânia, Corumbá de Goiás, Abadiânia, e em outros lugares. Muitas outras peças de comédia e dramas foram criadas por alunos, como Nilza e Geraldo, professores, Divina e Monica, e foram apresentadas na Praça de Olhos D'Água. Depois, outros instrutores locais assumiram a coordenação da Oficina de Teatro, como a Nilza e Divina Aparecida formando alguns outros grupos de teatro.

Na época da seca, a Praça Santo Antônio tornou-se local de encontro para assistir nos finais de semana aos filmes exibidos pela Cinemateca Glauber Rocha, segmento criado com os Projetos de Integração Escola e Comunidade.

Os filmes eram emprestados da EMBRAFILME, de Embaixadas e do Ministério da Cultura. No período chuvoso os filmes eram exibidos no salão da sede da APMA e logo após a exibição seguiam-se as conversas, impressões gerais dos assuntos abordados nos filmes.

O Jornal da Escola Experimental (Fig. 9), criado na época com distribuição mensal e gratuita para alunos e professores editores do jornal, também, era vendido para ajudar nas novas tiragens. Exemplares ficavam fixados nos comércios/bares do Sr. Jovino, da Senhora Porfíria e do Sr. Vicente.

Figura 9 - Jornal da Escola Experimental - Olhos D'Água/GO (1982/1984)



Fonte: Monica Fazzolino Acervo Pessoal (1982/1984)

As imagens de capa de duas edições do Jornal da Escola Experimental de Olhos D'Água/GO (Fig. 9) mostram à esquerda: capa do Jornal da Escola Experimental

(Anexo - [4](#) ), Nº 9, de 10 de Outubro/1982 editado durante Projeto Interação entre Educação Básica e os Diferentes Contextos Culturais Existentes no País (SEC - MEC) e à direita, capa da edição do Jornal da Escola Experimental (Anexo - [5](#) ), Nº 26 – Ano III – 1984 durante o Projeto Integração Escola - Comunidade (SEC – MEC).

O Jornal da Escola Experimental (Anexos [6](#) e [7](#)) apresentava-se em folhas mimeografadas, com matérias elaboradas por alunos, monitores e professores, tratava de assuntos diversos sobre os acontecimentos de Olhos D'Água e estava sob a coordenação do jornalista Alan K. Pimentel.

Alguns assuntos tratados no Jornal da Escola Experimental referiram-se: às Oficinas oferecidas e abertas à comunidade; ações dos projetos, (informativos de reuniões); calendário dos filmes; ensaios/apresentações teatrais e cívicas; política local; diversos: (festas, casamentos, falecimentos, horóscopo); campeonato de futebol da ADODA - (Associação Desportista de Olhos D'Água); entrevistas sobre a história local; informações de compra de materiais, como algodão para a Oficina de Tecelagem, ferramentas para Oficina de Madeira, Entalhe e Xilogravura; vendas, trocas e serviços.

Movimentos comunitários aconteciam em épocas diversas: Pousos de Folias, no começo e meio do ano de acordo as datas comemorativas (Folias de Reis, Folias do Divino Espírito Santo). Desfile de carroças enfeitadas e competição para a escolha da mais bonita e desfile de carros de boi movimentavam a redondeza, entre outras atividades.

Como não podia deixar de acontecer, as escolas, (Experimental e Padre Antônio Marcigalha) com os professores e coordenadores de áreas dos Projetos de Integração Escola – Comunidade, estavam envolvidos em todos os movimentos comunitários e festividades e contribuíam de todas as formas: na arrumação do evento e participação, no envio de ofícios para pedir contribuição, entre outros encaminhamentos.

O envolvimento alcançava as diversas Oficinas e disciplinas ministradas: Oficina de Flores para enfeitar altares, carroças e salão paroquial; Oficina do Jornal da Escola Experimental para as matérias, da Casa da Memória e entrevistas para registro; da Oficina de Dança para o catira nos Pousos de Folia, entre outros.

As Festas Religiosas de São Sebastião no começo do ano e de Santo Antonio em meados do ano mudavam o cenário. Mais de uma centena de pessoas em procissão com suas prendas para leiloar durante a festa, depois da missa chamavam atenção. Leitoas e frangos assados e outras iguarias embrulhados com papel celofane de diversas cores e laços de fita para enfeitar coloriram a noite iluminada por velas por toda a Praça. Uma beleza guardada na memória dos que presenciaram a festividade religiosa.

A Oficina de Dança do Tapuias (Figura 10) fazia um sucesso entre os rapazes da Escola Experimental. Eles realizaram diversas apresentações em Olhos D'Água e nos arredores, cidades vizinhas.

Figura 10 - Oficina de Dança: Dança dos Tapuias - Olhos D'Água/GO (1982)



Fonte: Wagner P. Barja (1982)

A Figura 10 acima mostra a dança dos Tapuias com o Instrutor de Oficina, o morador Sr. Claudiano, também instrutor de música com flautas de taquara, com alunos e comunidade durante a apresentação na Feira de Troca em 1982.

Algumas Oficinas eram realizadas em períodos mais curtos (dois a três meses): Danças: dos Tapuias<sup>13</sup>, representado na imagem acima; as danças do Lundu<sup>14</sup>, São

<sup>13</sup>Dança dos Tapuias ou Tapuios: Vocábulo dos índios Tupis significa o forasteiro, o inimigo. Não é uma etnia e refere-se aos grupos indígenas do interior do país. Descendentes de grupo Xavante, Xerente, Kayapó e Karajá, Estão presentes no Estado de Goiás em MG e RN. A pintura em óleo sobre tela de 1641-1644, Dança dos Tapuias, de Albert Eckhout está exposta no Nationalmuseet, Copenhague na

Gonçalo<sup>15</sup> e Catira<sup>16</sup>; Yoga; Serigrafia; Corte e Costura; Instrumentos de Percussão, entre outros. Esses aconteciam nas férias de verão, principalmente.

Os trabalhos desenvolvidos em Olhos D'Água, na Escola Experimental, na APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água e com os Projetos de Integração Escola - Comunidade conseguiram envolver a comunidade como um todo por ter considerado o que de mais precioso existia e ainda existe na localidade: as práticas da tradição, estruturadas nas formas de pensar, sentir e fazer.

A reza do terço, a lida na roça, as relações com a natureza na hora de plantar; colher; armazenar; construir; preparar os pratos; fazer os votos a um santo; o cumprimento das promessas, entre outros; já eram praticados pelos antepassados e

---

Dinamarca. A dança apresenta enredo dramático com 19 figurantes: 2 caciques, um porta-bandeira com estandarte de Nossa Senhora do Rosário e 16 guerreiros pintados e vestidos com cinta e tiaras de penas, braceletes e cocares. Passos em filas e círculo simulam combate e o tacape ou bastão marca um ritmo nas batidas junto com maracás e flautas de taquara. No duelo uma fileira tenta tomar o lugar dos guerreiros da outra fila. A vitória da é da fileira que maior número de lugares conseguirem conquistar. (Revista Brasileira de Folclore, 1971; MOURA, 2008)

<sup>14</sup> Lundu ou Lundum: Manifestação cultural de música e dança difundida no Brasil, principalmente no Norte. Também visto no Nordeste, SP, GO e MG. Há uma fusão de ritmos na origem do lundu: africanos de origem atribuídos aos (Bantu, Angola e Congo) e ibéricos (portuguesas e espanholas). Surge no Brasil antes do samba, conhecido como a mais antiga dança brasileira tendo influenciado o maxixe e a modinha. Apresenta-se como dança sensual e dengosa e de cortejo amoroso. (LIMA, 2010; CASTAGNA, 2014)

<sup>15</sup> Dança de São Gonçalo: Origem portuguesa é um rito difundido do catolicismo rural praticados em todo o Brasil mescla elementos profanos e sagrados. Comemorado no dia 10 de janeiro, ano de morte do santo. Participantes: mulheres e solteiras vestem-se de branco e tiara de flores formam duas fileiras segurando arcos de flores acima da cabeça. Apenas o violeiro e o tocador de tambor são homens, mas em alguns lugares é permitido que os homens dancem. São Gonçalo é conhecido como santo das solteiras, casamenteiro, santo das águas, de cura, entre outros. (SANTOS, 2004; LIMA e GOMES, 2009)

<sup>16</sup> Catira ou Cateretê: Conhecido no período colonial pelos jesuítas é uma manifestação cultural de procedência incerta, (africana e/ou ameríndia) e muito difundido por todo Estado de Goiás. Colunas com 12 a 16 catireiros e mais 2 violeiros tocam e cantam os versos de moda de viola. A marcação do ritmo dá-se pelo sapateado e palmas ritmadas. O Catira é marca presente durante os Pousos de Folia, no agradecimento da mesa (almoço e jantar feitos de forma solidária e oferecida aos foliões, que fazem o percurso por várias casas e/ou fazendas em louvor a São Sebastião, ao Divino Espírito Santo e/ou aos Santos Reis. Os foliões fazem o pouso, pernoitam na casa do anfitrião, rezam o terço. Depois, aos outros presentes são servidos almoço e jantar.). (Revista Brasileira de Folclore, 1971 e observação *in lócus* )

estimulados nos segmentos criados com os Projetos de Integração Escola - Comunidade e na Escola Experimental no período de 1978 - 1984.

A rememoração dos versos, cantos e causos, o Mutirão e a Traição foram reavivados ao valorizar as tradições, e assim, cumpriu-se a vontade da comunidade: lembrar e reviver os antigos costumes. Houve um resgate cultural e educacional, porque as práticas tradicionais foram transmitidas aos jovens das escolas e para a comunidade pela própria comunidade e a Escola Experimental, a APMA e os Projetos de Integração Escola – Comunidade, proporcionaram os meios de incentivo e suporte.

As memórias da tradição foram assunto dentro e fora da sala de aula, nas casas, fazendas, quintais e Praça Santo Antonio. As memórias reativadas foram temas contemplados em todas as disciplinas e aproximou a comunidade da escola nas práticas revividas em Olhos D'Água/GO.

Brandão (1984) descrevendo as práticas tradicionais da lida da roça e do ofício de fiandeira em Santo Antonio dos Olhos D'Água em Goiás lembra uma passagem comum da tradição, patrimônio do lugar e como autor durante suas andanças fez questão de registrar, mostrando a solidariedade da comunidade em situações de necessidade:

Mas na madrugada de um outro dia as pessoas da família foram de repente acordadas com toques de viola e sanfona. Com tiros de rojões, primeiro longe, na porteira do sítio, depois mais perto, na porta da casa. Foram acordados com o alegre cantório dos “traíçoeiros”. Eles cantavam”:

*“O senhor dono da casa*

*Meu amigo e companheiro.*

*Saia na porta da frente*

*Receber os traíçoeiros.”*

(BRANDÃO, 1984; p. 16)

Brandão (1984) segue descrevendo todo o trabalho coletivo realizado nos cuidados na roça, fora da casa, sobre as músicas e quadras cantadas; causos e reza do terço e todo trabalho de união das mulheres com o mutirão das fiandeiras, preparação do almoço e janta festiva, dentro da casa e no seu entorno.

Figura 11 - Traição em Olhos D'Água/GO (1982)



Fonte: Wagner P. Barja (1982)

A Figura 11 acima representa a prática da Traição na Casa das artesãs D. Maria, sua filha D. Ana e a neta artesã, “Fatinha” (Fátima Dutra) para fiar o algodão e tecer as colchas. Aqui, ao fundo da imagem, a dança do Catira. No primeiro plano, uma das artesãs, Dona Isabel, tece em tear manual em Olhos D'Água, interior de Goiás.



Essas práticas da tradição de realizar Mutirão<sup>17</sup> e Traição<sup>18</sup> das Fiandeiras e tecelãs ou de carpir roça foram reavivadas durante o desenvolvimento dos Projetos de Integração Escola e Comunidade. Reavivar as práticas de outrora da comunidade valorizou a tradição, a memória do lugar, o sentimento de pertencimento. E sobre a tradição de um tempo em Olhos D'Água, Brandão (1984) registrou:

[...] uma tradição perdida no tempo. Quem sabe, um tempo anterior ainda ao “tempo dos antigos”, que a memória dos velhos não quer esquecer? Um tempo em que havia “fatura” e “respeito” e de onde se crê em Santo Antônio dos Olhos D'Água que vieram todas as coisas boas do mundo. (BRANDÃO, 1984; p. 21)

A primeira turma da Escola Experimental de Olhos D'Água formou-se em nível de 1º grau em 1982. A escola estava aberta à comunidade, onde alunos eram matriculados formalmente ou através de prova de capacitação.

O documento “Plano de Funcionamento da Escola Experimental” (Anexo - 3 Parte - 1) sobre a clientela, explica:

**1- Alunos devidamente matriculados.** Para matricular-se em qualquer série do 1º grau é necessário prova de escolaridade ou prova de capacitação.

**2- Membros da comunidade.** No intuito de integrar Escola-Comunidade as aulas serão abertas a qualquer adulto interessado em adquirir conhecimentos nas diversas áreas oferecidas pela Escola, não havendo necessidade de matrícula oficial”. (Plano de Funcionamento da Escola Experimental: Clientela, 1979)

No mesmo documento, em Apresentação: “A Escola Experimental

---

<sup>17</sup> Mutirão: É uma iniciativa de pessoas em mobilização solidária em favor de um ou mais pessoas para resolver questão que se necessita, na tecelagem, plantação, construção civil ou outros afazeres. O dia e hora para realizar o mutirão são combinados com os participantes e com os anfitriões. Um mutirão pode durar um dia ou vários. A limpeza e as refeições realizadas seguem a mesma forma em mutirão com doação de alimentos, elaboração conjunta dos pratos e limpeza, conforme a divisão de tarefas combinadas entre os participantes. Ao final é costume festejar com dança e música (Observação *in lócus*).

<sup>18</sup> Traição: Assemelha-se ao mutirão, no entanto é oculta a intenção. O beneficiário é pego de surpresa, pois não fica sabendo, do dia, horário ou mesmo do combinado entre os participantes. A chegada dos “traidores” na casa do beneficiário é realizada, antes mesmo do sol surgir, com muita cantoria. Quando necessário os participantes assumem o papel de anfitrião enquanto o necessitado recebe a hospitalidade transferida para os participantes que não são os donos da casa (Observação *in lócus*)

caracteriza-se como Centro de Integração Escolar - Comunidade e Educação e Cultura Popular.” (Plano de Funcionamento da Escola Experimental, 1979)

Figura 12 - Alunos e Professores da Escola Experimental de Olhos D’Água/GO (1982)



Fonte: Desconhecida (Acervo Pessoal, 1982)

A imagem mostra a primeira turma formada em nível de 1º grau da “Escola Experimental” de Olhos D’Água em 1982 acompanhados de professores Joaquina de Paiva, Gorette A. Barja e à esquerda e atrás, a diretora Sinclei Fazzolino.

Através da investigação documental (Relatórios dos Projetos acervo pessoal) e experiência com educação, o ensino e aprendizagem desenvolvido em Olhos D’Água entre os anos de 1978 a 1984, coordenado pela educadora Sinclei Fazzolino, não deve ser chamado de método; porque não seguiu um único método.

A proposta envolveu o ensino e a aprendizagem dos conteúdos do ciclo comum do ensino vigente realizado de forma diferenciada envolvendo a história, os saberes e fazeres da cultura local e regional sem esquecer-se dos diferentes contextos e culturas existentes no mundo.

A Escola Experimental pautou-se no ensino desenvolvido na coleção “Meu Universo” (1974; 1975). O Gráfico “Projeto Meu Universo”(1977) (Anexo - 8) demonstra de forma sintética a estrutura filosófica dos 9 livros didáticos da Cartilha à 8ª série de Comunicação e Expressão Meu Universo, (1974/75). Os Pontos de Referência para Compreensão da Obra (1977) de autoria de Sinclei Fazzolino esclarecem melhor (Anexo - 9).

A respeito do método de alfabetização da Cartilha de Meu Universo, o primeiro livro dos nove da coleção, recorre ao método “analítico–sintético–sensorial” (Inácio Bueno, Revista Aula Maior, 1975; p.12). O caráter globalizante inverte o processo de alfabetização que inicia a leitura por frases inteiras; e não por letras isoladas (método alfabético) ou por sílabas (método silábico).

Nas escolas de métodos ativos, com o médico e educador belga Jean-Ovide Decroly (1871-1932), por exemplo, também, foi utilizado o processo globalizador de alfabetização. Para o autor Decroly a criança tende para as representações globais, de conjunto, isto é, percebe os fatos e as coisas como um todo.

O processo globalizador de alfabetização de Decroly se dá em torno de centros de interesses: a criança e a família; a criança e a escola; a criança e o mundo animal e assim por diante. Esses temas são semelhantes aos trabalhados nas séries iniciais da obra “Meu Universo” e justifica-se por serem esses temas próximos à realidade da criança facilitando o processo de aprendizagem.

A partir da observação não passiva, mas sim participativa, a criança começa a fazer as associações e a expressão concreta ou abstrata. Dessa forma:

Toda a atividade educativa deve partir do concreto para o abstrato, do simples para o composto, do conhecido para o desconhecido, e portanto todo processo de simbolização deve ser aprendido através de um contato prolongado com a realidade e com seus dados empíricos.

(CAMBI, 1999, p. 531)

Os temas universais e diálogos abertos com os textos e práticas aplicadas nos livros envolvem temas sobre valores e atitudes éticas, cidadania, pluralidade cultural, meio ambiente, teatro, cinema, música, saúde física e mental, ecologia, entre outros. Através da interpretação de textos e questionamentos levantados, os alunos são levados a expressar suas reflexões, críticas e opiniões. Em entrevista à Revista Aula Maior da Editora EDART, 1976, a autora faz recomendações aos professores e sobre a relação da criança na escola.

É necessário formar a criança para estar atenta ao momento presente; ao outro; o amor ao próximo e a tudo que está ao seu redor. [...] é fundamental para a criança de hoje sentir o momento, sua importância e estar preparada para enfrentar os desafios que o homem do futuro terá que enfrentar. Trata-se de uma tarefa difícil, que todos os professores conscientes devem se esforçar para levar a cabo” (FAZZOLINO, 1976).

Os livros da coleção “Meu Universo” foram aprovados pelo Instituto Nacional do Livro - INL e adotados em muitas escolas do país com grande aprovação por parte de educadores e alunos. A coleção foi publicada 1975/1976 pela Editora EDART em São Paulo/SP. Devido à falência da editora, a coleção deixou de ser editada.

Os textos e atividades propostas na série “Comunicação e Expressão Meu Universo” abrem espaço para alunos e professores juntos refletirem sobre o mundo e eles mesmos. Apresento ao leitor um pouco sobre alguns dos livros da coleção “Meu Universo”:

- O livro da 6ª série centraliza-se, principalmente, na música com método para flauta doce. O método diferenciado ensina as notas musicais a partir de cores. Cada cor representando uma nota. As atividades com cordel, versos, música, estudo sobre instrumentos de orquestra, textos informativos e literários; formação de banda rítmica, entre outros, complementam a aprendizagem.
- O livro da 7ª série trabalha o teatro: estudo dos personagens e caracterização, formatação na escrita de peças, montagem de cenário e efeitos sonoros, expressão corporal, ensaios e apresentação. Outras atividades de comunicação e expressão relacionadas ampliam os conhecimentos e aproximam o aluno do mundo do teatro.

- A 8ª série tem no cinema seu fio condutor e além de realizar as atividades desenvolvidas na série anterior adaptadas para cinema, trabalhou imagem, fotografia e significados por estes propostos. Textos complementares relacionados enriquecem os estudos.

Assim, a princípio, a Escola Experimental trabalhou com os livros “Meu Universo” nas séries de 5ª a 8ª, tendo como apoio outros livros com a mesma intenção de reflexão, textos jornalísticos, entrevistas e composição dos próprios alunos.

A partir de 1982, a Escola Estadual Padre Antônio Marcigalha (1ª a 4ª série), envolvida nos Projetos Escola e Comunidade adotou a série de livros “Meu Universo” das séries iniciais na área de Comunicação e Expressão.

Para as outras disciplinas do currículo, os professores passaram a elaborar apostilas e começaram a trabalhar diversos textos: de entrevistas realizadas com anciões locais; textos dos próprios alunos sobre plantas nativas e medicinais; meio ambiente natural; matérias de jornais lidas; pesquisas sobre a região e outros de igual interesse de acordo com a proposta da Escola Experimental.

O trabalho didático pedagógico da Escola Experimental, na perspectiva do currículo, preocupado com a valorização da cultura, valores e atitudes éticas e o respeito ao próximo, começa com a criação de espaços e tempos de encontro, nos quais a livre expressão e o diálogo entre pessoas são estimulados.

Com a proposta de leitura e releitura da visão de mundo do contexto local; considerando as diferenças culturais existentes; refletindo sobre a realidade e os diferentes significados do real; promovendo o reconhecimento das representações culturais com a comunidade de Olhos D’ Água; foi possível vivenciar experiências enriquecedoras para todos os envolvidos direta ou indiretamente no processo educacional e cultural.

A segunda parte do documento Plano de Funcionamento da Escola Experimental (FAZZOLINO 1979), que esclarece sobre os Objetivos, Metodologia, Avaliação e Currículo, foi transcrita (Anexo - [3](#) - Transcrição) por conter diversas palavras praticamente apagadas devido a ação do tempo.

Com o plano de funcionamento, explicado acima, a Escola Experimental estava aberta à comunidade e a partir da proposta, o aluno participava das aulas do currículo comum e poderia inscrever-se nas diversas oficinas em horários contrários às aulas, nos fins de semana ou à noite conforme a programação.

Essas oficinas, em sua maioria foram coordenadas por pessoas da localidade remuneradas com recursos dos Projetos de Integração Escola - Comunidade. O aluno que mais se destacava numa determinada arte ou ofício nas oficinas oferecidas tornava-se monitor e para isso recebia uma quantia, por hora trabalhada com recursos dos Projetos de Integração Escola - Comunidade em andamento.

A APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água tomou diversas providências para garantir recursos para incentivar as práticas tradicionais (artesanato, agricultura e festividades) de Olhos D'Água/GO e desse modo assegurou o bom andamento de todas as ações desenvolvidas junto a órgãos públicos e instituições. (Anexo 10 - [A](#), [B](#) e Anexo 11 - [A](#) , [B](#)) O compromisso com a comunidade sempre foi uma constância durante as ações realizadas no período de 1978 a 1984.

As oficinas criadas, coordenadores, professores e monitores da Escola Experimental de Olhos D'Água foram mantidos pela a APMA (Associação de Pais e Mestres e Amigos), criada em 1979 por meio dos Projetos. Abaixo, alguns “Projetos de Integração Escola – Comunidade”. Estes projetos, entre outros, foram desenvolvidos em Olhos D'Água entre os anos de 1979 a 1984:

- Projeto Fazendo Arte. FUNARTE; Olhos D'Água/GO, 1981.
- Projeto Integração Escola - Comunidade. SEC/MEC. Olhos D'Água/GO (1982)
- Programa de Ensino Livre. SEC/MEC; Olhos D'Água/GO, 1982.
- Educação Básica e Adulta fora do Sistema Formal de Ensino. (Secretaria de Serviços sociais de Goiás e Distrito Federal. Olhos D'Água/GO (1982/83).
- Interação entre a Educação Básica e os Contextos Culturais Existentes no País. SEC/MEC; Olhos D'Água/GO (1982/83)
- Música e Interação entre Educação Básica e Culturas Regionais. Instituto Nacional de Música Olhos D'Água/GO (1982/83).
- Escola – Produção – PRONASCEC/Rural/GO. Olhos D'Água/GO (1982)

Os Projetos de Integração Escola - Comunidade, atividades da Escola Experimental e da APMA, também aconteciam em períodos de férias escolares (dezembro, janeiro e fevereiro) em Olhos D'Água no período entre 1979 - 1984.

A equipe de coordenação dos Projetos de Integração Escola - Comunidade, em Justificativa (Anexo - [12](#)) demonstra o esforço em dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos representado nos espaços, projetos e ações: Casa da Memória - Contação de Histórias e Causos; Projetos da Biblioteca Mário de Andrade; Projetos Cívicos; da Cinemateca Glauber Rocha, de Dança, Teatro e Música; Fiandeiras e Tecelãs; Ervas Medicinais e Plantio de Árvores Nativas, Horta Comunitária; Cerâmica, Cestaria, Comercialização do Artesanato, Mutirões, festividades comunitárias, entre outros

O Resumo do Trabalho de 1982 e os Relatórios de 1982 e 1983 e esclarecem sobre o desenvolvimento dos Projetos de Integração Escola - Comunidade e apresentam depoimentos da época. (Anexos [13](#), [14](#), [15](#) e [16](#))

Aos poucos a comunidade, assumia a responsabilidade pelos trabalhos e projetos desenvolvidos pela Escola Experimental e a APMA com orientação da coordenadora Sinclei Fazzolino. A proposta inovadora de Sinclei concretizada por meio dos projetos realizados com a comunidade ofereceu oportunidades de desenvolvimento sustentável nos âmbitos sociais, políticos, institucionais, culturais, educacionais, sociais, econômicos e ambientais na convivência e troca de saberes do processo de ensino-aprendizagem.

Devido às mudanças administrativas na educação estadual e municipal, entre outras questões, no final de 1984, a educadora Sinclei não pode dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos na comunidade de Olhos D'Água.

Podemos compreender um pouco sobre os fatos e a tentativa em dar continuidade aos projetos de acordo com o depoimento publicado no Jornal da Escola Experimental e em Relatório do Projeto (1984) (Anexos [17](#) e [18](#)).

Dessa forma, a coordenadora do Projeto Integração Escola-Comunidade, diretora educacional da APMA e diretora da Escola Experimental, Sinclei Fazzolino esclarece:

Como todos os projetos tinham como núcleo a Escola Experimental, e dela, o trabalho estendia à comunidade, e quando no início do ano letivo correu a notícia de que a 2ª fase seria absorvida pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás, o trabalho passou, de certa forma, ser prejudicado, devido às expectativas de mudanças, que atingiria também o corpo docente... Finalmente, com a portaria nº 398/84... de sua Excelência o Sr. Secretário de Educação do Estado de Goiás, implantando a 2ª Fase do 1º Grau, na Escola Estadual Padre Antônio Marcigalha, extinguiu-se de fato, a Escola Experimental, da APMA aos níveis de 5ª a 8ª séries, exatamente, as séries para as quais a escola estava autorizada a funcionar. Este fato novo causou, logicamente, grande perturbação em nosso trabalho... Como estamos a menos de um trimestre para o encerramento do ano letivo e sentindo a necessidade de adequação à nova realidade, sugerimos que seja reformada, em parte a proposta inicial do trabalho, já que, à esta altura, e descontinuidade do projeto representaria uma desastrosa frustração para todos, haja visto os depoimentos... Solicitamos a vinda dos técnicos da Secretaria de Cultura, Fundação Pró Memória e Funarte, a fim de que em conjunto, possamos traçar novos rumos ao Projeto, que sem dúvida tem contribuído para o avanço educacional conseguido nesses últimos anos em Olhos D'Água.

Sinlei Fazzolino 25/09/1984

Ao mesmo tempo, o quadro administrativo da APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água foi modificada em eleição realizada no mesmo ano de 1984. Diversos problemas trouxeram alguns impedimentos e os trabalhos não tiveram continuidade apesar dos esforços (Anexos [19](#), [20](#), [21](#) e [22](#)).

Dessa forma, sem a proposta da Escola Experimental ou apoio da APMA, também não houve apoio dos órgãos federais para a continuação dos projetos. Os professores e profissionais que vieram de Brasília e residiam na localidade não faziam parte do quadro de professores do Estado e tampouco do Município, por isso tiveram que voltar a Brasília, depois de anos e refazer com grande esforço suas vidas, pois todos tinham famílias para sustentar.

O Quadro 1 - “Narrativas das Experiências” (Apêndice [1](#)) apresenta explicações e alguns depoimentos coletados ao longo do tempo dos grupos que participaram das ações desenvolvidas na Escola Experimental, APMA e nos Projetos de Integração Escola - Comunidade no período de 1978 a 1984. As conversas giraram em torno das lembranças das atividades e sentimentos referentes.



O mundo é feito de mudanças para o avanço ou retrocesso... Os materiais permanentes e pesquisas realizadas, infelizmente em prejuízo à memória de Olhos D'Água, foram perdidos com o passar do tempo. Muito pouco foi guardado ou recuperado.

Apesar do término, frustrante, com o passar do tempo, a força criada por meio dos trabalhos realizados não foi em vão. As experiências criativas, ações alternativas e coletivas para o bem geral foram enriquecedoras para todos que de alguma forma participaram ou estiveram presentes. Também, as novas gerações, apesar do desconhecimento dos trabalhos realizados, podem aproveitar das tradições valorizadas.

As oportunidades proporcionadas com os projetos contribuíram para o desenvolvimento das potencialidades da própria comunidade e suas tradições e que aos poucos pode transformar a realidade carente em que viviam. Além do impulso econômico para melhoria das condições de vida da comunidade, o esforço realizado de recuperação da história, dos saberes e fazeres e a transmissão destes no âmbito educação formal e não formal contribuiu com a construção da identidade de Olhos D'Água /GO.

Uma matéria de Allan Pimentel do Jornal Camarim (1988) em (Anexo [23](#)) “Sinclei - Diretora da Escola Experimental de Olhos D'Água” publicada após falecimento de Sinclei Fazzolino em dezembro de 1988 apresenta um pouco da trajetória da educadora, a respeito da coleção de livros didáticos de Comunicação e Expressão Meu Universo; sobre a Escola Experimental e os Projetos desenvolvidos em Olhos D'Água/GO.

Ao longo do tempo pessoas da comunidade, artesãos, aprimoraram sua arte e pelo aprendizado anterior fizeram contatos, realizaram exposições, ganharam prêmios, ampliaram suas oficinas. Outros nem tanto, mas conseguem hoje viver da sua própria arte e/ou do que a terra oferece em se plantando. Outros, ainda, formados na Escola Experimental buscaram na educação sua realização. Alguns se tornaram pequenos empreendedores locais ou continuaram como agricultores familiares e artesãos. Diversas pessoas partiram para localidades mais distantes e fizeram seus projetos de vida e trabalho. Muitos deixaram de se fazer presente em vida...

Algumas pessoas continuaram suas oficinas de artesanato ou vieram a criá-las e passaram a agregar valor aos produtos melhorando o acabamento, sempre

incrementando as novas criações. Muitas oficinas de hoje guardam na memória a história de tempos de outrora que precisam ser preservados e incentivados.

Os visitantes e turistas são atraídos não apenas pelo ambiente bucólico e a tranquilidade oferecida em Olhos D'Água/GO, e sim de fato, pelo que não é revelado, mas está presente nos modos de ser e fazer, onde a memória dos tempos passados é presente.

A continuidade das atividades artesanais e agrícolas, assim como as práticas e festividades tradicionais, (Anexos 10 (A) e (B); 11 (A) e B)), incentivadas na época dos Projetos de Integração Escola – Comunidade, tem contribuído com a visitação de turistas para conhecer a tradição e adquirir os produtos cultivados e confeccionados pelos habitantes locais.

No próximo Capítulo IV, “TEMPOS TURÍSTICOS EM OLHOS D'ÁGUA apresentam-se pontos importantes vinculados ao capítulo anterior, intitulado “Movimentos Culturais Pós-1984” para a compreensão da evolução após o término dos Projetos de Integração Escola - Comunidade.

Apresento, também, algumas transformações no contexto regional sobre o Eixo de Desenvolvimento Brasília – Anápolis - Goiânia BR 060. Depois, um breve passeio sobre o movimento turístico em Olhos D'Água desde a 1ª versão da Feira do Troca em dezembro de 1974 até a 90ª versão em junho de 2018.

O Capítulo finaliza com reflexões sobre situações-problemas que surgiram na localidade no decorrer do desenvolvimento da atividade turística por falta de um planejamento sistêmico. Os “Temas de Situações-Problemas e Propostas Sugeridas” apresenta algumas vozes da comunidade e daqueles que convivem nos espaços de Olhos D'Água/GO e tratam de temas importantes que afetam a localidade e muitas sugestões. O levantamento dos temas e a coleta de sugestões ocorreram ao longo do tempo por meio da minha participação em reuniões locais, conversas informais com a comunidade, visitantes e turistas e coleta de registro sobre reuniões em página da Prefeitura Municipal de Alexânia.

## 4 - CAPÍTULO IV

### TEMPOS TURÍSTICOS EM OLHOS D'ÁGUA

Para compreender o processo retomo um pouco o Capítulo III para falar sobre uma casa de esquina da Praça Santo Antonio, onde funcionou a Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água - APMA e envolveu a comunidade como um todo, praticamente as 400 famílias existentes na localidade entre 1979 - 1984. Ali, funcionaram: a Biblioteca Pública Mário de Andrade; a Casa da Memória e do Fazer; o Jornal da Escola Experimental; a Cinemateca Glauber Rocha; a Oficina de Doces; a Gibiteca (Coleção de Gibis para Leitura); a sala de TV, disponibilizada durante a semana para quem quisesse assistir às programações.

Também era disponibilizado na APMA espaço para: festas nos finais de semana, como momento de encontro para comunidade se divertir; horta comunitária, dividida entre o “Responsável pelos Canteiros” e a Escola Experimental, para complementar a merenda escolar, além do espaço de reuniões abertas para discutir assuntos sobre Projetos de Integração Escola – Comunidade, entre outros.

O término dos Projetos de Integração Escola - Comunidade, das ações da Escola Experimental e da APMA, provocou um desânimo geral. Esse desânimo tem relação com a dificuldade em envolver a comunidade para participar de outras atividades e projetos.

No entanto, a partir do final da década de 1990, a capacidade de superação e criatividade fez surgir, ao longo do tempo passado (até 2010) e presente (a partir de 2011), alguns projetos comunitários menores quanto à abrangência participativa e trouxe lampejos de esperança.

Delimito o tempo até 2010, como passado por ser até essa data que fui moradora fixa da localidade e a partir de 2011, o presente, quando me tornei moradora de segunda residência, mas em constante contato com os movimentos desenvolvidos, explicado no Capítulo I “Métodos e Sentidos”.

#### 4.1 MOVIMENTOS CULTURAIS PÓS-1984

Situando o leitor no espaço, nessa mesma casa onde funcionou a APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água entre 1979 - 1984, está instalada desde 1999, a ACORD - Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos D'Água e o Memorial Olhos D'Água desde 2017.

O Memorial Olhos D'Água inaugurado em 17-12-2017 e organizado por Wagner Barja com contribuição de Peninha e equipe, é um lugar de memória englobando três salas pilares: Os Pioneiros, a Feira do Troca e a Educação. A pesquisa da história dos pioneiros teve grande contribuição de Enedina Fernandes de Queiroz, entre outros. A Feira do Troca, teve principalmente a inclusão do acervo de Laís Aderne, idealizadora da Feira e a sala da Educação sobre os projetos educacionais e culturais desenvolvidos pela comunidade na coordenação de Sincler Fazzolino, idealizadora da Escola Experimental, Projetos de Integração Escola - Comunidade, teve contribuição desta pesquisadora, filha de Sincler, com acervo pessoal.

Colaboradores e amigos de Olhos D'Água contribuíram complementando o acervo com diversos documentos, matérias de jornais, acervo fotográfico, móveis, entre outros, com a intenção de preservar a memória local. A exposição permanente do “Memorial Olhos D'Água” está localizada na Praça Santo Antonio, na sede da ACORDE – Associação Comunitária de Olhos D'Água aberta à visitação de quinta a domingo.

Os novos projetos e/ou movimentos Pós-1984 proporcionaram aos grupos partícipes com idades variadas, o entusiasmo na realização de atividades coletivas em prol da cultura, da alegria de muitos e do prazer de viver e fazer em comunidade. Abaixo cito brevemente alguns movimentos desenvolvidos ao longo do tempo passado e presente sem, contudo, qualquer aprofundamento sobre suas ações por não ser este o foco desta pesquisa e pelo limite de tempo e espaço:

- A ACORDE (Associação Comunitária de Desenvolvimento Sustentável de Olhos D' Água) criada em 1999, sob a coordenação de Enedina Fernandes de Queiróz, teve o “objetivo de resgatar a produção artesanal de Olhos D' Água” (PNMT 2001). Dessa forma, firmou parceria com o SEBRAE para realização de cursos; parceria com a EMBRATUR no Programa Nacional de Municipalização do Turismo. Algumas atividades conseguiram envolver os artesãos locais e as crianças da localidade na área esportiva e cultural. Depois de um tempo, com as ações desta Associação interrompidas, a ACORDE em parceria com a Prefeitura Municipal de Alexânia trabalhou com Projeto do Coral Infante-Juvenil de Olhos D' Água. (Diário Municipal, 2015) e participou de forma ativa na organização da Feira de Troca de Olhos D'Água, GO, entre outros Projetos culturais. Enedina Fernandes de Queiroz, coordenadora dos Projetos desenvolvidos na ACORDE, contribuiu alavancando diversos movimentos e atividades culturais muito proveitosas para os artesãos e as crianças da comunidade.
- O projeto Boi D'Água começou seus trabalhos em 2000 com o teatro sobre a história do Bumba Meu Boi com nova versão na tentativa de ressuscitar o boi com música e versos que contavam a história de Olhos D' Água. O trabalho realizou-se basicamente com grupo, primeiramente de jovens, aproximadamente 20 a 30 jovens e depois com o Boizinho, crianças da comunidade, aproximadamente 20 crianças participavam. O projeto incentivou o entusiasmo pelo conhecimento da história e a da cultura local. As atividades e apresentações realizavam-se em Olhos D' Água e outras localidades da região próxima, Corumbá, Goiânia, Brasília, entre outros até o ano de 2003. Tornou-se um reconhecido Ponto de Cultura em Olhos D' Água.

Infelizmente, por diversos motivos, o Ponto de Cultura deixou de existir e a ACORDE ficou um período sem realizar atividades, o que afastou a comunidade de artesãos. No entanto, essa associação, repaginada, a partir de fins de 2017, quando inaugura em sua sede Memorial Olhos D'Água e depois com nova coordenação recomeça com ideias para envolver a comunidade de forma mais ativa. Mariana M. de Bulhões, mais recente coordenadora da ACORDE já participa de diversas atividades festivas e culturais da tradição do catira e das cavalhadas, entre outras, da comunidade e

pretende junto com sua equipe trabalhar novos projetos que poderão voltar a envolver a comunidade.

Também, em Olhos D'Água, esporadicamente, alguns projetos específicos de música, danças, teatro e projeções de filmes aconteceram aqui e ali, ao longo do tempo com algum envolvimento da comunidade. Esses projetos envolveram algumas pessoas do lugar que puderam assistir e divertir-se ou manifestar-se na música, no teatro, da dança e em diversos eventos e atividades e foram muito proveitosos.

Alguns espaços criativos são criados a partir da segunda década de 2000 e eventos culturais, também, movimentam a localidade turística.

- A Vila Mamulengo é um espaço coordenado por Chico Simões, um conceituado artista bonequeiro que trabalha com a arte popular, confecciona bonecos, faz apresentações por todo país e também pelo mundo. A sede do Mamulengo Presepada fica em Taguatinga/DF – Mercado Sul e a instalação da Vila Mamulengo em Olhos D'Água, GO contribui como espaço cultural com grande potencialidade para o desenvolvimento de projetos que envolvam a comunidade para o registro de histórias, causos e memórias locais e regionais. Diversos eventos musicais, dançantes, de teatro são realizados no espaço da Vila. A Casa da Dona Lembrança, construída no sistema de bioconstrução, na entrada da Vila Mamulengo pretende ser um espaço de “Contaçon de Causos, Histórias e Troca de Conhecimentos” como explica o idealizador Chico Simões em página do *Facebook*. O espaço cultural oferece caldos e outros, nos fins de semana e eventos que realiza.
- O Núcleo de Arte do Centro-Oeste (NACO) inaugurado em 2014 é “um espaço voltado para residências artísticas imersão”, como explica a equipe coordenada por Eduardo Cabral em página do *Facebook*. Artistas de outras localidades ficam hospedados no NACO e realizam trabalhos artísticos diversos envolvendo tecnologia, manifestações culturais, entre outros. Também, são realizadas inúmeras exposições e atividades culturais, muitas vezes com significativa participação da comunidade local: Sábado das Artes, o TROCARTE, Cinema, Música, Dança, Teatro, Oficinas, entre outros. O NACO trouxe oportunidade para a localidade como espaço criativo de encontros e intercâmbios culturais. A

Exposição dos artesãos do Encontro Estadual dos Artesãos de Goiás de 20 a 23 de setembro de 2018 foi realizada no amplo e belo espaço do NACO.

- O Encontro Estadual dos Artesãos de Goiás realizado pelo SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas foi realizado com sucesso de 20 a 23/09/2018. Teve ampla participação da comunidade desde o oferecimento de hospedagem “Cama e Café” em mais de 50 casas e participação na organização, atendimento ao turista, envolvimento nas práticas, oficinas, apresentações, rodas de conversas e palestras desenvolvidas antes, durante e depois do evento de quatro dias.

Diversos restaurantes, bares e casas de shows como a Toca do Alemão, o Bão Demais, República do Blues, ComTradição, Restaurante da Vilma, Bar e Merceria da Vilmar, Bar das Artes, Bar do Wilson, Restaurante da Lazara, Café da Azelma, Taty Pizza, entre muitos outros, incrementam a localidade turística em expansão.

Antes de aproximar o leitor da localidade de Olhos D’Água pretendo oferecer visão ampliada do contexto geral com a mudança da capital do Brasil para a região Centro-Oeste e as transformações geradas no Município de Alexânia a partir da Rodovia Federal Radial<sup>19</sup> BR 060, eixo de desenvolvimento Brasília - Anápolis – Goiânia.

## 4.2 - ALGUMAS TRANSFORMAÇÕES NO CONTEXTO REGIONAL

A transferência da capital para o centro do país, no Planalto Central pensada de forma mais continuada desde o século XVIII objetivou a ocupação estratégica do centro do país; segurança nacional; alargamento dos territórios agropecuários; ampliação do número de novos consumidores, tentando solucionar ou redimensionar “à crise de concentração de terras e expansão da moderna produção agropecuária direcionada aos mercados internos e externos.” (SILVA; SOBRINHO; FORTES, 2015, p. 305)

---

<sup>19</sup> Rodovia Federal Radial: São as rodovias que partem da Capital Federal. O sentido de quilometragem vai do Anel Rodoviário de Brasília em direção aos extremos do país, e tendo o quilometro zero de cada Estado no ponto da rodovia mais próximo à Capital Federal.

O governo de Juscelino Kubitschek, em meados dos anos cinquenta, usando do chavão de Vargas, “Marcha para o Oeste”, com a intenção de promover a interiorização, povoamento e o desenvolvimento dessa região do país, iniciou o processo de mudança da capital para Brasília. Se antes toda atenção econômica e cultural concentrava-se no eixo Rio - São Paulo, depois da ocupação de Brasília e Goiânia a configuração socioespacial e econômica apresenta novas dinâmicas no país proporcionando outras oportunidades.

Deste modo, como explica Santos (2008):

O território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos, graças às enormes possibilidades da produção e, sobretudo de insumos, dos produtos, do dinheiro, das ideias, das informações, das ordens e dos homens. É a irradiação do meio técnico-científico-informacional. (SANTOS; 2008; p.53)

O estabelecimento de *Clusters* (concentração de empresas com características e localização comuns e próximas possibilitando colaboração entre si e eficiência produtiva) no eixo Brasília-Goiânia e no meio Anápolis torna a região próspera. São muitos pontos de vantagem desses *clusters*: atividades econômicas e pólos industriais diversos; privilégio quanto ao local, existência nas proximidades de mão de obra qualificada, instituições de ensino e pesquisa; produção agropecuária competitiva; inúmeras alternativas de crescimento econômico; grande atrativo para empreendimentos turísticos e inúmeras possibilidades investimentos diversos.

Brasília inaugurada em 21 de abril de 1960 atraiu trabalhadores de todas as regiões do país, o que ocasionou um crescimento acelerado tanto no Distrito Federal quanto em municípios de regiões do Entorno. Atualmente o Distrito Federal comporta 31 Regiões Administrativas e uma população estimada em 2.974.703 para o ano de 2018 (IBGE, Cidades, DF, 2018).

Visando diminuir a pressão crescente da população de municípios da região e do Entorno exercida na capital criou-se uma estratégia. A Lei Complementar Nº 94, de 19/02/ 1998, regulamentada pelo Decreto 7.469 de 04/05/2011 cria a Região Integrada



de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno. Os artigos 1º e 2º do Decreto esclarecem mais sobre a RIDE/DF<sup>20</sup>:

Art. 1º A Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno destina-se à articulação da ação administrativa da União, dos Estados de Goiás e de Minas Gerais e do Distrito Federal.

Art. 2º O Conselho Administrativo da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno - COARIDE, vinculado à Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste - SUDECO, tem a finalidade de coordenar as atividades a serem desenvolvidas na RIDE. (Decreto 7.469 de 04/05/2011)

A Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste, instituição vinculada ao Ministério da Integração (SUDECO) por meio do COARIDE – Conselho Administrativo da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE/DF) visa, entre outras atribuições, o desenvolvimento e à redução de desigualdades regionais dos entes federados que compõem a RIDE. (SUDECO, 2018) Segundo a Agência de Notícia do IBGE a estimativa populacional da RIDE/DF para 2017 foi de 4,4 milhões de habitantes.

O Município de Alexânia faz parte da RIDE/DF e a Rodovia BR 060, da qual grande parte da população do município depende, tem papel importante no desenvolvimento da região. A Rodovia Federal Radial BR 060 que interliga as capitais e municípios no centro do país têm a extensão total de 1.459 km ligando Brasília à Bela Vista em Mato Grosso do Sul passando por entroncamentos de outras rodovias.

O Eixo Brasília – Anápolis – Goiânia é apontado pela CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal como novo vetor de expansão no

---

<sup>20</sup> RIDE-DF: engloba o Distrito Federal, **Municípios do Estado de Goiás:** Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Alto Paraíso de Goiás, Alvorada do Norte, Barro Alto, Cabeceiras, Cavalcante, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Flores de Goiás, Formosa, Goianésia, Luziânia, Mimoso de Goiás, Niquelândia, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, São João d'Aliança, Simolândia, Valparaíso de Goiás, Vila Boa e Vila Propício. **Municípios do Estado de Minas Gerais:** Arinos, Buritit, Cabeceira Grande e Unai. (SUDECO, 2018)

Centro-Oeste. A instituição, também, esclarece sobre articulação cooperada com capitais, prefeituras, empresários; instituições de ensino e pesquisa; órgãos do governo; entidades comerciais e industriais interessados no desenvolvimento da região considerada promissora.

Os municípios ou localidades que margeiam a rodovia ou àqueles próximos vêm apresentando transformações nas configurações espaciais e estruturais. Há um aumento populacional acelerado, contudo a infraestrutura básica, ainda é deficitária apesar de algumas melhorias nos últimos anos, (2010 – 2018), principalmente.

O trecho revela-se um pólo de desenvolvimento econômico a partir do surgimento de empreendimentos industriais, comerciais e turísticos. No eixo há uma multiplicação significativa de empreendimentos de turismo no espaço rural (Chácaras para eventos/lazer, hotéis fazendas) e outros. As destinações turísticas existentes em um raio de 300 km, na microrregião do Entorno do DF atraem por dispor de “rico potencial de recursos naturais, patrimônio histórico, artístico e cultural para exploração turística” (SILVA, et al.; 2015, p. 308).

Os empreendimentos são atraídos para Alexânia por apresentar um fluxo intenso e constante de consumidores; facilidades na logística de transporte e oportunidade de cooperação mútua e sinérgica entre as empresas com possibilidade de contratar serviços integrados de fornecedores e transporte para o escoamento da produção, entre outras estratégias.

Alexânia vem apresentando nos últimos anos um incremento dos setores industrial e comercial com novos empreendimentos surgindo dia a dia. São novos restaurantes, postos de gasolina, lojas, armazéns, bares, entre outros. Houve, também, um aumento considerável do comércio informal de produtos alimentícios, agropecuários as margens da rodovia. A Feira de Alexânia com produtos agropecuários em geral e o Centro de Artesanato de Alexânia bem localizada às margens da BR 060 atende aos residentes da região e o grande fluxo de pessoas que utilizam o eixo rodoviário.

O desenvolvimento do setor industrial de Alexânia pode ser visto com a instalação da Fábrica de Cervejaria Heineken, o incremento das fábricas de cerâmica (telhas, tijolos), de cachaça, de plástico, além das granjas e grandes plantações em propriedades da região, gerando trabalho e renda.

Os serviços demandados pelo comércio como o *Outlet Premium* Brasília, entre muitos outros estabelecimentos, o funcionalismo público de Alexânia, a usina hidrelétrica Corumbá IV que margeia o município, movimentam a economia e o turismo da região. Já está em andamento e inclusive ofertando novos empregos, também, no município, a construção de complexo turístico com 400 apartamentos, por uma das maiores redes do país, a Rede Tauá de *Resorts* com previsão de inauguração em 2019.

No contexto de crescimento da região o leitor teve uma visão do global para conhecer como e quais as transformações locais que ocorreram. Enquanto globalmente o mundo vivia grandes transformações de todas as ordens, pequenas localidades pareciam paradas no tempo. Por quanto tempo e como passaram pelas inevitáveis transformações?

A Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI em Relatório para a UNESCO “Educação – Um Tesouro a Descobrir” discorre a respeito das tensões a superar: tensão entre o global e o local; o universal e o singular; a indispensável competição e o respeito pela igualdade; desenvolvimento dos conhecimentos e assimilação do homem; tradição e modernidade; a tensão entre o espiritual e o material, entre outras tensões.

As tensões apresentadas pela comissão da UNESCO são, também, vivenciadas nas pequenas comunidades, como Olhos D’Água/GO. A tensão representada entre os tempos: tempo dos antigos e dos jovens, tempo do que representa o tradicional e do que representa o progresso.

A modernidade chama enquanto a tradição enlaça. O turista ao visitar a localidade quer a tradição em primeiro lugar? Em parte, no entanto carrega consigo o contemporâneo nos modos de ser e fazer e deseja-o. Não consegue viver o tempo todo aquele pacato mundo da comunidade local. O morador local originário da região quer a modernidade? Sim! Deseja-o, porque o sistema global acena chamando a todos. No entanto, ele carrega consigo a história e os modos de fazer e ser dos antepassados e não pode deixar de lembrar, porque localmente é a força constante.

Por vezes, não é difícil perceber novo morador originário das cidades grandes ou visitantes assíduos que se adaptaram e se tornaram do campo nos modos de agir.

Também, ao contrário, as mudanças ocorrem, mas nos dois casos forçam conflitantes atuam.

Por meio da educação, com essas e inúmeras outras tensões pessoais e coletivas, é possível “Pensar e construir nosso futuro comum” que no “Relatório para a UNESCO” (2010), a comissão esclarece e recomenda:

Um sentimento de vertigem apodera-se de nossos contemporâneos, divididos entre essa globalização – a cujas manifestações eles são obrigados, às vezes, a se submeterem – e a busca pessoal de suas raízes, referências e filiações.

A Educação deve enfrentar esse problema porque, na perspectiva do parto doloroso de uma sociedade mundial, ela situa-se, mais do que nunca, no âmago do desenvolvimento da pessoa e das comunidades; sua missão consiste em permitir que todos, sem exceção, façam frutificar seus talentos e suas potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de assumir sua própria responsabilidade e de realizar seu projeto pessoal. (DELORS In: UNESCO, 2010, p. 10)

A perspectiva coletiva sempre deve ser considerada e a escola pode contribuir proporcionando meios de pensar e agir comunitariamente; ensinar e aprender a conviver com as diferenças. O encontro entre os diferentes aparecem nas relações estabelecidas nas práticas do turismo e aprender a conviver de forma hospitaleira é responsabilidade do anfitrião e certamente do visitante ou novo morador fixo ou de segunda residência.

A responsabilidade do novo morador ou visitante que chega a comunidade deve acontecer de forma que faça de tudo para aprender a conviver respeitando o outro, sua história e tradições, seu modo de ser e fazer, sua necessidade de silêncio; sem impor formas de pensar e agir; respeitando as opiniões, o tempo e modos de aprender de cada um. A partir disso é possível compartilhar “projetos comuns ou, então, a uma gestão inteligente e apaziguadora dos inevitáveis conflitos.” (DELORS In: UNESCO, 2010).

Direciono a visão do leitor apresentando um pouco sobre a evolução do turismo na localidade e de modo a possibilitar uma visualização da realidade no âmbito local.

### 4.3 - A FEIRA DO TROCA E DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM OLHOS D'ÁGUA/GO

Retomando as mudanças político-administrativas explicadas no Capítulo II, o fato é que a história de Olho D'Água mudou, e tudo, de um modo ou outro, contribuiu para que a localidade, sem o progresso anunciado demorasse a ser descoberta.

Segundo o Jornal do Brasil (1975) no final da década de 1960 os professores Laís Aderne e seu então esposo Armando Faria Neves adquiriram uma propriedade na localidade de Olhos D'Água e junto com Renée, Zaira, entre outros amigos começaram um progressivo contato com a comunidade.

Nessa relação perceberam a prática comum do escambo ou troca de produtos entre os moradores locais e dos arredores. Os trabalhos artesanais de tecelagem com algodão e fibras naturais, cerâmica, além dos produtos agrícolas cultivados e processados como o queijo, requeijão, entre outros chamaram a atenção para a potencialidade da comunidade e uma forma para seu desenvolvimento socioeconômico.

Dessa forma surge a ideia de promover uma Feira do Troca. A primeira Feira aconteceu em dezembro de 1974 e foi divulgado em Brasília para amigos e conhecidos que espalharam a notícia. A partir de então, o evento passou a acontecer duas vezes por ano, primeiro fim de semana de junho e de dezembro.

O poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade recebe notícias de Fernando de Magalhães sobre Olhos D'Água, um povoado do Estado de Goiás que promove uma Feira do Troca. A partir da notícia, em uma crônica publicada no Jornal do Brasil, Drummond definiu Olhos D'Água como: [...] lugarejo como tantos outros, sem sequer uma fumacinha de importância no quadro do desenvolvimento nacional. (ANDRADE, 1975: In Memorial Olhos D'Água; Goiás, 2017).

Na crônica, o poeta descreve um pouco das notícias recebidas a respeito da Feira do Troca e faz observações mostrando-se preocupado com a simpática história descrita por Magalhães e sobre a necessidade da comunidade, em também, sentir o cheiro do dinheiro. A preocupação do poeta sinaliza um futuro esclarecido no decorrer.

O incentivo desses professores repercutiu de forma extraordinária criando a Feira do Troca, um verdadeiro resgate da cultura local e regional. A continuidade de práticas antigas foi estimulada e os eventos semestrais da Feira do Troca tiveram grande influência no desenvolvimento local ao oferecer oportunidade de reconhecimento e escoamento da produção.

A 90ª versão da Feira do Troca aconteceu em junho de 2018 completando 45 anos de eventos que se transformaram ao longo do tempo (Fig. 13)

Figura 13 - 13ª Feira do Troca de Olhos D'Água (Dez./1980)



Fonte: Desconhecida (Acervo Pessoal)

As imagens mostram, à esquerda os chapéus e cestos de palha e a conhecida artesã D. Regina de casaquinho azul ao fundo na Feira do Troca de 1980. À direita, o artesão: Sr. Vicente, de chapéu e blusa preta, negociando por meio de troca sua arte em madeira, passarinhos e peixes com visitante de Brasília.

No início, os artesãos e agricultores locais faziam a exposição de seus produtos e peças em cima de panos estendidos na grama da praça ou em mesinhas, como na fotografia acima à esquerda. Trabalhos de tecelagem com algodão fiado manualmente; utensílios em cerâmica e madeira; pequenas esculturas em madeira; tapetes, chapéus, bonecos e cestarias de palha e/ou fibras; produtos hortifrutigranjeiros (doces de leite, doces em conserva, rapadura, ovos, frangos vivos ou limpos, mudas de plantas, pimenta

em conserva, açafão da terra, legumes, verduras, cereais), entre outros, além de utensílios domésticos da região como ferros de passar à brasa, moedor de grãos, panelas de ferro, gamelas, potes e pilões.

Os visitantes em busca da originalidade traziam objetos usadas, como roupas, calçados, cobertores e utensílios domésticos urbanos para trocar com os artesãos. Dessa forma as Feiras do Troca atraíam visitantes que acampavam na Praça Santo Antonio até, aproximadamente, o final da década de 1990.

De início eram mais frequentes jovens estudantes, artistas e músicos com seus amigos que preferiam um ambiente mais simples e com lugar para acampar no sábado a noite de forma mais segura, perto dos artesãos que chegavam ao clarear do dia de domingo quando a feira acontecia, propriamente.

É preciso lembrar que naquele tempo, de início não havia pousadas, restaurantes ou qualquer outro conforto para os visitantes que contavam apenas com uma comunidade hospitaleira. No começo sem energia elétrica e depois quando já inaugurada a energia elétrica, devido a sobrecarga, faltava luz durante quase toda a noite anterior ao dia do Troca, propriamente.

Os visitantes que pernoitavam de sábado para domingo tomavam banho no Rio Galinhas ou mais longe no Rio do Ouro. No sábado à noite, não se conseguia encontrar alimentos, biscoitos ou pães, nos pequenos bares-armazéns, pois os comércios nunca tinham estoque suficiente.

Assim, muitas vezes os visitantes comiam na casa de moradores locais que ofereciam almoço de forma gratuita para alguns já conhecidos. Essas dificuldades impediam o aumento de visitantes e mantinham a localidade distante de um turismo de massa.

As tentativas de organização começaram a partir do final da primeira década de 2000 com algumas poucas pousadas com dois ou três leitos e pequenos locais que serviam almoço no sábado e domingo para atender os visitantes.

No domingo outros, também serviam almoço em barracas na Praça Santo Antônio, o que facilitou que os visitantes fossem à Feira do Troca com suas famílias. O

perfil dos visitantes foi, também, modificado com a proibição de *camping*, primeiramente, e depois de automotivos na praça.

No decorrer das mudanças para organizar tentaram colocar o *camping* em terreno vazio próximo da praça e depois em terreno mais retirado, mas não foi bem aceito por falta de segurança, água e banheiro. Tentaram resolver os problemas instalando banheiro químico, mas não convenceu muito, mas ajudou. Houve reclamação quanto à questão dos carros terem que ficar mais distante, sem estacionamento seguro e acessibilidade. Alguns objetos de carros foram roubados, entre outros problemas.

De qualquer forma a Feira do Troca aconteceu durante todos esses anos e as pessoas de uma forma ou outra adaptaram-se conforme as modificações aconteciam. Em meio às mudanças, uma era constantemente criticada: normalmente os produtos são comercializados utilizando papel moeda, já que na localidade o cartão de débito ou crédito não é utilizado como prática comum.

Volto-me ao poeta Drummond para deixá-lo tranquilo a respeito da necessidade da comunidade sentir o cheiro do dinheiro: - Não se preocupe poeta, a situação já foi resolvida. Há muito, a Feira utiliza o dinheiro. A prática da troca acontece bem menos que antes.

O resgate da prática antiga do escambo ou troca de produtos como pretendia ser a Feira do Troca, idealizada no início dos anos de 1970, teria seu tempo de glória e apesar de mudar em grande parte a forma de comercialização, tem cumprido seu propósito de preservar a memória, ao menos em parte, dos saberes e fazeres de Olhos D'Água e movimentar a economia local.



Figura 14 - 90ª Feira do Troca de Olhos D'Água - “Arte em Barro” (2018)



Fonte: Monica Fazzolino P. (2018)

Na Figura 14 acima, mostra um morador artesão, que foi aluno da Escola Experimental, Sr. Lourenço e sua exposição de arte em barro: vasos de diversos tamanhos e formatos, potes, travessas, figuras humanas e de santos e muitos enfeites para jardins e casas.

À direita da imagem, Lourenço embrulhando em jornal uma peça em barro negociado na 90ª Feira do Troca de 2018 na Praça Santo Antonio de Olhos D'Água.

Outros artistas locais, também trabalham o barro em suas oficinas caseiras e fazem a exposição de suas peças na Feira do Troca de Olhos D'Água. Todas as oficinas estão abertas à visitação, encomendas e compras de peças artesanais durante o ano todo.

Figura 15 - 90ª Feira do Troca de Olhos D'Água - “Bonecos” (2018)



Fonte: Elisa Fazzolino (Jun./2018)

A artesã Maria com sua nova criação - boneco de cabaça fumando um cachimbo (Fig. 15). Além desse tipo, ela faz belos bonecos de pano e bucha. Ao lado, a pesquisadora em saída de campo para registro da 90ª Feira do Troca.

Algumas transformações no comércio de produtos industrializados na Feira do Troca podem ser vistos nas Figuras (16 e 17) abaixo. A cada nova versão da Feira do Troca aparecem mais brechós com roupas, calçados e acessórios que ocupam espaços da Praça Santo Antônio.

Além desses tipos de produtos usados, também encontramos vestuários, enfeites e utensílios diversos e novos, como relógios de parede, porta-retratos, louças, abajures, roupas e enfeites para bebês, flores de plástico e uma infinidade de outros objetos não tradicionais ou artesanais de Olhos D'Água e região.

Figura 16 - 90ª Feira do Troca - “Brechós” (2018)



Fonte: Monica Fazzolino P. (Jun./2018)

Na Figura 16 - parte da 90ª versão da Feira do Troca de Olhos D’Água mostra uma grande quantidade de roupas industrializadas e comercializadas durante o evento. Ao caminhar por entre as barracas temos a impressão de que trata-se de outro tipo de feira.

Figura 17 - 90ª Feira do Troca - “Tendas” (2018)



Fonte: Monica Fazzolino P. (Jun./2018)

A Figura 17 mostra a vista do alto da escadaria da Igreja na Praça Santo Antonio em Olhos D'Água com as tendas instaladas e o movimento da Feira do Troca em Olhos D'Água/GO.

Alguns elementos interessante e originais encontrados em regiões do interior do Brasil para diversão em dias de festa, também, podem ser encontrados na Feira do Troca: uma barraca de Tiro ao Alvo, sorvete de máquina e pula-pula, por exemplo.

Figura 18 - 90ª Feira do Troca de Olhos D'Água/GO “Interior do Brasil”



Fonte: Elisa Fazzolino Jun./2018.

Na Figura 18, a imagem à esquerda, em primeiro plano, aparecem peças antigas expostas no gramado, ao fundo tendas e Igreja da Praça Santo Antônio. À direita Barraca de Tiro ao Alvo e ao lado o pula-pula.

A Feira do Troca como um todo apresenta-se muito similar a tantas outras feiras existentes pelo país, que também, comercializam produtos hortifrutigranjeiros (queijos, doces, mel e outros), além de plantas.

O que diferencia essa feira de outras é o fato de ainda existir alguma prática de escambo e a programação diversificada de eventos de entretenimento no palco da Praça Santo Antonio.

Quanto à programação de eventos, atualmente, ainda é mantida alguma aparência com as primeiras versões ao realizar apresentação de raiz tradicional: o catira, a Orquestra de Violeiros de Goiás (Fig. 19), representado na imagem acima, sanfoneiros e músicas caipiras, além de sertanejas, intercalados com MPB e rock na tentativa de agradar a todos os gostos.

Figura 19 - 90ª Feira do Troca de Olhos D'Água/GO “ Orquestra de Violeiros” (2018)



Fonte: Elisa Fazzolino (Jun./2018)

Também, na Praça Santo Antônio durante o evento acontecem as apresentações de teatro de bonecos gigantes representando pessoas da comunidade, como Pedro Samambaia, poeta, músico e agricultor, já falecido; recital de poesia e cordéis de Ruiteiro Castro, entre outros, encantando a todas as idades.

O público frequente acabou por se adaptar às proibições de acampar e estacionar na praça. Muitos passaram a pernoitar em pousadas que começavam a surgir em meados da década nos anos 2000, na casa de amigos ou mesmo resolveram seus problemas ao comprarem casa a preços baixos de forma conjunta com amigos ou não, para passarem os fins de semana na localidade.

A divulgação constante e a “facilidade de acesso”<sup>21</sup> dos moradores de Alexânia e arredores próximo, as diversas pousadas, bares, restaurantes e cafés, além da certa estabilidade da energia elétrica, entre outras, passou a atrair um público com famílias, pessoas de todas as idades, de crianças aos idosos.

Os dias de festividade da Feira do Troca com programação e entretenimentos de quinta a domingo em palco instalado na praça a partir da sexta ou em bares e restaurantes da cidade a partir de quinta-feira e todas as facilidades incrementou o movimento turístico de visitação.

Essa movimentação, também aumentou a quantidade de carros circulando e barulhos durante o evento em Olhos D’Água. Os moradores mais antigos sentem-se assustados ao compararem as atuais feiras com os primeiros anos da Feira do Troca ou mesmo com àquelas do final da primeira década dos anos 2000.

Hoje em dia todas as ruas próximas ou não da Praça Santo Antônio ficam tomadas por carros; muitos hóspedes na casa de moradores e os bares, restaurantes e ruas lotados, não apenas por uma noite, mas durante todo final de semana de festividade, primeiro sábado e domingo de junho e dezembro.

As mudanças foram acontecendo, mas de uma forma ou de outra, um pouco do que se idealizou na criação da Feira do Troca, o escambo ou a troca de produtos, ainda existe. Muitas famílias de artesãos jovens, também passaram a participar com seus trabalhos artesanais; pequenos agricultores com seus produtos hortifrutigranjeiros e artistas com as apresentações de catira e música sertaneja que mantém a tradição.

A troca de saberes entre culturas diversas, essa certamente deve perpetuar-se como acontece em outros espaços de encontro que são as feiras. As mudanças são inevitáveis, concordo. No entanto, também, concordo com avaliações da própria comunidade e recomendo considerá-las com atenção especial e cuidados para que não ocorra uma total descaracterização da Feira do Troca, como parece que vem acontecendo.

---

<sup>21</sup> O acesso não é tão facilitado assim, pois ainda hoje, 2018, não há transporte público de Alexânia, sede do município para o Distrito de Olhos D’Água, GO. O meio de transporte utilizado é automóvel próprio, carona, bicicleta, cavalo ou a pé como alguns visitantes já fizeram para participar da Feira do Troca.

#### 4.4 - SITUAÇÕES-PROBLEMAS

O incremento do turismo em Olhos D'Água trouxe pontos positivos e negativos. Nesta parte do capítulo apresentam-se impressões gerais daqueles que utilizam e compartilham dos espaços na localidade turística.

As 90 versões da Feira do Troca apresentaram transformações ao longo do tempo conforme explicado acima. Um certo estranhamento ou melhor, preocupação, que, particularmente eu e todos da comunidade, sentimos é em relação a muitos visitantes terem resolvido expor seus produtos (roupas, utensílios usados e novos) para serem, preferencialmente, vendidos na Feira do Troca.

A prática se espalhou e a cada evento, mais visitantes passaram a fazer a exposição e venda de todo tipo de produto: roupas, calçados, acessórios, utensílios domésticos, brinquedos, artigos de música, e muito mais.

Na Feira do Troca o espaço dos artesãos e agricultores locais resume-se, aproximadamente, a  $\frac{1}{4}$  da Praça, no máximo, onde a maioria dos artesãos locais conserva a originalidade criativa de suas peças e produtos. Outro  $\frac{1}{4}$  do espaço destinou-se ao palco, brinquedos de pula-pula, empreendimentos de alimentos e bebidas com *Food Trucks*, entre outros, de empreendedores que não são da localidade ou mesmo da região. A outra metade da Praça Santo Antônio ficou com os comerciantes de brechós, utensílios diversos (antigos, usados ou novos) de todos os tipos, a maioria de roupas.

Há grande presença de objetos de outras localidades que fogem ao tradicional da região. Como exemplo está o artesanato semelhante à Feira da Torre de Brasília (brincos, colares, camisetas pintadas) e boa quantidade de peças antigas de localidades diversas, como LPs (discos), gravadores e sons, moedas, luminárias com aspecto antigo, bicicletas usadas, entre outros.

Durante a pesquisa em conversas informais perguntei a alguns feirantes onde eles poderiam ser encontrados em outras épocas do ano. Aqueles que vendiam produtos semelhantes a da Torre de TV em Brasília disseram que tinham barraca fixa na Torre de TV de Brasília. Outros disseram manter brechós em satélites de Brasília e alguns circulavam por feiras diversas.

A presença de grande quantidade de produtos industrializados e comércios ambulantes de *Food trucks* fogem à ideia do desenvolvimento local sustentável, onde a intenção de promoção e resgate da cultura local perdem cada vez mais espaço. A cobrança pelas barracas e estrutura exigida para instalação de barracas de alimentação dificultam o acesso da própria comunidade.

O planejamento e tomadas de decisões parecem não contar com a participação da comunidade local e a maioria dos benefícios gerados aparenta ser revertida para pequenos grupos de empreendedores que se instalam em Olhos D'Água.

Nada contra, inclusive sou à favor das ações empreendedoras de todos, antigos e mais recentes moradores, no entanto, o problema nessa questão da Feira do Troca refere-se a dificuldade dos empreendedores da localidade. A dificuldade de recursos para aluguel do espaço ou conseguir instalar barraca de alimentos para competir com os *Food Trucks*, por exemplo, que apresentam estrutura adequada.

Além disso, com o avanço do turismo, as propriedades, casas e terrenos na área central, deixaram de pertencer aos moradores antigos. Atualmente, a maioria das casas são de propriedade de moradores mais recentes ou de segunda residência, que ocupam esses espaços nos fins de semana, principalmente.

Dessa forma não há espaço, casas disponíveis na área central para a população local abrir seu negócio. Se há uma ou outra casa, não existe interesse em alugar ou ceder para a comunidade local. Portanto, os tomadores de decisão e/ou futuros planejadores poderiam criar formas facilitando o acesso e incentivando o empreendedor local a ocupar espaços da praça, já que a Praça Santo Antônio é o único local central disponível para a comunidade montar seus empreendimentos durante os eventos.

É natural que a Feira do Troca durante seus 45 anos tenha se transformado e realmente medidas tomadas foram necessárias, como não permitir o trânsito de carros na Praça, entre outras. No entanto, é importante uma atenção especial e melhores condições para que a comunidade envolva-se no processo de planejamento e tomadas de decisão importantes e assim, garantir que qualquer mudança necessária e ampliação do evento beneficie de todas as formas a comunidade local em primeiro lugar.



Algumas questões, entre outras, a partir de reflexões podem contribuir para pensar: Qual finalidade da Feira do Troca em Olhos D'Água-GO? As transformações que vêm ocorrendo, quanto ao comércio de brechós e produtos industrializados, podem ser sustentadas a longo prazo sem afetar a finalidade da Feira do Troca? De onde deve partir o planejamento e as decisões sobre a formatação da Feira do Troca? É possível uma parceria da comunidade com o poder público de forma que a primeira não perca sua autonomia e poder de decisão? Serão consideradas apenas as ideias de pequenos grupos privilegiados excluindo as pessoas com menos poder de voz ou atitudes menos egocêntricas e mais democráticas serão empenhadas?

Os encontros da comunidade com o SEBRAE durante, principalmente o ano de 2018, gerou além da participação na organização da 90ª Feira do Troca, o Encontro Estadual dos Artesãos de Goiás e também as oficinas para discussões sobre o desenvolvimento de um Plano Estratégico de Economia Criativa para Olhos D'Água.

O Quadro 2 - “Temas de Situações-Problemas e Propostas Sugeridas” (Apêndice 2) apresenta de forma sintetizada os temas referentes às percepções sobre as situações-problemas enfrentadas com as possíveis soluções registradas durante as minhas pesquisas realizadas ao longo do tempo. Também, inclui os resultados das oficinas realizadas entre o SEBRAE e grupos da comunidade, registrado e disponível na página da Prefeitura de Alexânia. Dessa forma, pretendo considerar o máximo de percepções e ideias da comunidade ou de pessoas que se utilizam dos espaços de Olhos D'Água.

Devido à abrangência das “Situações- Problemas e Possíveis Soluções” apresentadas com diversas propostas sugeridas pelos diferentes grupos registrados ao longo do tempo, foi preciso agrupar alguns temas. Esclareço, contudo que, por não ser este o objetivo deste trabalho, apenas sistematizei o que registrei para futuras pesquisas, planejamento e ações pela comunidade. O registro encontra-se no Quadro 2 - “Temas de Situações-Problemas e Propostas Sugeridas” (Apêndice 2)

A comunidade e visitantes certamente ganham com o enriquecimento cultural oferecido pelos diferentes movimentos e/ou espaços em processo de criação e recebem muitos benefícios com a geração de emprego e renda e o giro da economia se alavanca.

No entanto, não podemos deixar de refletir que em contrapartida, com o aumento do fluxo de visitantes participando das atividades e eventos, também surgem situações-problemas que provocam transtornos.

Além dos problemas apresentados percebe-se um maior consumo de álcool e drogas entre os adolescentes e um aumento do número de gravidez na adolescência dos jovens locais. Também, um crescente grupos de jovens infratores tem sido uma preocupação da comunidade. A falta de trabalho e oportunidades podem ser reflexos das situações que se agravam no tocante aos jovens de Olhos D'Água - GO.

A partir dessas reflexões, surgem algumas questões: As propostas sugeridas no Quadro 2 (Apêndice 2) podem resolver ou amenizar as situações-problemas representados em temas levantados? Como o planejamento sistêmico do turismo e de outras atividades que se apresentam inter-relacionados com os temas registrados no Quadro 2, pode contribuir para solução ou para amenizar o enfrentamento das situações-problemas?

O planejamento realizado de forma sistêmica considerando aspectos relacionados com a sustentabilidade poderá contribuir evitando o agravamento das situações-problemas levantadas? De que forma esse planejamento poderia ser realizado?

No Capítulo V, último deste Trabalho, apresentam-se considerações e propostas do Ministério do Turismo, que podem oferecer contribuições mostrando alguns caminhos possíveis para o desenvolvimento do turismo em Olhos D'Água, GO.

No entanto, as propostas sugeridas são apenas diretrizes gerais. Cada localidade tem seu trajeto histórico, suas especificidades, seus habitantes, modos de ser e fazer únicos que precisam ser amplamente considerados.

## **5 - CAPÍTULO V**

### **TEMPO DE TECER**

Algumas experiências incentivadas pelo Ministério do Turismo apresentam-se em diversos Planos Nacionais de Turismo e publicações e podem contribuir para refletir sobre o desenvolvimento sustentável do turismo em pequenas localidades. Algumas dessas sugestões e experiências criativas surgiram a partir de comunidades ou a partir de uma rede de colaboradores das comunidades.

O Plano Nacional de Turismo - PNT (2018 -2022) apresenta cinco linhas de atuação e diversas iniciativas previstas que atendem as diretrizes e metas globais do PNT: Ordenamento, Gestão e Monitoramento; Estruturação do Turismo Brasileiro; Formalização e Qualificação no Turismo e Incentivo ao Turismo Responsável e Marketing e Apoio à Comercialização.

Uma das iniciativas propostas da linha de atuação referente ao Incentivo ao Turismo Responsável é “Promover a integração da produção local à cadeia produtiva do turismo e desenvolver o Turismo de Base Local”. (MTUR,2018, p. 63). O Ministério do Turismo no presente PNT (2018 -2022) ao adotar o termo “turismo responsável” apresenta uma abordagem ampla e acolhe:

[...] a defesa e o desenvolvimento de temas como ética e responsabilidade social, proteção dos direitos de crianças e adolescentes no turismo, acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, respeito às diferenças de gênero, geração, raça etnia, respeito ao meio ambiente e a manutenção e valorização das comunidades receptoras na definição das políticas de desenvolvimento do turismo e no acesso a esse mercado.” (MTur, 2018, p. 119)

O termo (TBL) - Turismo de Base Local como o Ministério do Turismo atualmente apresenta em PNT (2018 -2022) vem dos Encontros de Turismo de Base

Local (ENTBL) realizados na década de 1990. O TBL trata dos mesmos princípios do termo (TBC) - Turismo de Base Comunitária, também originado na década de 1990 e pode ser acessado em publicações na página eletrônica do MTur.

O livro “Turismo de Base Comunitária - Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras” organizado pelos autores Bartholo, Sansolo e Bursztyn em 2008 engloba textos de 27 pesquisadores, doutores e mestres que refletem sobre o turismo de base comunitária ou local, o potencial do espaço rural para o desenvolvimento do TBC, entre outros, e apresentam experiências realizadas no Brasil.

O PNT (2018 -2022) esclarece sobre o Turismo de Base Local como

[...] uma alternativa de algumas localidades e regiões, onde produtos e serviços ofertados têm como protagonistas a própria comunidade receptora. Promove o desenvolvimento local pelo viés do turismo, incorporando a promoção de melhorias na qualidade de vida das comunidades locais. (PNT, 2018 -2022, p. 125)

A partir de discussões realizadas no Brasil e no mundo sobre o Turismo de Base Comunitária, Irving (2008) esclarece sobre as recomendações do TBC, no que tange a sustentabilidade no processo de desenvolvimento do turismo:

[...] conservação dos recursos naturais e culturais, o compromisso de desenvolvimento socioeconômico das comunidades receptoras e a participação em todas as etapas do processo de planejamento e implementação de projetos, com geração de benefícios para a população local e sua autonomia no processo de decisão. (Irving 2008, In: BARTHOLO; SAN SOLO; BURSZTYN, (2008), p. 110)

Irving (2008) reflete sobre as premissas do TBC, que são: Base endógena da iniciativa e desenvolvimento local; Participação e protagonismo social no planejamento, implementação e avaliação de projetos turísticos; Escala limitada e impactos sociais e ambientais controlados; Geração de benefícios diretos à população local; Afirmação cultural e intercultural e O encontro, como condição essencial.

Cada comunidade pode encontrar inúmeros modos de trabalhar com o Turismo de Base Comunitária e assim, os variados grupos comunitários integrados entre si podem escolher as diferentes formas de agregar valor e ofertar seus produtos e serviços visando o desenvolvimento sustentável da localidade.

O encontro com o outro pode proporcionar experiências diferenciadas e o importante nesse processo é o protagonismo da comunidade. São inúmeras possibilidades que podem ser trabalhadas concomitantemente e a decisão fica a cargo da comunidade, autogestora do Turismo de Base Comunitária, como o próprio nome indica.

Entre algumas das alternativas, estão o Projeto Economia da Experiência, o Turismo Voluntário, o Turismo Solidário:

O Projeto Economia da Experiência - Tour da Experiência elaborado pelo Instituto Marca Brasil por solicitação do Ministério do Turismo e SEBRAE (2010) apresenta em sua Cartilha Completa as ideias inovadoras do projeto relacionadas a dois trabalhos: A Sociedade dos Sonhos, livro de Rolf Jensen e Economia da Experiência de James Gilmore e Joseph Pine.

Os estudos representaram uma alternativa de desenvolvimento do turismo baseados na origem das demandas, novas tendências de mercado e oferta de serviços, onde os desejos do coração, da emoção, acontecimentos exclusivos podem ser vivenciados em um mundo de experiências.

O documento apresenta algumas experiências de sucesso, metodologia, critérios, objetivos, planos de ação, etapas do planejamento, entre outros. Assim, o Projeto Economia da Experiência no Turismo:

[...] prioriza, sobretudo, o desenvolvimento do aspecto emocional como fator diferencial para as ofertas. Nesse sentido, o setor turístico - associado à cultura, ao entretenimento e à natureza - encontra um enorme universo de possibilidades (MTur, Cartilha Completa, 2010, p. 10).

Ao invés do turista apenas ver o que existe na localidade de forma passiva, o turismo de experiência oferece a oportunidade do visitante em participar dos trabalhos realizados no dia a dia da comunidade por exemplo. Participar da elaboração de pratos da gastronomia local, da ordenha e cuidados da vida rural, do plantio de hortas orgânicas ou convencionais, da confecção de peças de cerâmica, entre outros saberes e fazeres da comunidade, são algumas das vivências que o turista pode experimentar.

O turista quer muitas vezes resgatar uma lembrança de infância, aprender uma dança típica e/ou ouvir lendas e histórias antigas de um povo em volta de uma fogueira. Quem sabe ajudar a amarrar as pamonhas e acender o fogo do fogão a lenha e comer um doce que viu preparar numa cozinha do interior, enquanto conversa com aquela que sabe fazer aquele doce?

Essas experiências simples têm um valor especial para o visitante pelo seu envolvimento no processo de fazer junto. Os sabores das comidas, os aromas, as imagens vistas, os sons percebidos, os toques sentidos quando ajudou a fazer junto com as pessoas da comunidade, as formas de cumprimentar, o abraço são sensações que ficam guardados na memória daqueles que participam.

O sentimento de ter sido bem recebido transcorre durante sua experiência de contato com aquele que o recebe, o anfitrião e o ambiente que envolve o lugar receptivo. A experiência vivenciada no encontro entre o visitante e o visitado pode ser sentida de forma hospitaleira ou com hostilidade. Cabe aos dois, turistas e anfitriões, fazerem do encontro um momento agradável para ambos, onde a aproximação das diferentes culturas seja uma troca de experiências proveitosa e hospitaleira para todos os envolvidos.

O turista capta toda e qualquer sensação e faz uma inter-relação entre tudo que percebeu e sente ou não a hospitalidade. Campos (2008) aponta os cinco sentidos (visão, paladar, olfato, audição e tato) como elementos que exercem forte influência no fato de sentir a hospitalidade no local visitado. “A hospitalidade sempre esteve direta ou indiretamente ligada à percepção dos indivíduos através dos cinco sentidos” (CAMPOS, 2008).

A autora complementa: “Um sentido é capaz de complementar o outro e é a inter-relação desses que o torna um excelente “filtro” da hospitalidade com características únicas, sem generalizações” (CAMPOS, 2008, p. 14)

O anfitrião com o sentimento de que deve ser hospitaleiro, quer garantir alimentação, hospedagem e segurança, a proteção necessária. E mais, a vontade de agradar e deixar o hóspede satisfeito são para aquele que recebe uma doação de amizade. A retribuição do turista pode acontecer ao participar, envolver-se naquilo que é preparado para ele e não apenas remunerando os anfitriões pelo serviços.

No Turismo Solidário e no Turismo Voluntário, o turista ou visitante oferece à comunidade aquilo que sabe fazer ou aquilo que tem possibilidade de ofertar visando contribuir com a localidade de alguma forma e envolvendo-se com a mesma por um período curto ou longo. Algumas vezes, o visitante pode apenas fazer doações sem entrar em contato direto.

Além do desejo de conhecer as diversas culturas, comunidades e localidades, a motivação desses turistas é contribuir com a comunidade: participando de mutirões na construção de moradias, atendimento médico, reforço escolar, aulas de música, teatro, línguas, consultorias ambientais, educação ambiental, práticas sustentáveis, consultorias nas questões de direitos trabalhistas, da vara família, infância e adolescência, entre outras atividades práticas que a comunidade necessitar ou desejar.

Muitos voluntários buscam a experiência profissional e exercitam suas habilidades ou por questões pessoais querem fazer um turismo diferenciado, recebendo e ofertando serviços durante o encontro com o outro e vivenciar a troca de saberes.

Contribuindo para a paz e o desenvolvimento em todo o mundo, o Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) em página eletrônica explica que:

Os Voluntários se beneficiam com experiência adquirida, o engajamento e a participação, ao passo que contribuem para uma sociedade mais justa e igualitária, fortalecendo a confiança, a solidariedade e a reciprocidade entre as pessoas. (ONUBR, 2018)

Makanse e Almeida (2014) esclarecem:

O trabalho voluntário é realizado através da doação do tempo livre da pessoa, visto que não recebe qualquer remuneração financeira para realizá-lo. Nesta atividade o indivíduo se dispõe a oferecer ou prestar um serviço por vontade própria, visando o benefício de terceiros. Além disso, há possibilidade de se trabalhar em prol de organizações, de instituições religiosas, de eventos, com a comunidade ou com qualquer outro ser humano, conhecido ou não. (MAKANSE; ALMEIDA, 2014, p. 3)

As autoras realizaram pesquisa de campo sobre o turismo voluntário junto a uma organização não governamental, sem fins lucrativos, liderada por jovens de diversos países da América Latina chamada Um Teto Para Meu País – UTPMP, que começou em 1997 no Chile e hoje está presente em 19 países, incluindo o Brasil.

A pesquisa demonstrou que neste projeto participaram mais de 530.000 voluntários e cerca de 90.000 moradias foram construídas. Além da construção de moradias, diversos outros trabalhos foram realizados com as comunidades beneficiadas. Os voluntários na maioria eram jovens entre 18 e 30 anos e estudantes ou recém formados tiveram como motivação: conhecer a realidade da população local, diferente do habitual, interagir com a comunidade e contribuir de alguma forma para a melhoria de vida das pessoas. Os voluntários também explicaram ser uma rica troca de experiência com a comunidade e com os outros voluntários.

A comunidade gestora trabalhando com o Turismo de Base Comunitária têm outras opções para envolver voluntários como forma alternativa de experiências turísticas em localidades rurais, principalmente. Como exemplo, a organização WWOOF - *World Wide Opportunities on Organic Farms* apresenta sua missão em página eletrônica:

*Our MISSION Statement*

*World Wide Opportunities on Organic Farms, (WWOOF) is part of a worldwide movement linking visitors with organic farmers and growers to promote cultural and educational experiences based on trust and non-monetary exchange thereby helping to build a sustainable global community (WWOOF, 2018)*



(A WWOOF faz parte de um movimento mundial que vincula voluntários com agricultores e produtores rurais para promover experiências culturais e educacionais baseadas na confiança e no intercâmbio não monetário, ajudando assim a construir uma comunidade sustentável e global)

A proposta é que o voluntário possa viver por um período com o anfitrião e satisfaça seu desejo em ter experiências com a vida rural trabalhando com a agricultura orgânica e apoiando essa tendência. O turista voluntário ajuda com tarefas diárias, experimenta a vida como agricultor e ao mesmo tempo aprende sobre a cultura local. No site da WWOOF o cadastro pode ser realizado pelo o anfitrião que deseja receber os voluntários e para aqueles que desejam participar do movimento de agricultura orgânica no sistema de voluntariado.

Existem outros *sites* que oferecem fazendas orgânicas e não orgânicas, pousadas, albergues, entre outros, para os voluntários ficarem com os anfitriões por um curto período trabalhando por algumas horas diárias ou intercalando os dias em diversas atividades necessárias em troca de comida, acomodação e troca de experiências. É uma forma de intercâmbio cultural realizada em todo o mundo e não é necessário experiência, apenas algumas exigências para a inscrição.

A criatividade da comunidade gestora possibilita trabalhar com inúmeras formas alternativas a partir do Turismo de Base Comunitária: O ecoturismo e a educação ambiental com atividades de Trilhas Interpretativas; formação de guias mirins, produção associada ao turismo; economia criativa; o Projeto de Lei 1.176 de 2011, Lei Griô ou Lei dos Mestres, que instituiu a Política Nacional de Proteção e Fomento aos Saberes e Fazeres das Culturas Tradicionais de Transmissão Oral do Brasil, entre inúmeras outras possibilidades. A Lei 1.176 não foi aprovada, mas nada impede ser trabalhado seus princípios.

Rezende (2016) incomoda-se com viés econômico que o Ministério do Turismo dá ao fator econômico no desenvolvimento do TCB - Turismo de Base Comunitária e que pode afetar a hospitalidade entre visitantes e visitados. Destaca a importância da centralidade da comunidade anfitriã no encontro com o outro em pequenas localidades.

A “hospitalidade comunitária” é termo utilizado pelo autor ao analisar o Turismo de Base Local ou de Base Comunitária no estudo de campo realizado no Município de Nova Olinda (CE) onde a Fundação Casa Grande do Homem Kariri desenvolve a hospitalidade comunitária.

A Fundação incentiva os trabalhos realizados por grupos comunitários, valorizando a cultura local por meio da produção cultural empreendedorismo, profissionalização, organização de eventos, ecomuseologia, entre outras ações. O autor descartou o uso do termo “turismo de base comunitária”:

[...] para nomear o fenômeno das comunidade que se organizam coletivamente para receber visitantes. Propôs-se o termo “hospitalidade comunitária” para substituição dos conceitos de “turismo de base local”, “turismo de base comunitária”, “turismo comunitário” entre outros. (REZENDE, 2016, p. 233)

Rezende (2016) esclarece que a hospitalidade é uma troca de experiências entre visitantes e visitados, onde criam-se vínculos de amizade nos encontros e faz críticas ao Ministério do Turismo que ressalta a importância do âmbito econômico sob os demais âmbitos da sustentabilidade.

Concordo em parte com a crítica de Rezende (2016), no entanto, nesse mundo capitalista em que vivemos é preciso, também, pensar no fator econômico. Contudo, também concordo com a crítica à visão economicista da hospitalidade.

No entanto, o viés econômico deve fazer parte da composição, juntamente com outros aspectos da sustentabilidade visando planejamento sistêmico da localidade que deseja desenvolver o turismo como alternativa na geração de renda, como forma de preservar os patrimônios naturais e culturais, materiais e imateriais, evitar o êxodo rural, entre outros.

As comunidades podem trabalhar com o Turismo de Base Comunitária de forma hospitaleira, desenvolvendo o turismo sustentável e considerando todos os aspectos da sustentabilidade, inclusive o econômico que se faz tão importante.

O autor, também, explica ser desnecessário o termo turismo de base comunitária, já que o termo “hospitalidade comunitária”, como o autor prefere, significa hospitalidade da comunidade e este implica o lugar, a paisagem e a comunidade.

No entanto, o termo Turismo de Base Comunitária não tem a ver com apenas hospitalidade comunitária, e sim sobre a autogestão da comunidade nas formas de receber o visitante preservando e valorizando seus patrimônios naturais e culturais, materiais e imateriais e as formas de vida tradicional da localidade.

No TBC - Turismo de Base Comunitária a renda gerada com os serviços e espaços ofertados devem permanecer na comunidade fazendo circular a economia para a melhoria das condições de vida daquela população como um todo e não apenas de grupos minoritários.

No TBC o processo de planejamento que envolve do diagnóstico à avaliação precisa do engajamento da população local e as decisões devem abarcar o maior número de grupos diversos da comunidade. Assim, a comunidade sentindo-se pertencente ao processo, possa contribuir e seja, também, retribuída de diversas formas: na autoestima, na vida social; valorizada culturalmente; na preservação de seus patrimônios, na melhoria das condições econômicas e poder ser um sujeito político que atua, se posicionando, tomando decisões, sendo considerado como sujeito cidadão que, também, sabe ou pode aprender a planejar e sentir-se seguro para agir.

A hospitalidade é elemento transversal e fundamental em qualquer tipo de turismo que se resolva desenvolver. E como Campos (2008) ressalta sobre relação dos cinco sentidos e a hospitalidade que: “O ver, o sentir, o ouvir, o tocar e o falar fazem única uma experiência turística e podem ser caracterizados como elementos essenciais de uma viagem.” (CAMPOS, 2008, p. 15)

Hospitalidade é uma via de mão dupla. O turista recebe a hospitalidade da comunidade local e retribui de diferentes formas possíveis: remunerando o anfitrião, oferecendo simpatia, respeitando os costumes locais, não poluindo e destruindo o patrimônio natural e cultural, não elevando os sons automotivos, entre outros. Nesse sentido, o dar e receber transformam, para o anfitrião e o visitante, a experiência turística em momentos agradáveis que ficam na lembrança dos que estiveram envolvidos.

O grande problema, entre outros, que se apresenta como risco no desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária é de que pequenos grupos da comunidade façam valer seus interesses pessoais acima dos interesses coletivos. Também, como chama atenção Irving (2008) quanto às dificuldades encontradas nos processos participativos fundamentais para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária em qualquer localidade. A autora faz alguns alertas sobre o assunto:

[...] custos adicionais nem sempre considerados nos orçamentos em planejamento turístico, e exigem um elevado investimento em formação de recursos humanos e construção de arcabouços metodológicos capazes de lidar com as especificidades locais e gerar respostas. Sendo assim, não se pode imaginar iniciativas de curto prazo com o objetivo de mobilização dos atores locais para o turismo de base comunitária. (Irving 2008 In: BARTHOLO; SAN SOLO; BURSZTYN (2008) p. 115)

Quanto maior representatividade presente e participantes da comunidade tiverem envolvidos, menos riscos dos benefícios gerados e do poder de decisão ficar na mão de alguns poucos. Sem a presença de diferentes grupos e principalmente que a maioria dos participantes seja de pessoas de origem local, infelizmente tenderá ser um movimento de grupo isolado, o que não poderá ser chamado de Base Local.

Isso não significa que não poderá se tornar de Base Local. Dependerá do processo e do envolvimento da comunidade. No entanto, o processo de desenvolvimento endógeno traz um sentimento de pertencimento à comunidade, o que por si só apresenta princípios da sustentabilidade. O processo é lento e exige técnicas metodológicas, flexibilidade e preparo dos grupos motivadores e coordenadores.

Além da ética, da justiça social e da democracia, fundamentais no processo faz-se necessário criar oportunidades para o envolvimento da comunidade, facilitar quanto aos horários de encontro em reuniões, motivar, aproximar-se e principalmente valorizar e considerar as opiniões e decisões da maioria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de Olhos D'Água, GO ocorreu com base em dois fatores possivelmente somados:

**Estrutural:** inúmeras mudanças administrativas ocorreram desde a década de 1930, quando o povoado pertencia a Corumbá de Goiás. Depois, como sede de município autônomo; o retorno à condição de povoado pertencente ao município de Alexânia, o tempo que ficou sem energia elétrica (1960 a 1978), entre outros. Esses processos de desconstrução e reconstrução do lugar foram penosos e afetaram a comunidade que permaneceu na localidade.

**Conjuntural:** projetos de base educacional e cultural com ênfase na cultura tradicional local realizados de 1978 a 1984 e desenvolvidos com a comunidade de agricultores e artesãos. Os processos de desenvolvimento dos trabalhos realizados no período descrito estavam comprometidos em conservar e possibilitar a transmissão das tradições locais, modos de ser e fazer considerando o bem estar e alegria da comunidade de Olhos D'Água. Um tempo, me parece, feliz!

De forma cuidadosa fez-se o possível para não afetar negativamente a vida tradicional da comunidade rural e artesã. As poucas pessoas que foram para Olhos D'Água nesse período procuraram adaptar-se e estiveram em comunhão com as formas de vida local. No final tiveram que se afastar por diversos motivos. Esse processo, também, foi doloroso para a comunidade participante.

Com o passar do tempo, inúmeros outros grupos, moradores fixos e de segunda residência, visitantes e turistas assíduos começaram a deslocar-se para a localidade com objetivos e anseios pessoais diversos. Esse movimento acelerado de novos grupos chegando, acomodando-se, trazendo a modernidade no modo de ser e fazer para dentro de uma comunidade, antes tradicional e agora entre mundos diversos, resultou em conflitos.

Os conflitos interculturais constantes nos encontros hospitaleiros e hostis acontecem nos espaços de convivência de Olhos D'Água e revela a distância e aproximação entre a modernidade e a tradição. A dualidade entre mundos revela-se no

encontro, onde o turista vem em busca do original, daquilo que é singular, da tradição na forma mais pura e por outro lado traz consigo o peso de uma bagagem contemporânea. Aquele que chega, acampa estabelecendo um mundo diverso, a modernidade, e inspira os anfitriões a alcançá-la.

Visitantes e novos moradores que chegam geram emprego e renda, benefícios que não excluem o aumento das situações-problemas percebidas e apresentadas e os conflitos, ainda, não tão revelados.

Moradores antigos e originários da região contemplam, duvidam, são atraídos e resistem à modernidade e se encontram em dois mundos: o mundo das tradições e formas de ser e fazer dos antepassados e outro representando um futuro. Os dois universos distantes se aproximam e se misturam e os resultados apresentam-se de diferentes formas, complicadas ou ajustadas, divergentes, em crise identitária, flexível ou intransigente. Esse contínuo processo de construção, desconstrução e reconstrução social da comunidade de Olhos D'Água exige outras reflexões.

O caminhar entre esses tempos e movimentos chama atenção para a necessidade de aprofundamento em estudo e pesquisas futuras visando compreender melhor a complexidade dos processos apresentados e possibilidades de contribuir na mediação ou amenização dos conflitos interculturais. O esforço recíproco de convivência entre culturas diversas, modernidade e tradição, requer disposição para se colocar no lugar do outro, principalmente, por parte daquele que chega de outro lugar visitando ou fixando-se na comunidade.

A motivação interna, individual e coletiva com respeito ao outro, à comunidade, ampliado pela consciência social e comunitária, e certamente, a disposição ou vontade pessoal e política tornam-se fundamentais no processo de mediação intercultural.

Atualmente, Olhos D'Água, provavelmente, encontra-se na fronteira do que pode ser chamado de sustentável, pois diversos problemas, revelados ou não, estão se avolumando e não há ainda um planejamento estratégico e sistêmico.

Planejamento sistêmico refere-se ao planejamento integrado com base nos Plano Diretor do Município; Plano Local; Plano de Turismo; Plano Ambiental, Plano Econômico, entre outros instrumentos e mecanismos. O planejamento sistêmico,

também considera o processo de desenvolvimento histórico, as configurações atuais e as relações sociais entre os diferentes grupos conviventes. É fundamental e imprescindível a participação comunitária, a supervisão, coordenação e apoio técnico com visão holística no processo de planejamento que se pretende sustentável.

Assegurar a sustentabilidade da localidade com responsabilidade prevê a participação de diversos atores, entidades e comunidade e planejamento democrático considerando as diversas abordagens interligadas: social, ambiental, cultural, econômica, institucional e política, entre outras. Apenas o foco econômico não é suficiente. Ao priorizar o setor econômico sobre os demais, os efeitos gerados podem ser desastrosos e irreversíveis para a comunidade, seu ambiente como um todo e para as relações entre culturas diversas que passam a conviver nos mesmos espaços.

A sustentabilidade do turismo e de outras atividades em Olhos D'Água/GO depende de ações conjuntas e à população local e originária devem ser proporcionados todos os meios para que tenha autonomia e poder de decisão. Os arranjos locais podem surpreender se à comunidade forem oferecidos os meios de se manifestar, planejar e assumir suas responsabilidades.

Algumas propostas apresentadas no Quadro 2 - “Temas de Situações-Problemas e Propostas Sugeridas” (Apêndice 2) são viáveis em curto prazo, outras sugestões levarão um tempo maior para serem concretizadas. O importante é que boas ideias existem e podem agregar muitos pontos positivos para uma localidade que se quer sustentar, ser sustentável.

As possibilidades de trabalhar com o turismo são muitas e as parcerias necessárias podem gerar oportunidades para jovens locais e a comunidade em geral contribuindo para a melhoria das condições socioeconômicas locais. A partir da comunidade, elemento principal, acompanhado das necessárias orientações técnicas e rede de cooperadores podem-se criar momentos de experiências memoráveis, lúdicas, de desenvolvimento pessoal, melhores relações sociais e união comunitária para o bem geral de turistas e, principalmente, para a própria comunidade receptora.

O processo de planejamento, ações, acompanhamento, monitoramento, avaliação, readequação, reposicionamento, novo planejamento, novas ações exige

transparência, informação e comunicação e a participação das escolas locais é fundamental.

O sucesso das experiências com os Projetos de Integração Escola - Comunidade realizados entre 1978 - 1984, o desenvolvimento da Escola Experimental e as ações da APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água demonstram que a partir das escolas pode-se envolver a comunidade de forma mais efetiva e duradoura.

O Turismo de Base Comunitária poderá ser trabalhado de forma interna com crianças e jovens das escolas e com a comunidade nas oficinas já existentes e em outras a serem criadas considerando as atividades artesanais, agrícolas, de produção alimentícia e festividades tradicionais. A conscientização ambiental e a hospitalidade devem ser, também, trabalhadas na escola e na comunidade de forma dinâmica, atrativa e permanente, pois são imprescindíveis e transversais no desenvolvimento do turismo sustentável.

As atividades realizadas com os turistas podem ser construídas a partir da comunidade que pretende receber turistas em suas oficinas, áreas agrícolas e/ou de produção e festas, em possíveis roteiros a serem criados, treinamento de guias mirins, entre outras ideias. A vocação turística de Olhos D'Água é promissora, mas não única e nem isolada. É preciso considerar outras áreas interligadas e transversais ao turismo (ambiental, saúde, educação, trabalho, agricultura), entre outros campos e áreas, que afetam a sustentabilidade local.

Para trabalhar o turismo na localidade de Olhos D'Água, visando a sustentabilidade ao longo do tempo, faz-se necessário que o planejamento seja realizado de forma sistêmica com visão holística.

Que crianças, jovens, pais, mestres, agricultores, artesãos, comerciantes, entre outros, tenham voz de fato. Que grupos da comunidade possam contar com orientação técnica e incentivos. Desse modo, eles mesmos, a comunidade, em um processo de aprendizagem contínua, poderá construir seus planos/programas/projetos e desenvolvê-los da forma que entender ser a melhor.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário. (org.). **Turismo Rural: Ecologia, Lazer e Desenvolvimento**. Editora EDUSC; Universidade do Sagrado Coração, Bauru – SP, 2000, 264 p.

APCAB – Associação Portuguesa de Cultura Afro-Brasileira. **Lundu, A Herança Musical**. WORDPRESS. Disponível em: <https://apcab.wordpress.com/category/identidade-afro-brasileira/page/2/> Acesso em: 10/07/2018.

Associação Internacional das Cidades Educadoras. **Carta das Cidades Educadoras**. Declaração de Barcelona (1990) Disponível em: <http://www.edcities.org/wp-content/uploads/2013/10/Carta-Portugues.pdf> Acesso em: 19/08/2018.

BERTRAN, P. & FLEURY, G. **História da Terra e do Homem no Planalto Central – Eco-história do Distrito Federal: do Indígena ao Colonizador**. Brasília, Verano, 2000.

SANTOS, Paulo Afonso dos. **Olhos d'Água, Olhos d'Alma: de bem cultural a patrimônio goiano**. Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural. Área de Concentração: Antropologia. Projeto de Gestão apresentado à Banca Examinadora da Universidade Católica de Goiás. Pós Graduação e Pesquisa, Instituto de Pré-História e Antropologia. Goiânia, 2005. Disponível em: <http://docplayer.com.br/46238619-Olhos-d-agua-olhos-d-alma.html> Acesso em 19/09/2018.

BLOG. **Projeto Municípios de Goiás. Municípios Goianos: Município de Alexânia**. (5/04/2011) Disponível em: <http://projetogoias.blogspot.com.br/2011/04/alexania.html> Acesso em: 27/04/2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação Popular**. 1984. Disponível em: <http://www.ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf> Acesso em: 27/05/2015.

\_\_\_\_\_. **O Que é Método Paulo Freire**. Coleção Primeiros Passos Vol. 38; Brasiliense, São Paulo; 1981.

\_\_\_\_\_. **O que é Folclore**. Coleção Primeiros Passos – Vol. 60, Brasiliense; São Paulo, 1984. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/24457599/brandao-c-o-que-e-folclore> Acesso em: 14/07/2018

BRASIL. DNIT - Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes. **Nomenclatura das Rodovias Federais**. (Cicero Almeida – 05-04-2017) Disponível em: <http://www.dnit.gov.br/rodovias/rodovias-federais/nomenclatura-das-rodovias-federais> Acesso em: 20-05-2017.

BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Alexânia**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/alexania/panorama> Acesso em 23/04/2018.

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Biblioteca. Goiás. **Corumbá de Goiás. Histórico.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/goias/corumbadegoias.pdf> Acesso em: 01/05/2018.

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agência de Notícias. **IBGE divulga as estimativas populacionais dos municípios para 2017.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/16131-ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-para-2017.html> Acesso em: 05/09/2016.

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama - Alexânia - População Estimada em 2018.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/alexania/panorama> Acesso em: 07-11-2018.

IBGE – Brasília/Distrito Federal - Panorama – População Estimada (2018). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/brasil/panorama> Acesso em: 09-11-2018.

BRASIL. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **História – Corumbá de Goiás (GO).** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1463> Acesso em: 04/05/2018.

BRASIL. Presidência da República – Casa Civil. **Decreto Nº 7.469, de 4 de Maio de 2011. Criação da RIDE/DF.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7469.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7469.htm) Acesso em: 04/05/2018.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE/DF (MAPA).** Disponível em: [http://www.mi.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=ad54e03d-3b2b-469f-8215-c50050eca9cd&groupId=63635](http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=ad54e03d-3b2b-469f-8215-c50050eca9cd&groupId=63635) Acesso em: 14/05/2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo (2018 - 2022) - Mais emprego e renda para o Brasil.** Ministério do Turismo, Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/images/mtur-pnt-web2.pdf> Acesso em: 19/08/2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária - Desafios para a formulação de política pública.** Ministério do Turismo, Brasília, 2010. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Caderno MTur alta res.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Caderno MTur alta res.pdf) Acesso em: 19/08/2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Economia da Experiência -Tour da Experiência. Cartilha Completa.** Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_p](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_p)

[publicacoes/Cartilha\\_Metodologia\\_Projeto\\_Economia\\_Experiencia.pdf](#) Acesso em 30/09/2018.

BRASIL. Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil. **CONCEBRA – BR – 060/153/262/DF/GO/MG**. Disponível em: <http://www.concebra.com.br/empresa/a-triunfo-concebra.aspx>] Acesso em: 19/09/2018.

BUENO, Inácio. **Coleção Meu Universo – Entrevista - Sinleir Fazzolino**. Revista Aula Maior, p. 12. São Paulo, 1976.

BURSZTYN, Ivan; Ivan BARTHOLO; DELAMARO, Maurício. **Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil**. In: Turismo de Base Comunitária: Diversidades de Olhares e Experiências Brasileiras. BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. (Org.) Letra e Imagem. COPPE/UFRJ. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/publicacoes/item/44-turismo-de-base-comunitaria.html> Acesso em 16/08/2018.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALEXÂNIA. **O Município: História - Formação Administrativa**. Disponível em: <https://www.camaraalexania.go.gov.br/paginas/portal/paginaInterna?id=1>

Acesso em: 27/04/2018.

CAMBI, Franco. **Storia della pedagogia - História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini – São Paulo Fundação Editora UNESP (FEU), 1999 – (Encyclopaedia). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/381155128/Historia-Da-Pedagogia-Franco-Cambi> Acesso em: 13-07-2018.

CARVALHO, Vladimir. **Um Documentário de Vladimir Carvalho: MUTIRÃO** – curta-metragem, 16 mm, Cor, 19 min., 1976. DVD

CAMPOS, Sinara Rafaela. Os cinco sentidos da hospitalidade. Revista Acadêmica - Observatório do Turismo; Vol. III nº 1, 2008. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit/article/view/5694/4408> Acesso em: 03/10/2018.

CASTAGNA, Paulo. **A Modinha e o Lundu nos Séculos XVIII e XIX**. Instituto de Artes - História da Música Brasileira. UNESP, 2014. Disponível em: <https://escriturasvirreinales.files.wordpress.com/2014/04/lundum-y-modinha.pdf> Acesso em: 23-04-2018.

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE/DF**. In: Atlas do Distrito

Federal 2017. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Atlas-do-Distrito-Federal-2017.pdf> Acesso em: 23/09-2017.

CRESPI, Emerval.(Coordenação) **Bumba Meu Boi D'Água**. Associação Bumba Meu Boi; Olhos D'Água, Alexânia/GO, 2003.

CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo, Cortez; 1985.

DEL GROSSI, Mauro Eduardo; GRAZIANO DA SILVA, J. **O Novo Rural Brasileiro**. Projeto Rurbano. FAPESP; PRONEX/CNPq-FINEP. Oficinas de Atualização Temática. Ocupações Rurais Não-Agrícolas. 1998. Disponível em: [http://www.iapar.br/arquivos/File/zip\\_pdf/novo\\_rural\\_br.pdf](http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/novo_rural_br.pdf) Acesso em 23-04-2016.

ESTADO DE GOIÁS. Secretaria de Educação e Cultura. Conselho Estadual de Educação. **Resolução N° 094, de 25 de Junho de 1981 - Autoriza o Funcionamento de Curso a nível de 1º Grau - Escola Experimental de Olhos D'Água, do Município de Alexânia**. Parecer n° 266/81; Processo N° CEE - 231/81. Homologado em 04 - 08 - 1981.

FAZZOLINO P., Monica. **Processo Histórico e Social do Projeto Educacional no Povoado Santo Antonio de Olhos D'Água - Goiás**. Artigo Monográfico em cumprimento às exigências para título de Especialista em Gestão Educacional no Curso de Pós-Graduação (*Lato Sensu*); orientação Clara Duran. Universidade Estadual de Goiás; Anápolis/GO, 2005.

FAZZOLINO, Sinlel e SCHWARTZ, Stephen Lee. **English. Livros Didáticos - Coleção Nível Básico ao Pré-Avançado**. LISA S.A; São Paulo, 1973.

FAZZOLINO, Sinlel e Outros. **Meu Universo Comunicação e Expressão**. Livros Didáticos – Coleção Comunicação e Expressão – Cartilha – 8ª Série. EDART; São Paulo, 1974 -1975.

FAZZOLINO, Sinlel. **Plano de Funcionamento da Escola Experimental**. Olhos D'Água, Alexânia, GO, 1979.

FAZZOLINO, Sinlel. Plano de Trabalho da Escola Experimental. Olhos D'Água, Alexânia/GO, 1982

FAZZOLINO, Sinlel. **Gráfico do Projeto Meu Universo**, Coleção de Livros didáticos: Comunicação e Expressão Meu Universo. São Paulo (1974/ 1975)

FAZZOLINO, Sinlel. **Relatórios dos Projetos de Integração Escola-Comunidade (1982, 1983, 1984)** Olhos D'Água, Alexânia/GO

FERREIRA, LC. **A questão ambiental. Sustentabilidade e Políticas Públicas no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

FERREIRA, LC; VIOLA E. **Incertezas de sustentabilidade na globalização**. Campinas: UNICAMP, 1997.

FRANCO, José Luiz de Andrade. **Patrimônio Cultural e Natural, Direitos Humanos e Direitos da Natureza: Ética Ambiental, Ciência e Apreciação Estética**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 5ª edição. Rio de Janeiro; Ed. Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa**. São Paulo; Paz e Terra, 1996.

FROEHLICH, J. M. **Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento**. In: Almeida, J.; Riedl, M.. (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. 1ed. Bauru: EDUSC, 2000, v. 1, capítulo 7; p. 181-198.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo, Atlas, 2008.

ESTADO DE GOIÁS. Secretária de Estado da Casa Civil. **Criação de Municípios**. Disponível em: [http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/criacao\\_de\\_municipios/alexania/diario\\_14\\_11\\_1\\_958.pdf](http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/criacao_de_municipios/alexania/diario_14_11_1_958.pdf) Acesso em: 30/04/2018.

ESTADO DE GOIÁS. Secretaria da Casa Civil. **Lei 2.115, de 14 de Novembro de 1958. Cria o Município de Olhos D'Água e dá outras providências**. Disponível em: [http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis\\_ordinarias/1958/lei\\_2115.pdf](http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/1958/lei_2115.pdf) Acesso em: 30/04/2018.

ESTADO DE GOIÁS. Secretária de Estado da Casa Civil. **Lei Nº 4.919 Muda o nome de Município e dá outras providências(D.O. de 04-12-1963)**. Disponível em: [http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis\\_ordinarias/1963/lei\\_4919.pdf](http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/leis_ordinarias/1963/lei_4919.pdf) Acesso em: 30/04/2018

GOVERNO MUNICIPAL DE ALEXÂNIA. **Município: História - Formação Administrativa**. Disponível em: <http://www.alexania.go.gov.br/municipio/historia> Acesso em 24/07/2017.

IRVING, Marta de Azevedo. **Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária – Inovar é possível?** In: **Turismo de Base Comunitária: Diversidades de Olhares e Experiências Brasileiras**. BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. (Org.) Letra e Imagem. COPPE/UFRJ.

JORNAL DO BRASIL. MARTINS, Edilson Martins. **Meu Universo -Quando Alfabetizar é igual a humanizar**. Jornal do Brasil 29/03/1975.

JORNAL DO BRASIL. Carlos **Drummond de Andrade** – **Olhos D'Água**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21-01-1975, p. 5.

JORNAL CAMARIM. **Sinlei - Diretora da Escola Experimental de Olhos D'Água**. Allan Pimentel. Dezembro/1988.

JORNAL CORREIO BRASILIENSE. **É Tempo de Troca-Troca em Olhos D'Água**. Correio Brasiliense. Brasília 02 de Dezembro de 1981.

JORNAL CORREIO BRASILIENSE. PIMENTEL, Allan. **Feira de Olhos D'Água: Trocas como nos velhos tempos**. Correio Brasiliense, Brasília, 05 de junho de 1987. Cultura em debate, p:25.

JORNAL DA ESCOLA EXPERIMENTAL. **Projeto Integração Educação Básica e os Diferentes Contextos Culturais Existentes no País** (SEC - MEC). Nº 9 de Outubro de 1982; Olhos D'Água, Alexânia, GO.

JORNAL DA ESCOLA EXPERIMENTAL. **Projeto Integração Escola - Comunidade** (SEC – MEC). Nº 26 – Ano III – 1984; Olhos D'Água, Alexânia, GO.

JORNAL FOLHA DE GOYAZ. **Olhos D'Água -Um Agradável Modo de Viver**. Folha de Goyaz - Caderno 2 - Goiânia 24 de março de 1982.

JORNAL O POPULAR. Economia. **Infraestrutura é o maior desafio: Grupo de Trabalho intergovernamental será criado para estudar estratégias para fortalecimento do eixo**. 03/06/2014. Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/economia/infraestrutura-%C3%A9-o-maior-desafio-1.564017> Acesso em: 27/05/2017.

JÖRN RÜSEN. *Historische Vernunft* **Razão Histórica Teoria da História I: Os Fundamentos da Ciência Histórica**. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília, Editora UnB: 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/244287290/rusen-jorn-razao-historica-teoria-da-historia-pdf> Acesso em: 18/04/2018.

JÖRN RÜSEN. *Rekonstruktion der Vergangenheit* - **Reconstrução do Passado – Teoria da História II: Os Princípios da Pesquisa Histórica**. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília, Editora UnB: 2007.

JÖRN RÜSEN. *Lebendige Geschichte* - **História Viva: Teoria da História III: Formas e Funções do Conhecimento Histórico**. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília, Editora UnB: 2007.

LIMA, Carla Araujo de; GOMES, Iana Teresa Moura. **A Dança do São Gonçalo na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo - Um Primeiro Olhar para seu Registro Coreográfico**. IFCA, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48442660-A-danca-de-sao-goncalo-na-comunidade->

[quilombola-da-serra-do-evaristo-um-primiero-olhar-para-seu-registro-coreografico-1.html](#) Acesso em: 19/05/2018.

LIMA, Edilson Vicente de. **O Enigma do Lundu**. Revista Brasileira de Música – Escola de Música – UFRJ, v.23/2; 2010. Disponível em: <http://www.rbm.musica.ufrj.br/edicoes/rbm23-2/rbm23-2-08.pdf> Acesso em: 19/05/2018.

MAKANSE, Yousra; ALMEIDA, Marcelo Vilela de. **Turismo e Voluntariado: Estudo sobre a Experiência Solidária no Âmbito do Turismo**. Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR, Penedo, vol. 4 n. 1, p. 35 – 51, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/viewFile/1191/946> Acesso em: 02/10/2018.

MOURA, Marlene Castro Ossami de. **A Festa de Nossa Senhora do Rosário: A Festa da Santa, do Padre e dos Tapuias**. Revista de Ciência da Religião; v. 6, n. 2 p. 293-313; jul./dez.; 2008. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/957/670> Acesso em: 19/05/2018.

ONUBR - Nações Unidas no Brasil. Programa Voluntário das Nações Unidas (UNV) - UN-Voluntários: Inspiração em Ação. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-no-brasil/unvvpnud/> Acesso em: 02/10/2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALEXÂNIA/GO. **Moradores de Olhos D'Água dão Exemplo de Civilidade**. Notícias - Informes, Governo Municipal de Alexânia Disponível em: [http://www.alexania.go.gov.br/informes/noticias-do-gabinete\\_/602-moradores-de-olhos-d-agua-dao-exemplo-de-civilidade](http://www.alexania.go.gov.br/informes/noticias-do-gabinete_/602-moradores-de-olhos-d-agua-dao-exemplo-de-civilidade) Acesso em: 12/07/2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALEXÂNIA/GO. **Lei Nº 1.274/2013**. Disponível em: [[http://portal.alexania.go.gov.br/transp/assets/filesupload/leis/LnWdECqgBGLei\\_1274\\_2013\\_Abertura\\_de\\_Cr%C3%A9dito\\_Especial\\_a\\_Lei\\_Orcament%C3%A1ria\\_para\\_o\\_exercicio\\_de\\_2013\\_-\\_13-12-2013.pdf](http://portal.alexania.go.gov.br/transp/assets/filesupload/leis/LnWdECqgBGLei_1274_2013_Abertura_de_Cr%C3%A9dito_Especial_a_Lei_Orcament%C3%A1ria_para_o_exercicio_de_2013_-_13-12-2013.pdf)] Acesso em: 21/07/2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALEXÂNIA/GO. **Plano Diretor de Alexânia – Lei Complementar nº 892/2006**. Alexânia/GO; 11-10-2006.

PROJETOS DE INTEGRAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE:

- Projeto Fazendo Arte, FUNART. Olhos D'Água/GO; 1981.
- Projeto Integração Escola - Comunidade. SEC /MEC; Olhos D'Água/GO; 1982 - 1984.
- Programa de Ensino Livre. SEC /MEC; Olhos D'Água, GO; 1982.



- Educação Básica e Adulta fora do Sistema Formal de Ensino. Secretaria de Serviços sociais de Goiás e Distrito Federal. Olhos D'Água/GO; 1982/83.
- Interação entre a Educação Básica e os Contextos Culturais Existentes no País. SEC/MEC; Olhos D'Água/GO; 1982/83.
- Música e Interação entre Educação Básica e Culturas Regionais. Instituto Nacional de Música. Olhos D'Água/GO; 1982/83.
- Escola – Produção – PRONASCEC/Rural/GO. Olhos D'Água/GO; 1982.

PIMENTEL CINTRA, Jorge. **O Mapa das Cortes e as Fronteiras do Brasil**. Boletim de Ciência Geodésicas. Artigos, Curitiba, v. 18, nº3, p. 421-445, Jul-Set, 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3939/393937725005/> Acesso em: 02-05-2018.

PORTAL OLHOS D'ÁGUA. **Olhos D'Água**. Disponível em: <https://www.olhosdaguagoias.com.br/> Acesso em 30/04/2018

PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ DE GOIÁS. **Lei Nº 215 de 01 de Setembro de 1958.**”Dispõe sobre a criação do Município de Santo Antônio de Olho d’água” e Art. 2º “... Lei nº 170 de 26 de dezembro de 1953”. 01/09/1958.

QUEIROZ, Enedina Fernandes de. **Olhos D'Água: A História de sua Origem**. Memorial Olhos D'Água, Olhos D'Água, Alexânia/GO, 2018.

REZENDE, Ricardo de Oliveira. **Por uma Geografia da Hospitalidade: O Lugar, a Racionalidade e a Hospitalidade em Comunidades que Recebem Visitantes**. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Neio Lúcio de Oliveira Campos. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade de Brasília. Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22169> Acesso em: 03/10/2018.

SANTANA, Alex Tristão; DEUS, João Batista de; MARTINS, Emerson; CHAVEIRO, Eguimar Fleício. **A Rodovia BR-060 no Centro-Oeste Brasileiro: Dinâmica Territorial e Legendas Espaciais**. GEO UERJ Rio de Janeiro n.29, p. 105 – 132, 2016. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/16918/19561> Acesso em: 19/07/2018

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. **A Festa de São Gonçalo na Viagem em Cartas de La Barbinais**. IFCS/UFRJ; Via Spiritus 11 (2004) 221-238. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3437.pdf> Acesso em: 19/05/2018.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria. L. **Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional** In: O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI (Cap. 2). Rio de Janeiro; Record, 2008. Disponível em: [<https://www.passeidireto.com/arquivo/22966445/santos-milton-o-brasil---territorio-e-sociedade-no-inicio-do-seculo-xxi.pdf>] Acesso em: 12/05/2017.

SEPLAN Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento. Região do Entorno do Distrito Federal. **Plano Diretor de Alexânia**. 2004. Disponível em: [[http://www2.seplan.go.gov.br/seplan/down/planodiretor/PD\\_Alexania.pdf](http://www2.seplan.go.gov.br/seplan/down/planodiretor/PD_Alexania.pdf)]. Acesso em 14/03/2015.

SILVA, José Graciano da; DEL GROSSI, Mauro Eduardo. **O Novo Rural Brasileiro**. Oficina de Atualização Temática; Ocupações Rurais Não Agrícolas (ORNA); Projeto Urbano. Unicamp; FAPESP; PRNEX/CNPq –FINEP. 2000.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte. **Notas Para Uma História do Planalto Central A Partir de Santo Antônio de Olho D'Água**. In: A Construção de Brasília Modernidade e Periferia (Apêndice A –). UFG, Goiânia, 1997; 140 p..

SILVA, Rogério Chaves da. **“Método e Sentido”**: a pesquisa e a historiografia na teoria de Jörn Rüsen. Fronteiras: Revista Catarinense de História. Florianópolis, n.17. p.33-55, 2009. Disponível em: [http://www.anpuh-sc.org.br/revfront\\_17%20pdfs/art2\\_format\\_metodo\\_sentido\\_rogerio.pdf](http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_17%20pdfs/art2_format_metodo_sentido_rogerio.pdf) Acesso em: 24/04/2018.

SILVA, Rogério Chaves da. **Dimensão Narrativa e a Didática da História em Jörn Rüsen**. Goiânia; UFG. Revista OPSIS, Catalão, v.9, n. 12; jan. – jun. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/viewFile/9447/6535> Acesso em: 24/04/2018.

SOBRINHO, Fernando Luiz Araujo. **Turismo e Dinâmica Territorial no Eixo Brasília – Goiânia**. Universidade Federal de Uberlândia; Instituto de Geografia; Tese de Doutorado. Uberlândia/MG. 2008. Disponível em: [<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15916/1/TurismoDinamicaTerritorial.pdf>] Acesso em: 06/05/2017.

SILVA, E. A. M.; SOBRINHO, F. L. A.; FORTES, J. A. A. **A importância geoestratégica do Aeroporto Internacional de Brasília no desenvolvimento do turismo regional**. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 303-316, dez. 2015. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1220/450> Acesso em: 30-05-2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Algumas Notas Sobre A Importância Do Espaço Para O Desenvolvimento Social**. Revista Território, ano 11, nº 3, jul./dez, 1997. Disponível em: [[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03\\_3\\_souza.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03_3_souza.pdf)] Acesso em: 07/04/2017.

SUDECO em Rede. **Municípios RIDE-DF**. Disponível em: <http://www.sudeco.gov.br/municipios-ride-df> Acesso em: 22/04/2018.

SUDECO – Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste. **Relatório de Gestão do Exercício de 2016**. Disponível em: <http://www.sudeco.gov.br/documents/20182/21368/Relat%C3%B3rio+de+Gest%C3%A3o+2016.pdf/f2b831bf-9cdc-405b-b10e-982b07dfd94a> Acesso em: 22/04/2018.

UNESCO. DELORS, Jaques **Educação – Um Tesouro a Descobrir**. (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI – Comissão). Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Brasília, Julho de 2010.

UNESCO. **Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – Objetivos de Aprendizagem**. Agenda Global da Educação 2030. UNESCO, 2017.

WWOOF - FOWO - Federation of WWOOF Organisations. **WWOOF - Our Mission Statement**. (What is WWOOF?) Disponível em: <https://wwoof.net/what-is-wwoof/>  
Acesso em: 16/11/2018.

## ANEXOS

[Anexo 1 - \(Parte 1\)](#) - Logotipo da Escola Experimental de Olhos D'Água/GO

[Anexo 1 - \(Parte 2\)](#) - Plano de Trabalho da Escola Experimental de Olhos D'Água/GO, 1982

[Anexo 2](#) - Conselho Estadual de Educação Resolução N° 094, de 25 de Junho de 1981 - Autorização para Funcionamento da Escola Experimental de Olhos D'Água/GO

[Anexo 3 \(Parte 1\)](#) - Plano de Funcionamento da Escola Experimental de Olhos D'Água, 1979

[Anexo 3 \(Parte 2\)](#) - Plano de Funcionamento (Objetivos) - Escola Experimental de Olhos D'Água, 1979

[Anexo 3 \(Transcrição\)](#) Plano de Funcionamento da Escola Escola Experimental de Olhos D'Água/GO, 1979

[Anexo 4](#) -Jornal da Escola Experimental de Olhos D'Água/GO - 1981 - Ano I - N° 15  
Capa e Matéria Interna

[Anexo 5](#) - Jornal da Escola Experimental de Olhos D'Água/GO - 1981 - Ano I - N° 13  
Capa e Matéria Interna

[Anexo 6](#) - Jornal da Escola Experimental de Olhos D'Água/GO - 1982 - Ano II - N° 16  
Capa e Matéria Interna

[Anexo 7](#) -Jornal da Escola Experimental de Olhos D'Água/GO - 1982 - Ano II - N° 23  
Capa e Matéria Interna

[Anexo 8](#) - Gráfico Projeto Meu Universo - Coleção de Livros Didáticos de Comunicação e Expressão Meu Universo (1974/75) - (Autoria de Sinclei Fazzolino, 1977)

[Anexo 9](#) - Pontos de Referência para Compreensão da Obra Meu Universo (Sinclair Fazzolino, 1977)

[Anexo 10 - \(1\)](#) Ofício - 1980 - APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água/GO. Pedido de Auxílio aos Deputados Ôlho D'Água 9 de Setembro de 1980

[Anexo 10 - \(2\)](#) Ofício nº 02 - 1981 APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água. Pedido de Auxílio - Encontro de Catireiros do Planalto Goiano

[Anexo 11 - \(1\)](#) Ofício 10 - 1981 APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água - Pedido de Convênio (Alimentação Natural para Merenda Escolar) ao Diretor do CNAE

[Anexo 11 - \(2\)](#) Ofício nº 07 - Fiação e Tecelagem ( Pedido de Fardos de Algodão) Compra pelo SESI - 1981

[Anexo 12](#)- Justificativa - Plano de Ação Projeto de Integração Escola Comunidade. Olhos D'Água/GO, 1983

[Anexo 13](#) - Resumo do Trabalho de 1982 - Projeto Integração Escola - Comunidade - Olhos D'Água/GO

[Anexo 14](#) - Relatório 1982 - Projeto: Música e Interação Entre a Educação Básica e Culturas Regionais - Olhos D'Água - GO

[Anexo 15](#) - Relatório de 1983 - Projeto de Integração Escola - Comunidade - Olhos D'Água/GO

[Anexo 16](#) - Ofício - APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água/GO 1983 - Solicitação de verba (para 1983 e Férias Escolares - Escola Experimental) ao Coordenador SEC-MEC Sr. José Quintas

[Anexo 17](#) - 1984 - Depoimento de pessoas envolvidas no Projeto de Integração Escola - Comunidade - Olhos D'Água/GO, 1984

[Anexo 18](#) - Relato da Experiência - Projeto Integração Escola - Comunidade. ( Escola Experimental e envolvimento recente da Escola Padre Antonio Marcigalha)- Olhos D'Água, Sinclair Fazzolino, 1985

[Anexo 19](#) - Relatório Projeto Integração Escola Comunidade Olhos D'Água,/GO, 1984

[Anexo 20](#) - Ofício APMA - Associação de Pais, Mestres e Amigos de Olhos D'Água/GO - Encaminhamento de Projeto para o ano de 1985

[Anexo 21](#) - Projeto Integração Escola Comunidade para 1984/85 - Envolvimento da Escola Padre Antonio Marcigalha em Olhos D'Água/GO Relatório e Justificativa

[Anexo 22](#) - Proposta Objetivos e Metas para os anos de 1984/85. Olhos D'Água/GO

[Anexo 24](#) - Jornal Camarim ( Allan Pimentel, Dez./1988) - Sinclei Fazzolino - Diretora da Escola Experimental. (Olhos D'Água/GO, 1988)

## APÊNDICES

[Apêndice 1](#) - Quadro 2 - "Narrativas das Experiências do período de 1978 a 1984 em Olhos D'Água/GO"

[Apêndice 2](#) - Quadro 3 - "Temas de Situações-Problemas e Propostas Sugeridas" Olhos D'Água, 2018